

**PODER E CONSENTIMENTO:
uma performance sobre o discurso**

Mariana Correia Gomes

**Trabalho de Projeto em
Ciências da Comunicação – Comunicação e Artes**

novembro de 2019

Trabalho de Projeto apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Comunicação – Comunicação e Artes, realizado sob a orientação científica do Professor Doutor João Garcia Miguel.

*À minha mãe,
que muito lutou e nunca desistiu,
e tudo fez para que eu pudesse sonhar.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais e à minha família. À Florinda, ao Tó, ao Hélio, à Zezé e à pequena Mafalda. Por todo o amor do mundo, pela curiosidade e pela força.

Agradeço às minhas amigas e amigos de infância e adolescência covilhanenses. Pela persistência de hoje, pelas perguntas que fizemos e fazemos em conjunto, por todo o carinho e apoio nas aventuras que nos cabem.

Agradeço também às amigas e amigos que fui encontrando no caminho da minha formação artística. Pela resistência, pelo amor, pela arte, pelos dramas, preocupações e pela luta. Estamos aqui, juntas e juntos, para isso mesmo.

Agradeço aos meus amigos da Duque de Loulé, aos Joões, ao Sérgio, ao Alex e ao Zé, mais as nossas pequenas gatas e o cão. Uma casa onde partilhei e aprendi muito do que aqui agora dou.

Agradeço às amigas, amigos e camaradas ativistas com quem aprendi a ver as nossas vidas e o futuro de outra forma. Com quem aprendi a discutir e a construir o mundo coletivamente.

Agradeço às minhas colegas de trabalho, especialmente à Paula e à Joana, a amizade, a paciência e a disponibilidade, porque sem isso teria sido mais difícil.

Agradeço à Vera, à Diana, ao João, à Inês e à Laura, que foram ter comigo no dia 23 de julho. Que importante que foi! Parte da reflexão que aqui apresento, deve-se também às suas opiniões, ideias e visão crítica.

E pela terceira vez, agradeço ao João Mineiro. A pessoa por quem tenho um amor que não posso medir. Que me ama, que me segura e me apoia. Juntos provocamos, sentimos e desafiamos o caminho de cada um de nós. Juntos construímos o futuro agora.

Obrigada pela visão crítica, pelas conversas e pelas discussões que possibilitaram à abertura dos possíveis.

Tenho a todas estas pessoas um amor imenso.

E agradeço tanto também ao pessoal do Teatro Ibérico, que foram incansáveis na produção e concretização da minha visão para a performance.

E agradeço ao meu orientador, João Garcia Miguel, pelo apoio, pelas perguntas e pelos desafios.

Obrigada.

PODER E CONSENTIMENTO: UMA PERFORMANCE SOBRE O DISCURSO

MARIANA CORREIA GOMES

Palavras-chave: performance; arte; política; consenso; discurso político; fascismos.

Resumo:

Este Trabalho de Projeto discute e reflete sobre o processo de criação e recepção da performance artística *ESTE É O VOSSO DIA. ESTA É A VOSSA CELEBRAÇÃO*. Criada e apresentada pela autora, no âmbito do projeto de mestrado, esta performance parte dos primeiros discursos políticos oficiais de governantes populistas e de extrema-direita que foram eleitos recentemente, Donald Trump, Jair Bolsonaro, Viktor Orbán e Matteo Salvini, criando e articulando, a partir deles, um novo discurso, a ser apresentado a uma plateia que não reconhece, à partida, a origem das palavras que ouve. Tendo por base esta experiência performativa, a sua criação, discussão, apresentação e recepção, este trabalho analisa estes discursos políticos, na sua forma e conteúdo, procurando pensar de que maneira eles criam e constituem narrativas que conduzem estes projetos políticos ao poder. Para tal, propõe-se uma reflexão sobre a relação entre a arte a política, *política* e *polícia*, poder e *consenso* e *inconsciente coletivo*.

Keywords: performance; art; politics; consensus; political discourse; fascisms.

Abstract:

This Project Work discusses and reflects on the process of creation and acceptance of artistic performance *ESTE É O VOSSO DIA. ESTA É A VOSSA CELEBRAÇÃO*. Created and presented by the author, within the scope of the master's project, this performance starts from the first official political discourses of populist and extreme-right leaders who were recently elected, Donald Trump, Jair Bolsonaro, Viktor Orbán and Matteo Salvini, creating and articulating, from them, a new discourse, to be presented to an audience that does not recognize the origin of the words it hears from the start. Based on this performative experience, its creation, discussion, presentation and acceptance, this work analyzes these political discourses, in their form and content, in an attempt to think in what way they create and constitute narratives that lead these political projects to power. To this end, it is proposed a reflection on the relationship between art and politics, politics and police, power and consensus and collective unconsciousness.

Índice

Introdução.....	4
Capítulo 1: Trabalho de Projeto: origem e contexto.....	7
Capítulo 2: Discurso e política: o estado da(s) arte(s).....	9
2.1. Resistências: arte e política.....	15
Capítulo 3: ESTE É O VOSSO. ESTA É A VOSSA CELEBRAÇÃO.....	22
3.1. Memória descritiva da performance.....	22
Capítulo 4: Desenvolvimento do projeto.....	31
4.1. Metodologia.....	31
4.2. Os discursos: análise e criação.....	31
4.3. Experimentação e processo de ensaios.....	40
4.4. Pós-performance.....	42
Conclusão.....	46
Bibliografia.....	48
ANEXOS.....	51
Anexo 1 – Vídeo da performance <i>ESTE É O VOSSO DIA. ESTA É A VOSSA CELEBRAÇÃO</i>	52
Anexo 2 – Vídeo-convite para a performance <i>ESTE É O VOSSO DIA. ESTA É A VOSSA CELEBRAÇÃO</i>	53
.....	53
Anexo 3 – Textos em <i>ESTE É O VOSSO DIA. ESTA É A VOSSA CELEBRAÇÃO</i>	54
Anexo 3a) – Discurso de <i>ESTE É O VOSSO DIA. ESTA É A VOSSA CELEBRAÇÃO</i>	54
Anexo 3b) – Discurso de <i>ESTE É O VOSSO DIA. ESTA É A VOSSA CELEBRAÇÃO</i> . (com adaptações e referência às intervenções em vídeo).....	57
Anexo 3c) – Discurso de <i>ESTE É O VOSSO DIA. ESTA É A VOSSA CELEBRAÇÃO</i> (com indicação do discurso original).....	61
Anexo 4 – Vídeos inseridos durante a performance.....	65
Anexo 5 – Ensaios.....	66
Anexo 6 – Discursos originais na íntegra.....	68

Introdução

Este Trabalho de Projeto pretende refletir sobre *ESTE É O VOSSO DIA. ESTA É A VOSSA CELEBRAÇÃO.*, uma performance artística que me propus pensar, construir e apresentar, no seguimento da pesquisa de mestrado, sobre a temática da manipulação discursiva e performática no contexto político atual. Assim, esta reflexão terá como base um objeto artístico que foi já apresentado publicamente e que surge agora numa nova dimensão descritiva e reflexiva.

Durante cerca de um ano, fui trabalhando em *ESTE É O VOSSO DIA. ESTA É A VOSSA CELEBRAÇÃO.*, performance apresentada no dia 23 de julho de 2019, às 18h30, no Teatro Ibérico, em Lisboa, com a duração de, aproximadamente, 30 minutos, a um pequeno conjunto de pessoas que convidei a assistir.¹

Este objeto artístico parte dos discursos de tomada de posse de Donald Trump, atual Presidente dos Estados Unidos da América, Jair Bolsonaro, atual Presidente do Brasil, Viktor Orbán, atual Primeiro-Ministro da Hungria, e o primeiro discurso no Parlamento italiano de Matteo Salvini, na altura Vice Primeiro-Ministro e Ministro do Interior de Itália, de forma a criar e articular um novo discurso, que é apresentado a uma plateia que não tem conhecimento das fontes originais.

Com este exercício pretende-se pensar a construção da disponibilidade de uma plateia para o que é dito. É, assim, um teste subversivo e perigoso, que tem como objetivo seduzir e agregar um conjunto de pessoas à volta de um discurso que, à partida, dadas as características do próprio grupo que o ouve, de algumas das convicções das pessoas que o compõe e, também, do tempo crítico em que vivemos, seria imediatamente renegado se as mesmas fossem informadas acerca da sua origem.

Hoje, com o ressurgimento de ideologias de extrema-direita e dos neofascismos em contexto global, pareceu-me pertinente trabalhar sobre o que é que, após mais de oitenta anos do surgimento dos fascismos na Europa, na *era das catástrofes*, como lhe chamava Eric Hobsbawm², e cinquenta anos após o seu “desaparecimento”, permitiu e está a permitir o seu regresso e alargamento, ainda que com novas técnicas e roupagens. O que mudou? O que potencia a permeabilidade a este tipo de discursos? De que mecanismos e técnicas eles se apropriam? Estas são questões que tenho pensado e discutido criticamente nos meus círculos pessoais, sociais e

¹ Vídeo de parte da performance disponível em formato vídeo. Devido a alguns constrangimentos o vídeo não se encontra completo. (anexo 1)

² Eric Hobsbawm, *A Era dos Extremos*, trad. Catarina Madureira e Manuela Madureira, Lisboa: Editorial Presença, 2008.

políticos e, agora, também aqui, através da arte e da academia, permitindo-me alargar esse espaço de ação.

Colocaram-se, portanto, duas interrogações fundamentais que expressam o meu percurso social, artístico e agora académico. Como podemos nós, através da performance e do exercício artístico, contribuir para clarificar, analisar, testar e propor mudanças no real? Como é que a arte não é apenas *um espelho do real mas parte da sua mudança*³?

A criação da performance artística tenta colocar na experiência prática algumas das leituras e reflexões realizadas sobre os discursos estudados, com o intento de responder às questões anteriormente levantadas. Consequentemente, este trabalho, tem como objetivo refletir acerca dessa experiência prática, da sua criação e desenvolvimento, ao mesmo tempo que a remete e interliga com o momento social e político atual.

Num pequeno capítulo introdutório é feita uma primeira contextualização deste projeto, de onde vem, como surgiu e como se desenvolveu até chegar ao plano de projeto submetido, importante para se tentar perceber o impulso da criação.

No segundo capítulo, de modo a contextualizar a performance, são desenvolvidos e aprofundados alguns dos conceitos teóricos mais importantes para a construção deste trabalho. É estabelecida, assim, uma relação teórico-prática entre o campo teórico, da história ao ensaio político, passando pela teoria da arte, pela filosofia e a prática artística, como implicação política. O objetivo é trazer conceitos de outras disciplinas que pensaram ou estejam a pensar, atualmente, a reorganização social e política do mundo, para que a performance *ESTE É O VOSSO DIA. ESTA É A VOSSA CELEBRAÇÃO*. com eles se relacione.

Assim, são abordados os conceitos de *consentimento* e *hegemonia* em Gramsci, *inconsciente coletivo* e *arquétipos* em Carl Jung, convocando-se, igualmente, as análises dos historiadores Fernando Rosas e Manuel Loff sobre os fascismos do século XX e de hoje. Juntamente com esta reflexão surgem referências teóricas que possuem uma relação profunda e direta entre a arte e política como engajamento social, como Jacques Rancière e Andre Lepecki.

No terceiro capítulo é desenvolvida uma memória descritiva da performance *ESTE É O VOSSO DIA. ESTA É A VOSSA CELEBRAÇÃO*., acompanhada de vídeo e material de apoio, para

³ Florian Malzacher, org., *Not Just a Mirror - Looking for the political theatre of today*, Berlin: Alexander Verlag Berlin, 2015. Na introdução ao livro esta questão é levantada pelo editor como sendo uma questão central à obra em questão.

que seja possível uma aproximação visual e uma compreensão do acontecimento a quem a ela não assistiu.

No quarto e último capítulo é feita uma reflexão e um desenvolvimento do plano teórico com a prática do objeto artístico. Assim, após iniciada a metodologia de trabalho, é feita uma explanação de um conjunto de problemas e hipóteses levantadas durante o processo de trabalho, assim como, uma reflexão acerca do acontecimento performático e do seu desenvolvimento futuro, nomeadamente, quais os problemas encontrados e que novas questões surgiram necessariamente com esta reflexão escrita.

Capítulo 1: Trabalho de Projeto: origem e contexto

A escolha da temática para este projeto tem origem numa performance criada para uma das primeiras aulas da unidade curricular de Espaços Performativos, em 2017, a que dei o nome de “3 Horas de Meditação Zen”, e que estava relacionada com uma preocupação muito específica: a eleição, em 2016, de Donald Trump para Presidente dos Estados Unidos da América.

Li e analisei o discurso de tomada de posse de Donald Trump, proferido a 20 de janeiro de 2017, para compreender o que nos diziam não só objetivamente o significado de cada uma daquelas palavras, mas o que elas poderiam querer dizer para lá da aparência. Como é possível que alguém que tem um discurso claramente racista, xenófobo, sexista e bizarro, alguém que diz que precisamos do aquecimento global⁴, seja eleito Presidente dos EUA? Como é que um discurso com este nível de violência pode ser suscetível de ser aceite, partilhado e aclamado? Estas questões não me saíam da cabeça. Milhões de pessoas, ainda que não a maioria de votantes, tinham elegido aquele discurso, por isso era necessário compreender, ainda que parcialmente, o que provocou essa adesão. Passei então para a prática. Usei o discurso de Trump, reproduzindo as suas palavras, embora subvertendo-as e manipulando-as, para ver o que acontecia.

No auditório, convidei os colegas a posicionarem-se confortavelmente, no lugar e na forma que quisessem, ao mesmo tempo que instalava um ambiente sonoro zen, música para meditação⁵, e com voz grave, lenta e doce, li parte do discurso de tomada de posse de Donald Trump:

“Que todas as mudanças comecem aqui e agora, porque este momento é o vosso momento. Pertence-vos. (...) Os homens e as mulheres esquecidos do nosso país não serão mais esquecidos. (...) Quando abrimos o coração ao patriotismo, não há espaço para o preconceito. (...) Não deve haver medo, estamos protegidos e estaremos sempre protegidos. Seremos protegidos pelos grandes homens e mulheres das nossas forças armadas e do cumprimento da lei e, mais importante, estamos protegidos por Deus. (...) Finalmente, temos de pensar grande e sonhar ainda maior. Na América, nós entendemos que uma nação só vive enquanto lutar. Não aceitaremos mais políticos que são só conversa e

⁴ Donald Trump (@realDonaldTrump), “In the beautiful Midwest”, Tweeter, 29 de janeiro, 2019, https://twitter.com/realDonaldTrump/status/1090074254010404864?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwterm%5E1090074254010404864&ref_url=https%3A%2F%2Fvi24.iol.pt%2Finternacional%2Feua%2Ftrump-implora-por-aquecimento-global-para-combater-frio-polar.

⁵ “Musica Relaxante para Meditação Budista e Retiro Espiritual, Musicas para Meditar 3 Horas”, YouTube video, 3:04:03, 10 de junho, 2015, <https://www.youtube.com/watch?v=uqZ5Heysa9c>.

*nenhuma ação - que se queixam constantemente mas nunca agem. O tempo para conversas vazias terminou. Chegou agora a hora de agir.*⁶

O que me fez querer continuar a pensar e trabalhar sobre este objeto foi a reação inesperada, de surpresa e preocupação, dos colegas quando perceberam que estavam disponíveis a entrar no jogo que, de forma dissimulada e com estímulos e mecanismos manipulativos, fez com que tomassem aquele discurso, em muitos momentos ambíguo, para si mesmas. Não detetaram a sua origem, mas em casa, na escola, nas ruas, tinham falado já muitas vezes sobre ele e as suas ideias. O que poderá então ter acontecido?

Foi esta reação, indiciando uma possível naturalização e normalização inconsciente do discurso, que me fez colocar algumas questões e preocupações teórico-políticas. Que poder está inerente ao discurso? O que faz com que um discurso se torne hegemónico? Podemos dizer, à partida, que as pessoas estão a ser manipuladas? Ou existem estratégias que fazem com que esse mesmo discurso seja apreendido com o próprio consentimento de quem o assimila? Que mecanismos de consentimento são esses?

As questões que esta primeira experiência levantou, juntamente com a forma como a questão política se desenvolveu durante os anos seguintes, levaram-me a continuar a trabalhar sobre este objeto. Na proposta submetida ao Trabalho de Projeto tentei, por isso, ir mais longe: na abrangência geográfica dos protagonistas, na análise e preparação do discurso, no pensamento sobre o espaço cénico, na bibliografia que suporta esta reflexão. Mais a fundo, portanto, na ambiguidade e no curto-circuito que pretendia criar.

⁶ Excertos do discurso lido no exercício “3 Horas de Meditação Zen”. O discurso integral proferido por Donald Trump, traduzido para português pela autora, encontra-se disponível no anexo 6a).

Capítulo 2: Discurso e política: o estado da(s) arte(s)

Partindo da orientação problemática levantada anteriormente, interessa, assim, perceber melhor como se expande e se controla um discurso a caminho do poder, no processo de disputa e (re)controlo de um Estado, numa perspetiva histórica, política e social. Como se explica o ressurgimento de uma ideologia, tendencialmente autoritária e fascizante, que ocupa o Estado, através de eleições livres, em países como os EUA, o Brasil, Hungria ou até mesmo a Itália, os quais apresentam processos históricos tão distintos?

Manuel Loff, historiador, questionado sobre o caso brasileiro⁷, adverte-nos que nem mesmo um Estado de tendência fascista é apoiado por 99% de pessoas fascistas. Pelo contrário, existem um conjunto de condições que permitem a sua sustentação. Loff argumenta que está em formação um regime que, apesar de não ser aclamado pela totalidade da sua população, tem em si uma base de apoio real, possuindo a seu favor uma grande mancha de indiferença. Ou seja, se não há uma oposição que consiga desequilibrar o prato da balança, essa indiferença é tão importante para suportar um regime como a sua própria base de apoio.

Então, quais serão as capacidades hegemónicas de determinada ideologia ético-política e económica? O conceito de ideologia não serve só para explicar o funcionamento do fascismo ou dos sistemas totalitários. Por exemplo, para o filósofo italiano António Gramsci, ideologia é o *campo significativo* onde se inserem formas culturais, tradições, crenças, representações, comportamentos e hábitos, socialmente heterogéneos. É a relação vertical e de afinidade entre a *alta cultura* e a *cultura popular*, entre um bloco popular e um bloco intelectual, que explica a forma como o *consenso* é articulado e disseminado (Gramsci 1999). Essa ideologia só poderá tornar-se hegemónica através de uma orgânica histórico-ontológica, estabelecida no tempo e com referências históricas e sociais relevantes (Almeida Santos 2006). Assim, para criar essa hegemonia, é sempre necessária uma relação entre uma elite e as massas, um apelo correspondido de uma para com a outra, de modo a criar condições que permitam alastrar determinada vontade pré-existente.

O desenvolvimento da teoria *gramsciana*, no que diz respeito à construção de hegemonia, é focada sobretudo no próprio sistema democrático. Almeida Santos, a partir de Gramsci, cria

⁷ Manuel Loff, “O bolsonarismo é o neofascismo adaptado ao século 21”, entrevista por Ricardo Viel, *A Pública*, 29 de julho, 2019, <https://apublica.org/2019/07/o-bolsonarismo-e-o-neofacismo-adaptado-ao-brasil-do-seculo-21/>. (consultado a 5/10/19)

mesmo uma útil equação que nos faz essa síntese: *hegemonia = poder + persuasão = democracia*⁸. Assim, podemos dizer que um sistema democrático, como é o caso das situações políticas a que aqui nos cingimos, pressupõe, em si, o poder de uma instituição ou de um determinado grupo, que conjugado com a sua capacidade persuasiva sobre determinada ideia moral ou cultural, permite criar hegemonia. Mas que processo de persuasão é esse? Diz Gramsci que quando “*há contraste entre ética e política, entre exigências da liberdade e exigências da força, entre sociedade civil e Estado-governo, há crise*”⁹. Por isso, para haver hegemonia pressupõe-se que haja uma colaboração, um determinado nível de consentimento, de forma a evitar crises sociais e políticas, pela paz social.

No fundo, desde que haja um consenso entre Estado, sociedade política e económica e sociedade civil é possível, por exemplo, mudar de sistema. Mas quando o objetivo é mudar o sistema político-ideológico ou económico, a partir das elites ou do Estado, e as condições não estão reunidas, normalmente são criadas as falsas-crisis. Acontece, em suma, o que Naomi Klein chama de *doutrina do choque* (Klein 2007): o uso de táticas brutas e bruscas com o objetivo de desorientar o público, ou a sociedade civil, com um *choque coletivo*, utilizando geralmente o argumento da necessidade de recuperação e de estabilidade.

Mas será que podemos usar os mesmo conceitos de ideologia, hegemonia e consentimento para os novos acontecimentos políticos deste século? É certo que as condições não são as mesmas. Hoje, em vez de ideologia, assistimos a regimes dominantes, a meros cultos de imagem, a uma *ideologia da marca*, de comunicação persuasiva e fórmulas publicitárias, onde os *intelectuais orgânicos* são os criativos de marketing e *branding* (Almeida Santos 2006: p. 89). Um processo a que o sociólogo João Mineiro (2018), a propósito da análise do atual momento populista, chamou de *espectacularização da política*.

É também através destas perspetivas que Naomi Klein explica o aparecimento de Trump, no mais recente *Dizer Não Não Basta* (2017), onde aborda a forte influência das Supermarcas e das grandes fortunas sobre o poder político. Klein defende que a ascensão de Donald Trump se fez principalmente pela imposição do medo e da oposição ao *outro* que é culturalmente diferente, com o objetivo de impor uma agenda ultra-neoliberal a nível global, destruindo qualquer função protetora do Estado.¹⁰ Com os mesmo objetivos, o exemplo da ascensão de Bolsonaro ao poder, no

⁸ João de Almeida Santos, “Hegemonia: o primado do consenso na teoria política de Gramsci”. Em *Da gaveta para fora. Ensaios sobre marxistas*. Organizado por José Neves. Porto: Edições Afrontamento, 2006, p.86.

⁹ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*, trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999, p.371.

¹⁰ Também no livro *No Logo* (2001), Naomi Klein traça a forma como as marcas comerciais perceberam que o lucro e o poder económico não estavam onde ou quem fabricava os seus produtos, mas sim na promoção da imagem da

Brasil, assenta num outro capital de poder distinto: o poder militar. Ainda que, em ambos os casos, o estratégia de campanha seja exatamente o mesmo: Steve Bannon.

Portanto, consentimento ou choque? É essa dualidade que divide os tempos históricos que aqui abordamos? Quais são, então, as grandes diferenças e as questões transversais aos velhos e novos fascismos?

Nos anos 20, do século passado, identificam-se quatro grandes razões que permitiram o surgimento de movimentos e governos de extrema-direita. Em primeiro lugar, os efeitos nefastos da crise nas periferias da Europa, onde já existiam regimes oligárquicos, permitiu extremar o autoritarismo já presente na sua forma de organização política para um tipo de regimes fascistas; depois, a derrota do movimento operário depois da revolução russa de 1917, que se fez sentir por toda a Europa, em particular na Alemanha, com a neutralização, pelos regimes autoritários, de qualquer movimento operário que restasse; também, a rendição do liberalismo económico ao sucesso precoce das políticas fascistas até aí implantadas, nomeadamente com o fascismo italiano de 1922; e, por último, a união das forças de direita reunidas num só partido, apoiando-se, cada um deles, historicamente, mais no exército, na igreja ou no Estado, permitindo assim ter uma parte do poder militar, moral ou governativo.

Fernando Rosas, em *Salazar e os fascismos* (2019), diz que as circunstâncias históricas não se repetem ainda que, mesmo que não correspondam ao mesmo tipo de fascismos, na sua estética e forma, as condições que permitem o surgimento de novas forças fascizantes sejam semelhantes. E se transportarmos as anteriores explicações sobre o que permitiu o surgimento dos fascismos no século passado para o momento que vivemos, podemos perceber que, de facto, existem algumas similaridades.

Desde o final do século XX que este tem sido um tempo marcado pelas sucessivas crises económicas, crises cíclicas, que por sua vez criam crises sociais e políticas. Também temos assistido à aproximação da direita tradicional à extrema-direita, na perspetiva de disputa de eleitorado, como se viam os regimes liberais aproximarem-se às políticas fascistas, e, assim, vemos o centro do espectro político a desaparecer. Além de que existem hoje *movimentos sociais inorgânicos de descontentamento* (Rosas 2019), abraçados pela extrema-direita, enquanto organização social, e que uma determinada elite tenta sugar para tentar construir, justamente, o apoio e consenso de que

marca e na sua capacidade marcar e comprar território com o seu nome. Estas grandes marcas, como a Nike ou a Apple, sobrepuseram-se, em muitos momentos, ao sistema político que, por sua vez, se deixou influenciar, adaptar e substituir pelo poder da marca. Klein, em *Dizer Não Não Basta* (2017), dá como grande exemplo deste processo a marca Trump.

falava Gramsci, com o objetivo de ocupar o Estado, através da hegemonia. Um destes exemplos é o caso do movimento dos coletes-amarelos, em França, e a apropriação que o partido de Marine Le Pen tem feito das reivindicações que lhes são associadas.

No entanto, também existem diferenças assinaláveis. Loff (2019), por exemplo, defende que hoje o discurso racista foi sendo substituído pela abordagem da incompatibilidade cultural. Ou seja, atualmente o argumento é o da diferença cultural, visível até na forma de disputa do poder social e económico, entre o *ocidente* e *oriente*, que permite a perseguição, sem consequência, de comunidades muçulmanas, homens de turbante e barba grande e mulheres de hijab ou burca. Vemos, também, uma diferença na tendência de foco e alastramento dessas forças, pois no século XX, o surgimento de regimes fascistas correspondia à periferia da Europa, e hoje, os movimentos fascistas resistem e crescem, cada vez mais, a partir do centro da Europa, mas também das grandes potências económicas do mundo, como os EUA, a Alemanha, a Inglaterra e a Itália. O que explica que, passados pouco mais de 70 anos de derrota do nazifascismo, algumas das suas *ideias-força* regressem?

Podemos dizer que Carl G. Jung¹¹ trabalhou também sobre estas questões, ainda que num contexto distinto, na sua pesquisa sobre o inconsciente coletivo. Dizia que “*o homem do passado está vivo dentro de nós de um modo que antes da guerra nem poderíamos imaginar*”¹². Esta afirmação, com referência à ressuscitação de símbolos antigos pelo nazismo, surge no contexto da sua abordagem à neurose como um fenómeno social que pode afetar prejudicialmente um elevado número de indivíduos, o que, por si, justifica a presença de arquétipos, na medida em que os mesmos são consequência de uma inconsciência coletiva. Mas de que homem do passado fala Jung? De que forma esse passado se consciencializa dentro de nós? Como é que a história, símbolos arcaicos, “*e até formas arcaicas de religião*”¹³, afinal, não só persistem no imaginário coletivo, como são, igualmente, responsáveis pelos acontecimentos de hoje?

Para aprofundar algumas destas questões Jung desenvolve o conceito de inconsciente coletivo, ou seja, a “*parte da psique que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve a sua existência à experiência pessoal, não sendo portanto uma aquisição*

¹¹ Carl G. Jung (1875-1961), foi um médico e investigador suíço na área da psiquiatria, reconhecido pelo seu trabalho sobre os arquétipos, o inconsciente coletivo, a individuação, entre outros, importante para o desenvolvimento da pesquisa sobre a natureza e conhecimento das características da psique humana.

¹² Carl G. Jung, *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*, 2002, trad. Dora Mariana R. Ferreira da Silva e Maria Luiza Appy, Petrópolis: Editora Vozes Ltda, p.57.

¹³ Jung, p.57.

pessoal.”¹⁴. Apesar de, à partida, os conteúdos do inconsciente coletivo não serem conscientes, podem evoluir para esse estado. Para isso, precisamos de os colocar em relação com os arquétipos, isto é, as várias formas que a psique pode tomar, que estão presentes em todo o tempo e lugar, que são pré-existentes ao próprio indivíduo e só tomam forma quando passam pelo processo do consciente, adequado a cada individuação. Ou seja, não é necessário que determinado fenómeno tenha sido experienciado pelo próprio indivíduo para que o mesmo possa moldar e dar expressão ao desenvolvimento da psique.

Esta teoria sofreu, no entanto, grande resistência por parte da psicologia médica. Jung argumentava que, injustamente, o inconsciente coletivo era empurrado para o campo da mitologia e da filosofia e interpretado meramente como um conceito especulativo, em oposição a uma sobrevalorização do inconsciente pessoal, desenvolvido por Freud e Adler, que era visto como matéria formal da Psicologia. Por isso, defendia que se este último pode recorrer a elementos de análise que fazem parte do hereditário e de uma herança universal, como sejam os instintos sexuais ou maternos, também o inconsciente coletivo, que vai buscar formas que não são adquiridas pessoalmente, deveria ser estudado e interpretado pela psicologia médica.

Nesta batalha contra Freud, Jung traz um exemplo que me parece fundamental para perceber melhor a diferença entre o inconsciente coletivo e o inconsciente pessoal. O quadro “A virgem e o menino com Santa Ana” (1513) de Leonardo Da Vinci, mostra a Virgem sentada no colo de Santa Ana, sua mãe, que tenta segurar em Jesus, que por sua vez, a seus pés, no chão, aperta com os seus membros um cordeiro. Para Freud, a representação das duas mulheres deve-se ao facto de Da Vinci ter tido duas mães. Mas diz Jung que muitos quadros há com este tema e que, com certeza, o motivo das duas mães não terá sido em todos eles causa de experiência pessoal. A provocação de Jung abre o espectro de possibilidades, indo assim além da causalidade pessoal. O motivo do arquétipo em questão seria diversas vezes encontrado na mitologia e na religião, com múltiplas variações, inclusive sob a ideia do duplo nascimento – o renascimento, o batismo, a figura da madrinha, etc. Seria, portanto, do foro do universal e não da experiência pessoal.

Reduzir todas as forças motrizes da vida psíquica de um indivíduo a causas pessoais e minimizar a influência que determinados símbolos, noções e sombras do passado, que não foram

¹⁴ Jung, p.53.

experienciadas diretamente, têm no seu desenvolvimento, é ignorar o que acontece em sociedade. É neste contexto que Jung aborda uma das questões centrais a este trabalho.

“Se trinta anos atrás alguém tivesse ousado prever que o desenvolvimento psicológico tendia para uma nova perseguição dos judeus como na Idade Média, que a Europa estremeceria de novo diante do fascio romano e do avanço das legiões, que o povo conheceria de novo a saudação romana como há dois mil anos atrás e que, em lugar da cruz cristã, uma suástica arcaica atrairia milhões de guerreiros prontos para morrer – tal pessoa seria acusada de ser um místico louco. E hoje?”¹⁵

E hoje? Perguntaríamos novamente. Jung, através do inconsciente coletivo, remete-nos para a construção da realidade concreta. Determinado tipo de experiências do passado, várias vezes repetidas, até desde a antiguidade, imprimem na psique humana *formas sem conteúdo*, que podem ser reativadas e, conseqüentemente, agir-se nas e sobre as mesmas, conferindo-lhe determinado significado. Diz Jung que *“a humanidade encontra-se sempre no limiar das ações que ela mesma faz mas não controla”¹⁶*, uma espécie de poder minado numa relação muito próxima entre o individual e o coletivo, entre a capacidade de agir e a influência da ação externa, que é coletiva. Existem *fatores* – a que também poderíamos chamar de deuses, arquétipos ou representações coletivas, conceitos que Jung vai associando e conectando ao longo da sua obra com áreas diferentes -, que existem quer na dimensão da organização social, quer na dimensão do inconsciente, *“tanto no grande como no pequeno [mundo]”¹⁷*, que influenciam diretamente a forma como agimos. O poder da ação humana individual é disperso, vai para além da consciência de nós próprios. E é por isso que a questão do inconsciente na sua dimensão coletiva é tão importante para Jung.

“As pessoas de maior discernimento já compreenderam há muito que as condições históricas externas de qualquer tipo constituem meras ocasiões para os verdadeiros perigos que ameaçam a existência, ou seja, os sistemas político-sociais delirantes, os quais não devem ser considerados como conseqüências necessárias de condições externas, mas sim como decisões precipitadas pelo inconsciente coletivo.”¹⁸

¹⁵ Jung, p. 58.

¹⁶ Jung, p. 33.

¹⁷ Jung, p. 33.

¹⁸ Jung, p. 33.

Trazer Jung para a discussão deste trabalho implica pensar sobre a responsabilidade individual acerca do tratamento que é dado a determinados motivos ou temas, aos arquétipos, portanto. Se determinadas experiências do foro do inconsciente coletivo são pré-existentes ao indivíduo, o processo dessas mesmas experiências terá ainda assim que ver com o consciente, já que é a ação humana que, em última instância, cria o mundo, o que faz com que a responsabilidade seja também ela coletiva.

As ideias que tento relacionar aqui, o inconsciente coletivo de Jung e os processos de desenvolvimento de um discurso racista, de ódio e tendência autoritária a que assistimos em tantos países, é na verdade um salto gigante de tempo, espaço e de objetos relacionais. No entanto, os conceitos, se deslocados dos contextos em que emergem, têm tanto mais potencial fértil quanto mais diversas são as realidades que a que consegue chegar e ajudar a analisar.

2.1. Resistências: arte e política

Logo após a eleição de Donald Trump, Naomi Klein escreve *Dizer Não Não Basta* (2007), uma investigação política e social, onde, a três tempos, denuncia que escolhas passadas permitiram que esta eleição fosse uma consequência do nosso tempo; como ela se traduz no presente; e como, no imediato, e em coletivo, devemos e podemos proceder à sua destruição.

Quer no caso dos EUA, quer no caso do Brasil, as *fake news* foram cruciais para o crescente aumento de popularidade de Trump, Bolsonaro e das suas ideias. O medo e o choque imprimidos nos milhares de *factos alternativos* criados, serviu de motor para o desenho racista, machista, homofóbico, transfóbico e antidemocrático, que ganhou espaço mas que dividiu o país. Mas houve vários exemplos de revoltas e solidariedades, em vários desses países, que não permitiram esta divisão. Klein fala-nos, então, do pós-eleição Trump e o que possibilitou que o país não se segregasse no medo, com a união e a solidariedade de pessoas e de grupos específicos, identitários, religiosos, sectoriais, para com outros tantos. Nos dias seguintes à eleição aconteceram dezenas de manifestações de milhões, de mulheres, de imigrantes, pela ciência, pelas alterações climáticas e seguiram-se projetos de apoio solidário, muitas vezes financeiro, a comunidades diretamente atacadas por crimes de ódio e pela expressa vontade da alteração das leis que condenam estas vidas: cortes nos serviços de planeamento familiares, proibição da entrada de muçulmanos no país, políticas de deportação em massa, etc.

É neste contexto que Heloisa M. Starling, no ensaio “Se o impensável acontecer, mantenha a calma”¹⁹, conta a sua experiência. Ao entrar numa livraria em Washington, recebeu um livro em que, na primeira página, a letras grandes e pretas, estava escrito “Leia e aja”. Aliás, pilhas de livros taticamente escolhidos, em várias livrarias da cidade e do país, transportavam a mesma mensagem e, assim, a necessidade de agir perante o medo. Os livreiros queriam dizer que as histórias e os escritos de Hannah Arendt, George Orwell, Aldous Huxley e Margareth Atwood são uma frente de resistência e os seus livros instrumentos de luta direta. O objetivo era, através da leitura, refletir sobre os riscos do aparecimento de formas extremas de dominação no seio das sociedades democráticas. Era (é) urgente abrir espaço para a discussão, em coletivo, bloqueando um certo estado de adormecimento e de individualismo amórfico que as tendências totalitárias e ultra-conservadoras desejam penetrar.

Sobre o entendimento do coletivo no político e o possível lugar da arte nessa relação, Jacques Rancière, na conferência e capítulo dedicados aos “Paradoxos da Arte Política”²⁰, traz-nos dois conceitos importantes que possibilitam o aprofundamento desta reflexão: a *política* e a *polícia*. Ambos os conceitos partem de uma abordagem sobre as várias faces da representação tendencialmente mimética na arte, onde o autor faz uma reflexão crítica sobre as formas de *mediação representativa* e de *immediatez ética*, nas quais a arte, desde o sec. XVIII tenderia a focar a sua atenção como tentativa de se permitir a ser (somente) um espelho ampliador do mundo. O que nos diz Rancière, é que nessas formas, que obrigam a uma continuidade, a um *continuum*, entre a produção de sensibilidade das imagens e ideias criadas pelos autores/criadores e a uma acertada receção desses sinais por quem vê e recebe, não permite criar política. Segundo o autor, política é *dissenso*, é o que permite a reconfiguração do sensível, na medida em que possibilita uma reformulação das formas de relação entre os sujeitos de uma comunidade política e os objetos comuns a ela, um “*conflito de regimes de sensorialidade*”²¹. E isso só acontece na arte através de um regime de rutura estética, de uma arte sem representação, que permita uma rutura e um conflito “*entre a intenção do artista, a forma sensível apresentada num lugar de arte, o olhar de um espectador e um estado da comunidade*”²². No entanto, estes processos de reconfiguração estão

¹⁹ Heloisa Sterling, “Se o impensável acontecer, mantenha a calma”, em *Serrote: uma revista de ensaios, artes visuais, ideias e literatura* #31, ed. Paulo Roberto Pires. São Paulo: IMS, março, 2019, pp. 4-20.

²⁰ Jacques Rancière, “Paradoxos da Arte Política”, em *O Espectador Emancipado*, trad. Ivone. C. Benedetti, São Paulo: WMF Martins Fontes Ltda., 2012.

²¹ Jacques Rancière, *O Espectador Emancipado*, trad. Ivone. C. Benedetti, São Paulo: WMF Martins Fontes Ltda., 2012, p.59.

²² Rancière, p.57.

sempre suscetíveis às tentativas de modelação do sensível e do comportamento por parte de instituições políticas ou estéticas, de comando, como seja o próprio artista, quando remete o espectador a determinados modos de sentir, a um “*certo tipo de espaço ou tempo, a certa maneira de ser, ver e dizer*”²³. O que quer dizer também que é a política que rompe com a prática policiadora, cujo objetivo é esvaziar e, por isso, anular a política.

André Lepecki, recria os conceitos de política e polícia de Rancière, com o apoio das reflexões de autores e autoras como Agamben ou Judith Butler, para continuar a pensar a relação estreita entre arte e política. É através do exemplo da coreografia da dança que Lepecki se aventura no debate sobre a necessidade, premente do nosso tempo, de enlaçar a ação política e ação artística, projetando o coreográfico na política, como um movimento coletivo. Assim, destaca a necessidade de ver esta relação não como uma relação metafórica, mas real, complexa, ativa e em constante vibração. Os corpos na dança, assim como as ações e os corpos da/na política, criam ambos ação efêmera, tendo a capacidade de possibilitar novas aberturas e de potenciar o real, intervindo “*no visível e no dizível*”²⁴. Sobre esta dinâmica, Lepecki guia-nos pelo *dissenso* de Rancière. O dissenso é dinâmico e vibrante, procura agitar a percepção do absoluto e inquestionável. A arte tem a capacidade de dar novos usos à política, mas uma implica a outra, no sentido em que a *coreografia* como ação política, não reflete nem reproduz meramente a ordem social, não é criada à sua imagem, mas tem a capacidade de a contrair, torcer, transformar. É essa desordem dessa ordem social, e essa ação estendida da coreografia que transborda para o espaço do mundo, da polis, da política, que André Lepecki entende como a coreopolítica.

Assim que é possível assistir ao estender de determinados limites por uma coreopolítica, assim como pela política, na tentativa de subverter os limites da norma, haverá também quem tenda a fazer subsistir o cânone, ou seja, pela coreopolícia. Um tende a perseguir o outro. A coreografia de policiamento procurará delimitar o espaço de ação da coreopolítica exercendo uma “*coreografia do fluxo do cidadão*” que é “*algo profundamente arraigado, entranhado e que forma e deforma o espaço do urbano e o imaginário social de circulação nesse espaço*”²⁵. Ou seja, possui a capacidade de envolver e encaminhar a ação e o movimento de uma determinada comunidade ou grupo social, por exemplo, de forma a que essa coordenação pareça natural, um movimento inquestionável, ou como poderia dizer Gramsci, uma ação consentida.

²³ Rancière, p.60.

²⁴ Andre Lepecki, “Coreopolítica e Coreopolícia”, ILHA vol 13, nº1 Jan./Jun, 2011, p.44.

²⁵ Lepecki, p. 52.

É neste plano de ação sobre o real que coloco a arte, na sua totalidade, e especificamente, para aqui nos situarmos, o teatro e a performance - que em tempos diferentes o fizeram de modo diferente também -, e, por isso, a performance que descrevo e reflito neste trabalho. A capacidade de não só espelhar o que que acontece, mas de alterar, real ou ficticiamente, permite ter a consciência de que é possível, não só ver outra realidade, mas ter acesso a ela através da coprodução de uma performance entre performer/espetador, diluindo assim os planos da emissão/receção.

Essa implicação política pressupõe que artistas, performers e intelectuais se coloquem na realidade concreta, não em pressupostos de ideias abstratas do seu pensamento. Essa ideia de ação, do fazer, é sobre e no aqui e agora, quando “*a emissão e receção de sinais e símbolos ocorre simultaneamente*” (Lehmann, apud Malzacher, 2015: p.19, minha tradução). Como nos diz Florian Malzacher (2015), para que isso aconteça, é preciso distingui-lo daquilo a que habitualmente chamamos de teatro participativo, onde além da obrigação em participar, existe uma falsa obrigação em participar. A participação ativa importante para um trabalho com implicância política e artística é antes a que é levada ao seu potencial máximo, em que o poder e a responsabilidade é partilhada.

A multiplicidade de perspetivas, ideias e poderes surge precisamente devido à fricção possibilitada por esse espaço partilhado e, assim, o espaço artístico tem a capacidade de se transformar na esfera e no espaço público, enquanto espaço de discussão coletiva e de produção de dissenso.

De forma a exemplificar esta relação olhemos para os exemplos de um espetáculo e de um filme que levam mais longe esta questão e com conteúdos bastante próximos daquilo que tento discutir neste trabalho: a instalação/performance *Please Love Austria!* (2000), de Christoph Schlingensief, e o filme *A Onda* (2008), do realizador Dennis Gansel.

Em 2000, no centro do debate público austríaco discutiam-se criticamente, inclusive com direito a sanções por parte da UE, as políticas de imigração perpetradas pelo governo conservador recentemente eleito do Chanceler Wolfgang Schussel suportado pela extrema-direita de Jorg Haider. Cristoph Schlingensief, encenador, performer e realizador austríaco, cria *Please Love Austria!*, uma instalação polémica, que consistia num contentor, colocado estrategicamente numa praça central da cidade austríaca, com as palavras “*Immigrants Out!*” maximizadas numa das paredes exteriores, no qual durante uma semana viveram, no seu interior, doze imigrantes ilegais. Era possível acompanhar e assistir em direto a essa vivência e, diariamente, através de votação telefónica e on-

line, decidir que imigrantes deviam ser expulsos, não só do contentor, mas também do país, retornando assim ao seu país de origem. Esta versão Big Brother imigração, fazia, não só uma crítica profunda à relação dos meios de comunicação com a criação de opinião enviesada, mas também ao discurso e às políticas que o próprio governo se preparava para aprovar, com o que parecia ser o consenso dos austríacos. No fundo, foram postas em prática as ideias e as propostas da extrema-direita, foram levadas ao seu limite caricatural e ao mesmo tempo real. Mas os imigrantes eram mesmo imigrantes ilegais? Estavam mesmo dentro do contentor? Eram mesmo expulsos do país? Ao vencedor seria mesmo permitida a nacionalidade através de um casamento com um cidadão austríaco? E se as propostas ganhariam ainda mais adeptos? A resposta a estas questões não era clara no momento, o que possibilitou também uma discussão no país sobre os próprios limites da arte.

O filme *A Onda* tem para mim o mesmo tipo de questões, mas numa dimensão muito distinta. É certamente um filme ficcional, com atrizes, atores e cenários criados para o efeito, não um documentário. Mas é a experiência da qual nos fala o filme que merece atenção. Um professor de história é obrigado a ministrar um conjunto de aulas sobre autocracia, numa escola secundária alemã, e quando percebe que ninguém na sua aula acha possível que numa democracia instalada pudesse surgir uma ditadura, decide criar uma experiência social com os seus alunos para provar o contrário. De forma mais ou menos óbvia, à medida que o filme avança, vai inserido determinadas regras e condições para as aulas poderem ser frequentadas: o professor tem de ser tratado por Senhor Wenger, e saudado pela turma em conjunto; é escolhido um gesto como forma de cumprimento, a representação de uma onda com o braço; e o grupo é identificado através de uma mancha visual, camisas brancas, todas iguais. Tudo começa a construir-se em torno da ideia da unidade do grupo e sobre o que os torna únicos. O símbolo começa a espalhar-se, a ser pichado em toda a cidade, e cada vez mais alunos se juntam porque percebem que há uma identidade, um espaço para existir e ser aceite. Fala-se sobre o ontem e o hoje, sobre a pobreza, as migrações, o futuro que não está à vista. Aos poucos o discurso de ódio surge e o problema transfigura-se na figura do outro e quem discorda ou ousa levantar-se contra o grupo é o inimigo. É uma experiência social, mas os alunos não têm essa percepção. Já o professor, que criou esta experiência em contexto pedagógico e tem consciência de que forma ela se desenvolve, só se apercebe que terá ido longe demais quando, às suas ordens, através de um discurso saído da Alemanha dos anos 30, os alunos aceitam agredir um outro, porque já não queria fazer parte e se opôs à continuação do grupo.

Mas esta história não é só pura ficção, ela é criada a partir de factos reais. Ron Jones, professor na Cubberley High Scholl, em Palo Alto, no norte da Califórnia, decidiu fazer uma experiência com a sua turma, em 1967, que ficou conhecida como “A Terceira Onda”²⁶. Para demonstrar o quão fácil poderiam aqueles jovens ser persuadidos a seguir um líder e uma ideologia, criou uma experiência que começou como um simples jogo, com algumas regras, e se transformou num exercício de poder, que se questionado por algum dos alunos haveria consequências nas notas escolares. Começaram a surgir gestos nazis, formas de comportamento autoritária, na escola e fora dela, e perseguições a quem não queria participar. Uma onda de poder, proporcional ao medo instalado, e que terminou de forma violenta, com um aluno que acabou mesmo por perder a mão enquanto fazia uma bomba artesanal.

Ambas as experiências foram levadas ao limite da sua própria condição, sendo que a primeira extravasa o campo artístico e a segunda os limites de uma experiência pedagógica. Ambas criam a mesma dúvida sobre se é a construção de uma ficção que se torna real ou o real que se transforma em ficção. E mais importante, ambas proporcionaram um debate público rico através das próprias consequências destas experiências, e no caso do filme, quer no pós-experiência concreta que aconteceu nos anos 60, quer quando o filme foi realizado e discutido em 2008.

As consequências de tais experiências são um risco e esse risco é importante na concretização de qualquer proposta artística que pretenda perfurar o real. Claro que quando falamos na relação da arte e política, ela não está presente necessariamente só nos objetos que levam ao limite esse mesmo risco. Mas há um momento de não retorno que é importante, e o que não era real pode torna-se bastante verdadeiro.

A performance *ESTE É O VOSSO DIA. ESTA É A VOSSA CELEBRAÇÃO*. tenta colocar-se em contacto com esse perigo. Os seus pressupostos implicam a criação de dissenso, a percepção de contradições, o questionamento do real sobre a ficção. Os discursos trabalhados na performance são de líderes conservadores, proto-fascistas e que já demasiadas vezes apelaram ao ódio. O conteúdo desses discursos nem sempre é identificável com o sujeito, porque a estratégia é a de dizer o que for necessário para que as pessoas ouçam e se sintam incluídas e cuidadas. No entanto, o seu discurso como um todo, e no contexto onde ele é dito, não serve obviamente a quem crê que a liberdade, a justiça social, a igualdade e a solidariedade são indispensáveis para a construção de uma vida em sociedade. E porque muito se falou no pós-eleição Trump, Bolsonaro, Salvini, e mesmo aquando do

²⁶ Nina Renata Aron, “This 1967 classroom experiment proved how easy it was for Americans to become Nazis”, *Timeline*, 26 de janeiro, 2017, <https://timeline.com/this-1967-classroom-experiment-proved-how-easy-it-was-for-americans-to-become-nazis-ab63cedaf7dd>. (consultado a 30 de outubro de 2019)

risco da eleição de Marine-Le-Pen, sobre as razões que levaram muita gente a fazer essa escolha, em que foi imediata a diabolização das pessoas que terão dado o seu voto a estes projetos, sem pensar exatamente no que as levou a fazê-lo e que impacto as redes, a comunicação social e as próprias estratégias destes projetos tiveram, quis perceber até que ponto poderiam esses mesmos críticos aceitar, aprovar e votar em projetos políticos similares.

Trump, Bolsonaro, Salvini e Orbán chegaram ao poder e mantêm-se nele, com exceção (temporária?) de Salvini, entre diversas razões, porque conseguiram aproveitar uma crise económica, social e política para criar consenso, tendo em vista muitas vezes a ideia da necessidade de desenvolvimento económico a todo o custo. O que aconteceu não só através de um alto nível de promiscuidade do poder político com o económico, militar ou judicial, mas também pela imposição do medo, com a criação de um inimigo comum.

Assim, através da criação desta performance, que ainda não foi levada ao seu limite, pretendo que seja colocada em causa a nossa capacidade de discernimento perante estas condições e pressupostos, mesmo porque não se sabe a verdadeira origem do seu discurso, antes e durante a performance. No fundo, testar o que o professor americano - e no filme, o alemão - queria com a sua experiência, ou mesmo o artista com o seu contentor de imigrantes. Mas, e se quando concretizado numa maior escala, existirem pessoas que são apoiantes reais de projetos como os que discuto? Qual o efeito que tem? Nesse caso, como se vira o jogo? Qual o ponto de não retorno de um exercício como este? Como medir os seus limites? É na tentativa de responder a estas questões que se desenvolvem os capítulos seguintes.

Capítulo 3: ESTE É O VOSSO. ESTA É A VOSSA CELEBRAÇÃO.

3.1. Memória descritiva da performance

A performance começou bem antes do espaço físico em que o encontro se deu. Cerca de uma semana antes do dia marcado para o evento foi enviado um vídeo, via e-mail, com um apelo claro:

“O futuro está nas nossas mãos. Se és um daqueles que deseja ardentemente mudar o mundo, este apelo é para ti. Está na hora de criarmos em conjunto essa mudança. O ponto de partida é já no próximo dia 23 de julho em Lisboa. Marcamos encontro às 18h30, na Rua da Manutenção, nº22. O país e o mundo precisam de ti. Não faltes!²⁷”

Este convite, enviado a cerca de 40 pessoas, protagonizado por mim, que continha uma figura obscura, com uma máscara à *V for Vendetta* e uma voz grave distorcida, que poderia ser de uma testemunha anónima, foi recebido com desconfiança e houve, inclusive, quem se negasse a abrir o que parecia ser um vírus informático. Ainda assim, cerca de 10 pessoas responderam positivamente ao desafio.

O encontro estava, portanto, marcado para a rua em frente à do Teatro Ibérico, para a frente de um edifício abandonado, com portas de 3 metros fechadas a cadeado, janelas partidas e provavelmente sem uma parte do telhado. Às 18h30 aí aguardavam 5 pessoas que não sabiam exatamente o que ia acontecer de seguida.



Imagem 1: Encontro junto à Rua da Manutenção, 22. Fonte: print do vídeo em anexo 1.

²⁷ Vídeo enviado por e-mail (anexo 2).

Acompanhada de uma câmara, manipulada por um dos técnicos do teatro, fui ter com as pessoas, e após cumprimentos, abraços e agradecimentos, seguimos para a Rua de Xabregas 54, para o Teatro Ibérico. “*Ai, mas não vai ser aqui [na Rua da Manutenção]?*”, perguntava alguém. Teatro – Rua da Manutenção – teatro: este primeiro percurso, a partir do qual existe registo em vídeo da performance, marca o início do encontro e a primeira falácia do dia, a primeira expectativa quebrada.

Ao entrar no teatro, no espaço de bilheteira e bar, encontrava-se uma mesa cuidadosamente preparada com copos de vinho acompanhados de duas garrafas e alguns pratos de biscoitos. Foi oferecida a bebida e conversou-se normal, mas nervosamente durante uns minutos. Mais uma vez, as cinco pessoas presentes, amigos próximos, não sabiam, umas menos que outras, o que iria suceder no encontro.



Imagem 2: Comes e bebes no foyer do teatro. Fonte: print do vídeo em anexo 1

Dentro do jogo de construção de expectativas, intenção discutida anteriormente nos objetivos e metodologia propostos para este trabalho, foram-se seguindo um conjunto de ações que procuravam quebrar com o que era esperado em determinada situação. Depois de dez minutos de conversa fui chamada a resolver um problema técnico, que me obrigou a sair do espaço de convívio e a subir as escadas em caracol do foyer, na sala seguinte, que levam à teia do auditório principal do

teatro. Entretanto já o público tinha sido chamado, pelo técnico, a sentar-se nas cadeiras situadas no fundo das escadas. Não era suposto fazê-lo já, pelo menos foi isso que o público ficaria a achar quando me viu descer umas escadas em direção a si. O desconforto óbvio do momento foi construído nos passos descritos anteriormente, para que o público ficasse a achar e sentir que o problema técnico tinha sido real, que a antecipação para a plateia foi um lapso, que descer as escadas ao mesmo tempo que chamava o técnico era *verdade*, que foi por força da circunstância não devida que fui obrigada a começar a falar ao público a meios das escadas.



Imagem 3: Escadas onde o discurso é iniciado. Fonte: fotografia da autora

Assim, toda esta construção foi o que permitiu que iniciasse o discurso num palanque improvisado, o que obrigava a subida da direção do olhar do público. Assim continuou:

“Obrigada por terem vindo. Obrigada pela vossa presença. Obrigada Presidente, orientador, como quiserem, João Garcia Miguel, que permitiu também a utilização deste espaço. [Desço as escadas e coloco-me de frente para a plateia] Obrigada. Muito obrigada. Esta é a minha primeira intervenção. Portanto, agradeço a atenção, eu vou ouvir toda a

gente. E obrigada mais uma vez a quem está a assistir desde casa. Eu vou lutar por vocês com cada respiração do meu corpo e eu nunca, mas nunca, vos vou desiludir.”



*Imagem 4: Momento durante a performance, na qual o público se encontrava por detrás da câmara.
Fonte: print do vídeo em anexo 1.*

A câmara já posicionada, em concordância com o sentido do olhar do público, testemunha, a partir do momento em que desço as escadas e me coloco perante os espetadores, a posição performer/espetador que vai ser adotada até ao final da performance. Quando é introduzida a informação falaciosa de que através daquela janela espacial, outras pessoas veem e assistem ao momento através do *facebook*, *instagram* e *youtube*, percebemos que, mais que uma testemunha, a câmara é também uma participante ativa.

Enquanto se muda e tenta arranjar uma luz que sirva melhor o momento, ação aparentemente decidida naquele momento, é lançado ao público o desafio de, ao longo do encontro, escreverem palavras, frases, pequenos comentários sobre o que ali se iria passar, palavras ao qual voltáramos mais tarde. No entanto, às quais nunca se volta.

A partir deste momento, estende-se o discurso que juntou Trump, Bolsonaro, Salvini e Orbán (anexo 3). Este é somente interrompido quando surgem, em quatro momentos distintos, figuras/personagens, figuradas por mim – com *sketches* filmados anteriormente em outros locais -, que são projetadas na parede: Margaret Thatcher, João Miguel Tavares (JMT), Padre António Vieira

e o homem a quem parece que aconteceu não sei quê²⁸. Elas surgem no contexto de alguém que estaria a assistir ao encontro desde casa e que, no entanto, decidiu ter uma palavra a dizer sobre o assunto. Todas estas figuras, cada uma em seu momento, vêm concordar ou discordar com o que está a ser dito, acrescentando novo conteúdo.²⁹

No caso do primeiro vídeo, com Margaret Thatcher, que surge num momento em que se fala da crise migratória a que assistimos atualmente, e da necessidade de dar voz aos “*verdadeiros refugiados e aos imigrantes, respeitáveis e legais, que vêm para construir um futuro para si e para os seus filhos*”³⁰, o seu testemunho interrompe o discurso, sem aviso, com o famoso “*No. No. No.*”³¹. Vem falar sobre a ideia de que existe uma grande nação, cujo povo anseia que se mantenha uma nação forte, para que o “*inverno do nosso descontentamento*” se transforme num “*outono de compreensão*”, seguido de um “*inverno de bom senso*”³² (minha tradução). Neste contexto específico, o desta performance, o significado das palavras de Thatcher é bastante ambíguo e ainda que a forma de interrupção e o restante discurso possa suscitar uma discordância com o mesmo, a continuação que é dada ao discurso após o vídeo, pressupõe que o mesmo é concordante, decidindo ativamente ignorar o que é contraditório.



Imagem 5: Margaret Thatcher. Fonte: print do vídeo em anexo 4a)

²⁸ Personagem de um sketch dos Gato Fedorento.

²⁹ No anexo 3b) é possível ler uma versão do discurso com indicação da entrada de vídeos e respetivo conteúdo. Também no anexo 4a), b), c) e d) é possível visualizar cada um dos vídeos de forma isolada.

³⁰ Citação do discurso de *ESTE É O VOSSO DIA ESTA É A VOSSA CELEBRAÇÃO* criado para a performance.

³¹ “Margaret Thatcher No, no, no”, YouTube video, 1:11, https://www.youtube.com/watch?v=Tetk_ayO1x4.

³² “Not For Turning Speech”, YouTube video, 41:25, <https://www.youtube.com/watch?v=VJchseAmfmw>.

Discurso de Margaret Thatcher proferido a 10 de outubro de 1980 na Conferência do Partido Conservador: “*If our people feel that they are part of a great nation and they are prepared to will the means to keep it great, then a great nation we shall be, and shall remain. So, mr chairman, what can stop us from achieving this? What then stands in our way? The prospect of another winter of discontent? I suppose it might. But I prefer to believe that certain lessons have been learnt from experience, that we are coming, slowly, painfully, to an autumn of understanding. And I hope that it will be followed by a winter of common sense.*” (24:53-25:39).

No final da sua intervenção, agradei a Margaret. O discurso calculista sobre imigrantes e refugiados, serviu na realidade para falar sobre “os cidadãos do nosso país”. Sobre a realidade de:

“mães e crianças presas na pobreza nas nossas cidades no interior; fábricas enferrujadas espalhadas como lápides pela paisagem da nossa nação; um sistema educacional com dinheiro abundante, mas que deixa os nossos jovens e belos alunos privados de todo o conhecimento; o aumento dos índices de violência e do poder do crime organizado, que tira vidas de inocentes, destrói famílias e leva a insegurança a todos os lugares. Esta carnificina para aqui e agora mesmo. Este é um país de todos nós, natos ou de coração. Um país de diversas opiniões, cores e orientações. Porque não existe povo do sul ou do norte. Somos todos um só país, somos todos uma só nação! Uma nação democrática!”

É então que surge a intervenção da figura de João Miguel Tavares, que faz o caminho oposto ao de Thatcher, no sentido em que começa por concordar com o que é dito para depois deixar um aviso:

“Partilhamos uma língua, um país com uma estabilidade de séculos, sem divisões, e é uma pena que por vezes pareçamos cansados de nós próprios. Tivemos História a mais; agora temos História a menos. Passámos da exaltação heroica e primária do nosso passado, no tempo do Estado Novo, para acabarmos com receio de usar a palavra Descobrimentos.”³³



Imagem 6: João Miguel Tavares. Fonte: vídeo

Opinião proferida no seu discurso nas comemorações do dia 10 de junho, que, por falar criticamente do Estado Novo, por um lado, e contra o que se diz agora ser uma tendência totalitária

³³ Excerto do discurso de: João Miguel Tavares, “Deem-nos alguma coisa em que acreditar”, *Público*, 10 de junho, 2019, <https://www.publico.pt/2019/06/10/politica/opiniao/deem-nos-alguma-coisa-em-que-acreditar-1875954>.

do politicamente correto, por outro, se coloca, ao mesmo tempo, contra e a favor, ambigualmente, de uma visão imperialista do regime fascista português.

Na continuação do discurso fala-se sobre a minha dedicação à causa, sobre a igualdade de todos perante o *Criador Todo-Poderoso* e sobre as forças criativas que emergem da superfície e que fazem deste povo sonhador, o povo presente na sala e que assiste em vídeo, e da sua possível ação, o símbolo contra a corrupção e os privilégios. Surge então Padre António Vieira, que aparece sentado na sanita, de robe, acabado de acordar. Pronunciando-se sobre o que acabou de ser dito, no caso a necessidade de agir além dos políticos que falam muito, mas não fazem nada. Surge com o que parece ser uma metáfora, uma ladainha sobre roncadores e espadartes, quase como se da moral da história se tratasse:



Imagem 7: Padre António Vieira. Fonte: vídeo

“O que eu acho disto tudo? Olha, quem quer mais do que lhe convém, perde o que quer e o que tem. Quem pode nadar, e quer voar, tempo virá em que não voe nem nade. Eu gosto é de espadartes. Dizei-me: o espadarte porque não ronca? Pois é... Isto não é regra geral: mas é regra geral que Deus não quer roncadores, e que tem particular cuidado de abater e humilhar aos que muito roncam.”³⁴

A intervenção desta figura surge com a desvalorização da necessidade de agir, fazendo, inclusive, uma sugestão moral, ao fazer alusão à figura de Deus que não gosta dos que muito roncam, dos que muito falam.

Depois desta intervenção começamos a chegar ao final do discurso:

³⁴ Adaptação de excertos de: Padre António Vieira, *Sermão de Santo António ao Peixes e Carta a D. Afonso VI*. Lisboa: Seara Nova, 1972, pp. 42; 51.

“Hoje não estamos apenas a transferir o poder de uma Administração para outra ou de um partido para outro – transferimos, sim, o poder de Washin... do governo central para o devolver a vocês, o povo. A partir deste dia uma nova visão governará a nossa terra.”

O objetivo era claro. O que teriam acabado de ouvir diz respeito a uma nova (ou velha) visão do mundo que se pretende que singre com o apoio do povo. Terminando com um compromisso emocional, não só dirigido ao público presente, mas também à câmara, que é movida de forma a filmar o público como pano de fundo: *“povo de todas as cidades próximas e distantes, pequenas e grandes, de montanha a montanha, de oceano a oceano, ouçam estas palavras: nunca mais serão ignorados.”*

Quando a performance supostamente terminou, surge finalmente a intervenção do homem a quem parece que aconteceu não sei o quê. Irrompe quando o público está já a levantar-se e serve como que o alívio cómico de que precisávamos. No conteúdo acrescenta pouco, mas se esta figura pode ser vista como a representação do discurso populista, também nos diz, depois de ouvirmos as palavras de Trump, Bolsonaro, Salvini e Orbán, que tudo o que foi dito não significa nada: *“quando eu vejo que há aí palhaços pá, falam falam falam e não os vejo a fazer nada pá, fico chateado, com certeza que fico chateado pá, tá a perceber? Ah.”*



Imagem 8: O homem a quem parece que aconteceu não sei o quê.
Fonte: vídeo

Com a inclusão destes vídeos, a questão da veracidade, que se tentava manter até ali, torna-se menos relevante, já que é claro que todas aquelas figuras são na realidade eu própria, o que traz necessariamente, à performance, novas dimensões: por um lado, uma dimensão teatral, pela

imitação, recriação e intensificação de formas de falar e, por isso, também cômica; e por outro, uma dimensão do absurdo, não só porque algumas das ações concretizadas em vídeo nunca foram vistas publicamente a estas figuras, mas também porque o sentido proposto para a performance não parecia ser aquele.

Capítulo 4: Desenvolvimento do projeto

4.1. Metodologia

A metodologia deste trabalho concretiza-se em duas fases distintas. A primeira fase foca-se na criação prática da performance artística e a segunda na escrita e reflexão do trabalho escrito. Em primeiro lugar, foi feita uma pesquisa exploratória de notícias, artigos e bibliografia sobre os fenómenos políticos que fazem parte da reflexão proposta. Após a escolha dos discursos políticos foi necessário fazer a tradução dos mesmos, para que se pudesse proceder à análise qualitativa e comparativa. Com os resultados dessa análise é organizado o texto para a performance, com a formulação de um novo discurso agregador (anexo 3). O objeto artístico começa então a ser criado e desenvolvido, no espaço de trabalho, através do método investigação-ação. Este processo é analisado e articulado na continuação do presente capítulo.

Após a apresentação pública é feito um focus group com as pessoas que assistiram à performance. É através da reflexão e organização de todo o material levantado até aqui que começa a segunda fase, com a escrita deste trabalho, onde é feito um estudo e análise aprofundada da bibliografia, já distendida no capítulo anterior, a concretização de uma memória descritiva do objeto e consequentes análises e hipóteses de reflexão.

4.2. Os discursos: análise e criação

Para a concretização do método de análise de conteúdo dos discursos políticos que compõem esta performance, foi necessário, antes de mais, proceder à tradução dos textos. Esse trabalho foi efetuado por mim, traduzindo do inglês para português, a partir da sua versão original ou, no caso dos textos de língua italiana e húngara, a partir da sua tradução em inglês.

A escolha destes discursos, quer os de tomada de posse oficial quer em contexto parlamentar, deve-se ao facto de estes serem uma das primeiras fontes de informação que nos dão indícios sobre os objetivos e o significado que a própria eleição tem para as possíveis mudanças políticas, económicas e sociais dos países em questão. Na altura em que são proferidos, a eleição está conseguida, o que não significa necessariamente o fim da disputa de eleitorado e da procura de apoio social.

Também de uma perspectiva simbólica, a tomada de posse é um momento solene que remete para um ritual de anunciação, mas também de enunciação, sobre o futuro. Muitos são os discursos de tomada de posse que ficaram na história pela sua importância e determinação política. Veja-se, a título de exemplo, o discurso de António de Oliveira Salazar em 1928³⁵, aquando da sua nomeação para Ministro das Finanças, no qual revela intenções que vão marcar a história social e política portuguesa. “*Sei muito bem o que quero e para onde vou*”, dizia Salazar sobre a indicação de que o seu ministério teria a palavra final sobre qualquer ação financeira de outros ministérios, assumindo um poder de veto “*a todos os aumentos de despesa corrente ou ordinária, e às despesas de fomento*”. O seu curto discurso de tomada de posse centra-se somente neste tema. A ordem aqui assumida, a da ditadura financeira, iria marcar os seus primeiros anos no governo, contribuindo diretamente para a sua nomeação para Presidente do Conselho de Ministros que, com as respetivas alterações à Constituição, permitiu uma ditadura fascista, a seu comando, durante 40 anos em Portugal.

Analisar a própria forma e organização dos discursos, a par do seu conteúdo, pode-nos ser útil, também, para encontrarmos pistas sobre o caminho e os pressupostos que permitiram a eleição de determinadas escolhas, apesar de todos eles terem sido eleitos em condições distintas.

Viktor Orbán é o único que não é estreante, ocupando desde 2010 o cargo de Primeiro Ministro na Hungria, o terceiro mandato consecutivo, tendo exercido também o mesmo cargo entre 1998 e 2002. Será também, por isso, que é possível verificar uma especial confiança sobre si mesmo e o seu governo não só para o mandato atual, mas também no planeamento a longo prazo, assim como, uma clareza reveladora nas suas análises e consequentes propostas. O longo discurso foi proferido a 10 de maio de 2018 na Assembleia Nacional húngara após juramento como primeiro-ministro. O partido Fidesz, partido pelo qual é eleito, representa a direita conservadora do país que se abraçou à extrema-direita, nomeadamente, pelas suas propostas anti-imigração.

Bolsonaro e Trump, têm em comum a irrelevância com que muitos viam a sua candidatura, julgando nunca ser possível a sua eleição, mesmo até dias antes do acontecimento. No entanto, diria que Bolsonaro nasce de uma situação política bem mais complexa que a de Trump. A presidente Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores, que governou o Brasil durante 13 anos, foi eleita em 2011, mas viu-se envolvida em vários alegados escândalos de corrupção financeira no governo e caiu do cargo, em 2016, através de um *impeachment* que dividiu e abalou o país. O seu vice

³⁵ General Vicente de Freitas, “Salazar explica as condições da reforma financeira”, *O portal da História*, <http://www.arqnet.pt/portal/discursos/abril01.html> (consultado em 8 de novembro de 2019).

primeiro-ministro, Michel Temer, do Movimento Democrático Brasileiro, o outro partido do centro que suportava o governo, assegurou o cargo ainda que com uma grande oposição popular, com históricas manifestações a acontecerem por todo o mundo contra o seu mandato. Nas eleições de 2018, Jair Bolsonaro do Partido Social Liberal, um antigo capitão das forças militares brasileira, favorável ao golpe militar de 1964, período negro da história fascista do país, é eleito com todas as declarações racistas, machistas e de ódio a minorias LGBT que marcaram o seu discurso. Durante a campanha foi alvo de uma alegada tentativa de homicídio, no qual sofreu uma facada no abdômen. Os discursos que aqui analisamos foram proferidos na noite da eleição, no momento da vitória, a 28 de outubro de 2018 e na tomada de posse, primeiro no Palácio do Planalto, para o “povo”, e depois no Congresso Nacional, para os “políticos”, a 1 de janeiro de 2019.

A eleição de Donald Trump (Partido Republicano) surge no pós-Obama. A sua candidatura, centrada na antipolítica, na anticorrupção e contra as elites políticas que até agora tinham governado o país, foi sobrevivendo devido às tática com que ignorava e desculpabilizava os escândalos, económicos e sexuais, em que se via envolvido, vitimizando-se, inclusive, com o que dizia ser a campanha anti-Trump dos principais meios de comunicação americanos. Mas os escândalos surgiam também contra a principal candidata da oposição, Hillary Clinton (Partido Democrata), muitos deles, alegadamente manufaturados pelas equipas de campanha e investigação do próprio Trump. O discurso de Tomada de posse acontece a 20 de janeiro de 2017, no Capitol Building em Washington, para milhares de pessoas.

Já no caso de Matteo Salvini, o discurso acontece no parlamento italiano, a 13 de junho de 2018, no contexto da sua primeira intervenção no parlamento italiano como Ministro do Interior. A sua eleição pela Liga Norte, o partido da extrema-direita que deu maioria ao Movimento 5 Estrelas, partido da direita-populista, criado recentemente, deveu-se à centralidade do seu discurso nas propostas políticas anti-imigração.

Matteo Salvini e Donald Trump nunca tinham antes exercido cargos políticos eleitorais. O primeiro era comentador televisivo e o segundo um magnata milionário, o que não significa, no entanto, que não tivessem já dentro dos corredores de poder inerentes às relações políticas e económicas de cada país.

Os líderes escolhidos para este trabalho vêm, por isso, de contextos políticos diferentes. Assim, foi necessário fazer uma análise comparativa, tentando perceber que temas e referências comuns existiam entre eles. A partir desta análise foi possível organizar um discurso equilibrado

que refletisse o conteúdo e a forma de comunicação inerentes e transversais aos quatro discursos. No entanto, a criação do texto que acompanha a performance tenta ser mais do que uma junção de discursos de pessoas diferentes. Não é somente uma transcrição integral nem uma composição a regra e esquadro de tudo o que é dito. Foram feitas escolhas, assim como omissões, edições e composições de frases, como a adaptação de género, questões que são visíveis também a partir da tradução própria dos textos que não estão em língua portuguesa.

É verdade que EUA, Brasil, Itália e Hungria (ainda) não são regimes abertamente fascistas, que transformaram o sistema democrático que os elegeu, num sistema ditatorial, sem eleições, como acontecia no início do século XX. No entanto, temos regimes de ideologia fascizante, no seu discurso e nas suas medidas e essas tendências estão presentes nos vários discursos aqui analisados. Na leitura feita sobre cada um deles é possível identificar três grandes intenções: a identificação de um problema e, portanto, o intento de uma crise e de uma urgência que os obriga a assumir um movimento; o apelo à unidade nacional, ao mesmo tempo que é criada a discórdia entre povos; e o reconhecimento de uma solução, a única saída possível, para a crise política e social, quer a mesma tenha sido criada por eles ou não.

Quando falamos da identificação do problema, nas palavras destes líderes, ela está sempre relacionada com as fronteiras do país, que tanto podem ser culturais ou ideológicas, e com a questão económica, com o risco de empobrecimento. Vamos percebendo, no entanto, que a importância dada às desigualdades sociais e económicas, que remetem para uma acesa oposição às elites e ao *establishment*, rapidamente se vai desvanecendo com o tipo de soluções apresentadas.

No que diz respeito à questão da defesa das fronteiras, a mesma é transversal a todos eles. Ainda assim, ela pode ser em referência, por um lado, à questão das migrações e por outro à influência política e ideológica de outros países, dentro do seu contexto geográfico. Há duas fronteiras, portanto, a ser invocadas e salvaguardadas: a territorial e a cultural. Salvini (anexo 6c)) centra o seu primeiro discurso no parlamento no episódio do navio Aquarius³⁶, reinventando uma nova versão de factos. Fala sobre o problema das migrações em massa suportadas pela Itália e defende que a política de migração tem de ser revista, porque o peso económico e cultural dos migrantes no país é demasiado alto. Orbán (anexo 6b)) fala também da importância desigual que a Hungria possui dentro da União Europeia, o que não lhe permite influenciar diretamente as políticas de “*migração, movimento populacional e imigração*” que estão atualmente em vigor, e que

³⁶ “Italy’s Matteo Salvini shuts ports to migrant rescue ship”, *BBC News*, 11 de junho, 2018, <https://www.bbc.com/news/world-europe-44432056>.

avançam para a declaração da migração como “*um direito humano fundamental*”, o que significaria um perigo para o país.

A influência cultural e o multiculturalismo são um problema para Salvini e Orbán, mas também para Trump e Bolsonaro. Para o presidente dos EUA o problema é a fronteira com o México e a imigração ilegal que fere o sentimento nacionalista americano – mesmo que milhões de imigrantes suportem parte da economia do país. Apesar de não falar diretamente sobre o episódio do muro com o México no discurso em questão, sabemos que foi um foco de atenção durante toda a campanha. Agora, além de referenciar a necessidade de proteger fronteiras, Trump foca-se mais nas desigualdades económicas, no desemprego, nas indústrias em queda, na corrupção e nos privilégios. Ironicamente, discursa contra o *establishment* e uma elite de que o próprio é parte integrante e que permitiu, inclusive, a sua eleição. Já para Bolsonaro, o problema central é a falta de liberdade, a repressão exercida pelo politicamente correto, assim como, o rumo ideológico que o país estaria a tomar. Diz mesmo que o grande desafio é o de “*enfrentar os efeitos da crise económica, do desemprego recorde, da ideologização de nossas crianças, do desvirtuamento dos direitos humanos, e da desconstrução da família.*”.

Perante os fatores de surgimento de forças fascizantes, de que falava Rosas (2019), podemos dizer que o *problema* das migrações e a crise económica e social foram fizeram parte do argumento que estes projetos políticos ganhassem espaço, dada a sua toante afirmação de que o decorrer da situação e destes problemas afetaria radical e profundamente a vida dos americanos, dos italianos, dos húngaros e dos brasileiros. Uma abordagem que tem o objetivo de provocar e que pretendem instalar o medo: a enchente de migrantes que vai acabar com a cultura italiana e com a cultura húngara; a imigração ilegal que traz violência, armas e droga; o viés ideológico comunista que defende os bandidos e que quer dar biberões em forma de pénis às crianças. No fundo, uma política de choque (Klein, 2017), que tem o objetivo de captar a atenção através do medo e, também assim, aumentar a sua capacidade persuasiva sobre determinada ideia moral (Gramsci, 1999).

Servem estas estratégias para que, numa segunda fase do discurso, se possam envolver e implicar as pessoas que ouvem e assistem nos vários problemas assinalados, o que acontece, muitas vezes, de forma emocional e etérea, com o objetivo de criar um sentimento coletivo de pertença a um único projeto de salvação. E o que é comum a um povo, em contexto nacional, torna-se cultural e ideologicamente superior a nível global. Trump é o mais veemente a fazer esta distinção e a organizar o discurso de forma a desenvolver em quem ouve o ímpeto da nação que finalmente tem em si a capacidade de mudança:

“Que todas as mudanças comecem aqui e agora, porque este momento é o vosso momento: pertence-vos. Pertence a todos aqui reunidos e a todos os que assistem de toda a América. Este é o vosso dia. Esta é a vossa celebração. E este - os Estados Unidos da América - é o vosso país.

O que realmente importa não é que partido controla o nosso governo, mas se o nosso governo é controlado pelo povo. O dia 20 de janeiro de 2017 será lembrado como o dia em que as pessoas se tornaram novamente os governantes desta nação. Os homens e as mulheres esquecidos do nosso país não serão mais esquecidos.”

Mas ao mesmo tempo que lemos um apelo a todas as pessoas que assistem, ele acaba por ser reduzido somente ao povo americano:

“(…) quer sejamos pretos, castanhos ou brancos, todos nós sangramos o mesmo sangue vermelho dos patriotas, todos nós desfrutamos das mesmas gloriosas liberdades e todos nós saudamos a mesma grande bandeira americana. E onde quer que uma criança nasça, na expansão urbana de Detroit ou nas planícies varridas pelo vento de Nebraska, eles olham para o mesmo céu noturno, enchem o coração com os mesmos sonhos e são insuflados com o sopro da vida pelo mesmo Criador Todo-Poderoso. Por isso, americanos de todas as cidades próximas e distantes, pequenas e grandes, de montanha a montanha, de oceano a oceano, ouçam estas palavras: nunca mais serão ignorados.”

E com o desenvolver da sua ação e decisões políticas nos meses e anos que se seguiram, percebemos que do povo americano não faz parte o povo imigrado e o povo descendente de imigrantes. Sabemos também que este discurso, o do poder ao povo, se torna vazio a partir do momento em que o presidente dos EUA desenvolve um tipo de governação autoritária e autocrática, quer a nível interno quer externo – basta olhar a sua prática de tweets.

O objetivo é fazer com que seja criado um sentimento de identificação e união entre quem assiste ao discurso, presencialmente ou virtualmente, algo especial, diferente de outros, que muitas vezes se espelha na questão da identidade nacional. O povo para quem se fala está sempre destinado a grandes feitos, no entanto, esse é um poder fictício, principalmente a partir do momento em que a eleição está garantida. Ao mesmo se refere Salvini quando diz que *“acima de tudo, farei tudo o que consiga para que a esperança possa voltar para os italianos.”* ou mesmo Orbán quando promete proteger *“o povo húngaro, interesses húngaros e valores cristãos”*, sempre em contraposição aos outros, ou aos migrantes ou socialistas ou comunistas. O primeiro-ministro húngaro vai até mais longe:

“Não escondo as nossas intenções: aqui, diante de vocês, deixo claro que, agindo em nome da liberdade húngara, o meu governo será um forte oponente desse plano [governo europeu único e unificado], do processo que se levou até aqui e dos seus passos intermediários. O multiculturalismo foi só o primeiro passo. O politicamente correto, que amordaça a liberdade de expressão, foi a segunda. É aqui que a Europa está hoje. A terceira etapa seriam as cotas obrigatórias de realojamento de migrantes. Devemos e vamos entrar na arena da política europeia, a fim de parar a subida para o próximo passo, o da auto-imolação, na Europa que amamos - e para a qual estamos dispostos a fazer grandes sacrifícios. Vamos opor-nos às cotas obrigatórias, defender a cultura cristã e lutar pela defesa das fronteiras.”

Um dos objetivos primordiais à concretização deste tipo de projetos, mas que nem sempre é claro, é a alta pessoalização na figura do líder do salvador da pátria. *“Vou lutar por vocês com cada respiração do meu corpo e eu nunca, nunca vos vou desiludir.”* é a certeza heroica com que nos deixa Trump. Salvini diz que fala como representante de um povo e vemos no seu discurso uma defesa recorrente à sua própria personalidade, conivente com a mensagem que deseja passar: é ministro, mas acima de tudo, um *“homem”* que é *“dador de sangue e dador de órgãos”* e que, apesar de apreciar – usa mesmo a expressão *“adoro”*, com alguma ironia - *“todo o tipo de generosidade, de voluntariado”*, tem algumas dúvidas sobre a espontaneidade de algumas associações salvarem os migrantes, referindo-se ao salvamento de refugiados no mar Mediterrâneo. É, portanto, ele, o homem solidário, quem tem a capacidade de *“equilibrar”* as forças, pois quem salva, todos os dias, pessoas refugiadas de morrerem afogadas no Mediterrâneo tem, com certeza, alguma coisa a esconder. Assim, ele próprio promete fazer todo o possível para ajudar os verdadeiros refugiados, os que respeitam a *“história”*, *“cultura”* e *“tradição”* italianas, na defesa da identidade e do povo italiano.

Orbán, que também coloca em si mesmo a missão de zelar pela cultura húngara, diz que está *“preparado para a ação”* e que essa ação será guiada *“pelo serviço da nossa nação e país”*. Vai mais longe, no entanto, ao prometer a ajuda divina de um *“anjo”*, pedindo inclusive o auxílio de Deus.

Nestes discursos, é de fazer notar novamente, quase como um apontamento de fé, as várias referências que são feitas a Deus e à própria Bíblia. Frases como *“Ama o próximo como a ti mesmo”* (Salvini), *“Glória a Deus somente”* (Orbán) e *“Como é agradável que o povo de Deus viva junto em união”* (Trump), são enunciadas diretamente da Bíblia. Neste contexto e inseridas

nestes discursos, é possível encontrar uma relação bastante promiscua entre aquilo que é a Igreja e o Estado e como muitas vezes a própria fé é usada para justificar ações, vontades e virtudes de um líder para com um povo, entrando naquilo que podemos chamar de sacralização da política, porque é “*Deus acima de tudo*” (Bolsonaro). Podemos, inclusive, colocar como hipótese, dentro desta proximidade do discurso com figuras e referências cristãs que fazem parte do imaginário e da cultura religiosa dos países em questão desde há milhares de anos, que a prática da produção de consenso se faz também a partir destas referências, dessas narrativas do inconsciente coletivo. No fundo, ao afetar, neste âmbito, figuras e formas religiosas à prática política, é possível tendenciar e delimitar o conteúdo que é dado às formas do inconsciente de que fala Jung (2002), assim como, no conjunto de relações de influência que são criadas sobre quem ouve, vê e percebe estes discursos.

O que se tentou, portanto, fazer com a edição destes discursos foi a criação de um novo discurso que pudesse exemplificar uma estrutura e fórmula discursiva similar aos da sua origem, ao mesmo tempo que o adapta a uma situação e uma realidade distintas. Houve um esforço para fazer aproximar o próprio conteúdo a uma realidade concreta, com que as pessoas presentes se pudessem identificar. Assim houve, por exemplo, alteração de género, omissão de referências geográficas – optando pela referência a país em vez do nome do país em causa – e escolha de frases e propostas que fosse dúbias quanto ao seu objetivo e que pudessem ser interpretadas de forma contraditória em relação à própria ação dos líderes que as proferiram, nomeadamente, os temas da liberdade de que nos fala Bolsonaro e Orbán, a questão dos refugiados com Salvini, ou a denúncia contra o *establishment* de Trump.

Uma das grandes revelações com o desenvolvimento dos ensaios foi o significado que o discurso foi ganhando. A repetição exaustiva, diária, daquelas palavras, fez com que, muitas vezes, já não reconhecesse a sua origem. A forma como se organizaram e escolheram frases e palavras, influenciaram diretamente toda a interpretação e entendimento do discurso, percebendo inclusive que o discurso se foi tornando mais ligeiro em comparação aos quatro primeiros. Esta questão tornou-se ainda mais complexa, a partir do momento em que foi adicionada uma outra dimensão discursiva e formal. Somaram-se outras personalidades, tratadas em formato vídeo, com o objetivo de comentar o que estava a ser dito durante a performance.

Escolhendo para o efeito, como referido anteriormente, as palavras de Margaret Thatcher, João Miguel Tavares, Padre António Vieira e do homem a quem parece que aconteceu não sei o quê, optando por ser eu mesma a interpretar cada uma das personagens em vídeo, foi necessário procurar excertos que trouxessem opiniões e perspetivas distintas, que pudessem acrescentar conflito. A escolha destas personagens, está relacionada com a leitura e perceção, muitas vezes contraditória, que é feita na opinião pública sobre cada uma delas. E, por isso, é mais difícil perceber exatamente que efeito tem o seu discurso. O mesmo vídeo pode, ao mesmo tempo, ser assertivo ou contraditório em relação ao discurso político que é dito em tempo real³⁷.

A escolha de Margaret Thatcher está relacionada com o facto de esta ser uma das figuras mais influentes do século XX, no qual, como primeira-ministra britânica, significou para uns, a imposição de uma nuvem negra de conservadorismo, que deixou milhões no desemprego e afundou o movimento sindical inglês, para outros, uma viragem neoliberal austeritária necessária à recuperação pós-crise económica. Amada por uns, detestada por outros.

João Miguel Tavares, jornalista e comentador político português, surge pelo facto de o mesmo ter presidido às comemorações do último dia 10 de junho, com um discurso no mínimo polémico e, se bem esmiuçado, em anuência com algumas das ideias da direita-populista que identificam alguns dos discursos centrais da performance. A polémica está na forma como publicamente o discurso foi entendido: um discurso de defesa do povo e que se coloca contra a classe política.

Já Padre António Vieira é visto como uma figura acarinhada desde sempre, lemos e analisamos os seus sermões na escola, estudamos a sua história de vida e a versão, mais consensual, sobre a importância que teve na defesa dos índios e escravos negros. No entanto, hoje, devido à polémica da sua estátua no Largo Trindade Coelho, vemos a sua figura defendida pela extrema-direita mais radical e violenta³⁸.

Por último, a escolha do homem a quem parece que aconteceu não sei o quê, recai sobre o facto de ser um tipo de discurso que assistimos em conversas de quotidiano, opinião do senso-

³⁷ Para entender melhor esta questão e consequência de argumentos, será necessário olhar para o anexo 3b), de forma a fazer uma leitura geral do que é dito em toda a performance, incluindo nos vídeos. Importa salvaguardar, no entanto, que a forma de como é dito é essencial à mesma análise, podendo, para isso, visualizar o vídeo de parte da performance no anexo 1.

³⁸ Ana Yekenha Ernesto, “Extrema-direita impede manifestação contra estátua do padre António Vieira em Lisboa”, Diário de Notícias, 6 de outubro, 2017, <https://www.dn.pt/sociedade/extrema-direita-impede-manifestacao-contru-estatuado-padre-antonio-vieira-em-lisboa-8823551.html>. (consultado a 20/09/2019)

comum, e que tem sido usual ouvirmos nas forças populistas e de extrema-direita, por exemplo, as mais recentemente eleitas no Parlamento Português.

Confrontar o discurso central com o discurso presente nos vídeos, permite criar uma nova dimensão discursiva e argumentativa, o que faculta a esta performance novas vias de interpretação possíveis. Essa interpretação dependerá sempre da junção de um conjunto de variáveis. No caso, qual é a relação de confiança entre quem ouve para quem profere o discurso? Qual a relação com as figuras dos vídeos? A origem do discurso central é reconhecível?

O controle sobre essas interpretações está, por isso, longe de estar controlado, mas o seu contrário pouco interesse teria. O que não implica que não se devam medir e pensar as suas consequências.

4.3. Experimentação e processo de ensaios

Para a fase da experimentação e ensaios, foi essencial o espaço concedido pela FCSH: o Aud. 002. Um auditório em semicírculo com cerca de seis filas de cadeiras em arena e um estrado de média dimensão. Entre 5 de abril e 31 de maio, das 16h às 18h de sexta-feira, durante 6 sessões, tive oportunidade de experimentar formas de dizer, de relacionar e abordar o material. Foi uma das fases mais importantes do trabalho, pois a expressão prática deste projeto centra-se precisamente na experimentação e criação da performance artística e no desafio de colocar no plano prático a reflexão produzida até aí. Assim, a ação e a reflexão crítica foram acontecendo em simultâneo, num processo cíclico.

Na primeira sessão, a 5 de abril, trabalhei parte da primeira versão do texto. Após a sua memorização, foram postas em prática algumas ideias de execução, nomeadamente, no que dizia respeito ao contexto, ficcional ou não, em que o discurso seria dito, a relação com a plateia e o meu posicionamento perante o próprio discurso. Destas experiências, destaco o trabalho feito com a câmara, onde decidi que este seria um objeto que me acompanharia, não só durante o processo, mas também na performance. O anexo 5a) é um exemplo desse trabalho e reflexão, onde é criado um alargamento da plateia que passou a poder existir não só no espaço físico real, mas também num espaço virtual, através da câmara.

Na sessão de 12 de abril, pela primeira vez, experimentei uma versão completa do discurso, através da sua leitura em voz alta. Sentada na mesa, em oposição à plateia, como se de uma palestra se tratasse, o anexo 5b), mostra um certo distanciamento com o discurso, ainda que a dinâmica mais lenta, quase entediante, ajude. Esta foi uma ideia que ficou pelo caminho, mas permitiu, ainda assim, uma reflexão mais profunda sobre a minha relação emocional com o discurso, que foi sendo desenvolvida nas sessões seguintes.

No anexo 5c) é possível ver uma experiência completamente diferente. Nesta quarta sessão, a 17 de maio, na impossibilidade de usar a sala, decidi trabalhar no exterior, o que me permitiu criar o ambiente diferente e que terminou numa espécie de entrevista de campo, via câmara. Ainda que a situação pareça caricata, tentei desenvolver uma certa proximidade com quem vê, através do trabalho sobre a simpatia e a implicância emocional com o próprio discurso. Experiência que se revelou cómica e empática.

Ao longo das sessões fui trabalhando ainda sobre o ambiente sonoro, o discurso formal vs informal e a construção de expectativas que se revelariam falhadas. Também pensei sobre formas de manipulação do público, com o objetivo de captar atenção, entusiasmo e participação. Ensaiei formas de começar e de terminar a performance. Experimentei ainda fazer o discurso como se fosse feito numa festa, num congresso político, numa reunião, numa sessão de meditação zen e numa entrega de prémios, com situações criadas para o efeito.

No entanto, houve escolhas que tiveram de ser feitas. Uma delas esteve relacionada com o começo da performance, o impulso que daria início ao discurso e a razão pela qual as pessoas se dirigiriam ao local para ouvir um discurso. Uma das hipóteses colocadas foi a da entrega de um prémio. Assim, seria enviado um convite a todas as pessoas para a celebração de um prémio que me teria sido entregue. O que seria caricato e algo absurdo, mas serviria como impulso para poder dizer umas palavras de agradecimento. Fui percebendo, no entanto, que pouco se adaptava ao que estava a tentar criar e a intenção ficava pelo caminho. As questões que levantou obrigaram a pensar melhor o que queria afinal desse começo, desse pré-performance. A ideia evoluiu para um chamamento, um pedido de atenção à *Mr Robot*³⁹. Assim, escrevi um pequeno texto em que chamava a atenção das pessoas para a necessidade de nos juntarmos à volta de um objetivo: mudar o mundo. Texto esse

³⁹ *Mr. Robot*, Sam Esmail, EUA: Anonymous Content e Esmail Corp., 2015-, [46 episódios]. Série ficcional sobre um jovem programador que é segurança e hacker informático e cujo objetivo é fazer um ataque informático ao sistema financeiro dos EUA. Para ganhar o apoio das massas, a figura central do plano fala anonimamente às pessoas, através de vídeo, com uma máscara, uma referência ao magnata do jogo Monopólio.

que foi usado para gravar o convite inicial. E assim se começou a construir o discurso político que permitiria fazer a mudança política.

O meu objetivo sempre foi, a partir da construção de uma ficção, tornar este trabalho o mais real possível, quer na sua situação, no seu entendimento e na apreensão que outras pessoas teriam da situação. Fui percebendo, no entanto, que para a construção desse trabalho a presença das pessoas, do público, é essencial, porque permite testar, avaliar e evoluir. A tomada de decisões durante os ensaios revelou-se, por isso, mais difícil. No entanto, a câmara fotográfica e de filmar revelou-se uma forte aliada à composição e construção de perspetiva.

4.4. Pós-performance

Depois da apresentação da performance, foi organizada uma conversa com as pessoas a que a ela assistiram, na tentativa de responder a questões e hipóteses que surgiram durante o processo, com especial interesse para o que tinha sido pensado e projetado antes, durante e após o acontecimento, por cada uma delas.

Coloquei desde logo toda a informação a descoberto: partilhei os meus objetivos com a performance e abri o meu arquivo, com os discursos completos, com o discurso final e as referências à origem de cada frase, e com notas de criação. Acabou por ser uma conversa, um espaço de partilha crítico, que se revelou também uma conexão de ideias para o futuro desta performance.

Como referido anteriormente, todas as pessoas que assistiram me eram próximas. Eram amigas e amigos chegados, que em parte, não tinham sequer conhecimento do conteúdo do objeto artístico. À interpretação da dimensão discursiva na performance não foi indiferente, para eles, a minha figura, que identificaram como séria, mas cúmplice, simpática e empática. Além de que a informação que tinham já sobre mim ajudou à criação de uma suposta coerência da proposta política. O que quer dizer, em primeiro lugar, que não foi estranha a chamada política feita na performance, pelo reconhecimento de uma mulher implicada politicamente em várias dimensões da sua vida, o que abriu espaço à dúvida sobre a ficção. Ainda assim, foram levantadas dúvidas, questões e conflitos, no seu entendimento sobre o objeto, quer em relação ao seu desenvolvimento estético quer em relação à sua profundidade política.

No que diz respeito ao conteúdo político, foi abordado como um desafio a necessidade de levar mais longe a ideia do movimento que ali se inicia e, conseqüentemente, de uma possível participação do público. Desenvolver a implicância objetiva do público na performance permitiria que cada uma das pessoas fosse obrigada a fazer uma escolha, por exemplo, assinar um abaixo-assinado que daria início ao movimento, mesmo que fosse uma falsa liberdade de escolha, condicionada durante o acontecimento. Ao desenvolver o objeto para um público mais alargado significa também que é preciso esperar todo o tipo de abordagens, respostas e reações ao próprio discurso. O que pressupõe um trabalho de alargamento do espaço de manipulação, que tem de ser pensado e refletido nas suas conseqüências.

Falou-se também na limitação da escolha de discursos a um determinado espectro político. Porque não escolher outros discursos que possuam e desenvolvam o mesmo tipo de estratégias? E ir até ao populismo de esquerda, por exemplo? Essa foi uma questão pensada e refletida por mim, por isso, uma escolha. Apesar de limitar a escolha de discursos à direita, a sua composição revela estratégias partilhadas com o discurso populista no geral. Os extremos não se tocam, mas há certamente na estratégia populista um conjunto de objetivos similares, que podem ser partilhados por forças de esquerda ou de direita.

Com o objetivo de tornar o momento o mais real possível também foram lançadas ideias para o seu desenvolvimento estético e artístico: aprofundar a relação ficção/não ficção, para levar mais longe a dúvida sobre a veracidade da situação, através da concretização real das emissões em direto, dos problemas técnicos levados ao limite e das figuras que aparecem nos vídeos que podem ser reais. Ainda assim, mesmo quem já sabia do que se tratava, referiu como a construção da performance fez com que a dúvida sobre a condição real da mesma permanecesse e, que ao ouvir o discurso, a vontade de dizer sim ia crescendo, já que a intenção era direcionada para esse propósito. Estas serão certamente algumas das questões a ter em conta no desenvolvimento futuro da performance.

No entanto, houve outras que surgiram com a escrita deste trabalho. Com o aprofundamento teórico do objeto artístico, desenvolvido de forma mais profunda com esta reflexão escrita, foram despoletadas questões que tinham a ver diretamente com a exploração prática do objeto em relação à forma como os próprios movimentos políticos aqui referenciados se desenvolveram. De que forma as características práticas que permitiram o seu surgimento e as estratégias detetadas para o seu alastramento estavam presentes na performance? Tentou-se, com esta experiência prática, testar algumas dessas estratégias, nomeadamente no conteúdo temático do

discurso, mas também na forma de aproximação do público ao objeto. Mas terá essa transposição ficado clara?

Quando comecei a criar este objeto, sabia para quem ele iria ser feito e isso facilitou a abordagem. Sabia que eram pessoas que se interessavam pela temática, que questionariam parte do discurso, ao mesmo tempo que ouvindo determinadas palavras, ditas por mim, se deixariam relaxar quanto ao propósito do seu uso. Foi essencialmente sobre esta estratégia de manipulação que decidi trabalhar.

Bolsonaro, por exemplo, dizia que a *“Liberdade é um princípio fundamental”*, acrescentando ainda que essa liberdade representa a *“liberdade (...) de andar nas ruas, em todos os lugares deste país, liberdade de empreender, liberdade política e religiosa, liberdade de informar e ter opinião. Liberdade de fazer escolhas e ser respeitado por elas”*. No entanto, ainda que as palavras estejam certas e sejam úteis a uma compreensão verdadeiramente democrática da liberdade, no contexto em que são pronunciadas, ditam um entendimento completamente diferente do seu significado. A estratégia que tentei usar foi a mesma, mas voltando-a do avesso. Ou seja, o entendimento do conceito de liberdade para quem ouviria seria um, diferente do da origem desta transcrição. E porque o entendimento de Bolsonaro não é claro quanto ao seu objetivo acabamos por aceitá-lo, quando na verdade a liberdade de que nos fala é aquela que, para si, é posta em causa pela badalada “ideologia de género”.

Ainda assim, creio, que no seu desenvolvimento, esta performance precisa de ir mais longe e arriscar na sua ambiguidade, trazendo para isso um discurso mais agressivo. Trabalhar um discurso que vá além de uma zona de neutralidade, permitirá testar e tornar mais claras as contradições que existem no pensamento de cada um de nós e as possibilidades concretas de instigação de determinada perspetiva. No fundo, trabalhar sobre o controle a que cada um está suscetível. Transpondo, por exemplo, o que já foi possível verificar na análise feita às estratégias de manipulação que tornam estes discursos consensuais até um determinado nível. Porque ao mesmo tempo que se fala da liberdade, conceito caro a todas e todos nós, também se fala contra a *“ideologização das crianças”* e a *“ideologia que defende bandidos e criminaliza policiais”*, fazendo referência à escola, que no entender de Bolsonaro, não deve ter política dentro, e à defesa da ação violenta assassina por parte da polícia militar dentro das favelas. A estratégia é a busca de problemas e conceitos consensuais, que vão sendo manipulados, de forma introduzir sorrateiramente propostas e opiniões que parecem contradizer esses conceitos, com o objetivo de aumentar a capacidade de alastramento a uma maioria.

O uso de mecanismos de manipulação faz parte da história do teatro e da performance e, por isso, neste objeto a criação desse exercício não é nova. No entanto, tentou-se que eles estivessem não só ao serviço de uma ideia, mas que fossem trabalhados como parte central do objeto. Da forma como a prática política e o discurso político têm usado esses mesmos mecanismos. No documentário *Get Me Roger Stone* (2017), um relato sobre o percurso do assessor e lobista Roger Stone, que esteve por detrás da eleição dos últimos presidentes republicanos norte-americanos, inclusive de Donald Trump, são indicadas, pelo próprio, as estratégias que começou a desenvolver e que mudaram a forma de fazer política, ou melhor, de ganhar eleições, no EUA. Fazer o necessário para vencer significa apelar a uma maioria, quer seja através de campanha negativa, de mentiras, da distorção da realidade, ao mesmo tempo que se diz o que a elite quer. Roger Stone, assim como Steve Bannon, são estratégias que não têm qualquer problema em dizer que a verdade já não interessa e que o que se diz, independentemente de poder vir a ser negado ou não, tem como objetivo chocar e desestabilizar. É esta agressividade, juntamente com a ambiguidade do significado do discurso, que pretendo que seja desenvolvida no futuro.

Conclusão

*“As grades do sistema que me prendem,
limitam esse espaço dessa ordem e progresso
Numa nacionalidade mista, chico science me diria onde se afoga, a democracia
A democracia é ditadura disfarçada
A democracia.”
Miss Beleza Universal, Doralice*

Acabemos por onde começamos: após oitenta anos do surgimento dos fascismos na Europa, e cinquenta anos após o seu “desaparecimento”, o que permite e está a autorizar o seu regresso e alargamento? Afinal de contas, de que é que é que Trump, Bolsonaro, Salvini ou Orbán são nome?

Os projetos políticos nos quais nos focamos e discutimos com este trabalho são fruto de uma tendência de transformação de corpos e comportamentos das sociedades a serviço de uma elite. Diríamos, à partida, que esses mesmos projetos chegam ao poder, argutamente, a partir da liberdade de escolha e do poder de decisão de cada um de nós. “São eleitos democraticamente”, dizem-nos. Mas em que condições? A partir de que estratégias e técnicas político-discursivas? Dados os conteúdos das suas afirmações e condições de funcionamento, percebemos, desde logo, que o racismo, xenofobia, LGBTfobia, transfobia e o machismo que lhes é inerente, apesar de disfarçados e dissimulados de liberdade no discurso, são o fermento dos neofascismo dos nossos dias.

Os fascismos não se repetem mas eles emergem devido a determinadas condições sociais e culturais que são permeáveis à introdução de mecanismos de poder. Todas as sociedade têm uma história, um passado, que mesmo que não tenha sido experienciada pelos próprios indivíduos que a compõe, fazem parte de uma inconsciência. Por isso, a inconsciência não é só individual, ela é também coletiva, como defendia Jung. A nossa ação enquanto sociedade parte também da relação com essa inconsciência, que contém figuras e formas configuradas, que ao se tornarem conscientes precisam que lhes seja dada uma compreensão, um conteúdo e um sentido.

Assim, as formas de relação de poder fascizante, personificadas pelos discursos que aqui trabalhamos, não são só uma vontade e disposição de uma elite. Elas são pré-existentes aos indivíduos, porque elas fazem parte da história das nossas sociedades. O poder da ação humana vai para além da sua própria individualidade e da consciência de nós próprios e é, por isso, complexo e disperso. De que forma esta inconsciência coletiva pode ser usada do ponto de vista do discurso

político, com um sentido de afirmação de determinada ideologia?

A forma do conteúdo dessa inconsciência pode ser ativada instrumentalmente e pode sempre ser “agilizada” por um comando. E, segundo os exemplos que aqui vimos, esse comando pode ser económico, como no caso de Trump, militar com Bolsonaro, ou uma elite cultural, com Salvini, e mesmo uma elite política com Orbán. Para que essa relação de poder singre, se mantenha e ganhe espaço, existem estratégias que têm como objetivo moldar o movimento que criamos enquanto sujeitos políticos. Vemos e lemos nos seus discursos algumas tendências que no ajudam à compreensão dessa experiência.

Em primeiro lugar, convidam-nos a identificar um problema, uma falha que nos afeta a todas e todos e que precisa de ser resolvida. Uma falha que coloca em causa a nossa própria história e identidade. A tendência é a da oposição entre o *nós* e o *eles*, construindo fronteiras económicas e culturais. A elite versus o povo. O que permite, em segundo lugar, criar um sentimento de pertença coletiva em torno de um projeto. É a glorificação do *nós* que se materializa muitas vezes num sentimento nacionalista de sobreposição ao *outro*. Do “nosso lado” está a história, a identidade, a virtude moral, a civilização. Do lado “de lá” está o perigo, o risco e sobretudo a ameaça à “nossa” identidade. Para em último percebermos que esse movimento de reconquista de poder necessita de um líder, de alguém capaz de enfrentar os poderes vigentes e declarar que agora chegou a *nossa* vez. Só o líder interpreta a “voz” do povo e só ele pode ter o poder de comando.

Este processo não é, por isso, um simples processo de convencimento ou persuasão. É uma construção pensada, e que precisa, por isso, de uma reflexão profunda sobre aquilo que, na senda de Gramsci, chamámos de mecanismos de consentimento. Sabemos que as estratégias de manipulação e marketing são agressivas, interpenetram-se como o mundo político, e que acontecem sob o signo espectacularização da política.

Dito isto, voltemos, uma vez mais, ao começo da nossa reflexão: como podemos nós, através da performance e do exercício artístico, contribuir para clarificar, analisar, testar e propor mudanças no real? Como é que a arte não é apenas *um espelho do real mas parte da sua mudança*?

É sobre a nossa vivência coletiva, que a ela se relaciona e é assegurada pela nossa própria individualidade, que surge a forma como nos podemos relacionar com a arte, como parte dessa organização. Existem sempre formas de policiamento sobre determinadas ações, que tanto surge da própria polícia como de nós próprios que adotamos esse comportamento, mas também porque existem movimento de distensão dos limites.

ESTE É O TEU DIA. ESTA É A TUA CELEBRAÇÃO. foi uma performance artística que tentou pensar sobre a relação que existe entre a produção de consenso de que falamos, mas também a possibilidade do dissenso, tal como ele nos são proposto por Gramsci e Rancière. Portanto, a relação entre limitação de formas culturais ou comportamentos e a abertura de fissuras no coletivo que obrigam a uma reorganização. A experiência da performance tentou, por isso, a partir do exercício do policiamento a que estamos sujeitos com as formas de poder dos projetos políticos fascizantes e dos seus discursos, que nem sempre é claro, mas pensado, ardiloso e muitas vezes subtil, provocar uma reformulação nas formas de relação. Porque é ao pensar essas formas de relação, enquanto sociedade, que podemos construir o hoje e o amanhã. Em suma, a performance procura as fendas da política por oposição à conformidade da polícia.

Trazer a arte para a política e a política para a arte é sempre um exercício complexo, que corre o risco de cair no esvaziamento das suas potencialidades. Se essa relação se pretende explicativa e ao exercê-la seja remetida somente a uma demonstração sensorial da sua autora, que leva a que o público o sinta da mesma forma, acaba necessariamente por não provocar qualquer fricção ou conflito. Mas se se permitir que o risco, a multiplicidade de sensorialidades, de ideias e poderes aconteça, até dentro da consciência de nós próprios, pode ser que seja possível reorganizarmo-nos para uma vivência coletiva composta de multiplicidades.

O conflito é o lugar que permite percecionar e provocar a mudança. E uma arte sem conflito, assim como a sociedade, tende a deixar-se manter na posição confortável de que existirá sempre alguém que decide por nós. E a arte tem também essa capacidade, a de se promiscuir na esfera e no espaço público, enquanto espaço de discussão coletiva e de produção de dissenso.

Bibliografia

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Traduzido por Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

HOBBSBAWM, Eric. *A Era dos Extremos*. Traduzido por Catarina Madureira e Manuela Madureira. Lisboa: Editorial Presença, 2008.

JUNG, Carl. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Traduzido por Dora Mariana R. Ferreira da Silva e Maria Luiza Appy. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 2002.

KLEIN, Naomi. *Dizer Não Não Basta*. Traduzido por José Miguel Silva. Lisboa: Relógio D'Água, 2017.

KLEIN, Naomi. *No Logo. O poder das marcas*. Traduzido por Pedro Dias. Lisboa: Relógio D'Água, 2002.

LEPECKI, Andre, “Coreopolítica e Coreopolícia”, *ILHA* vol 13, nº1 Jan./Jun, 2011, 41-60.

LILIENTHAL, Matthias, e FRANKE, Anselm. “Exhibition histories: “Please Love Austria!””. Entrevista por Christian Kobald. *Spike Art Magazine*, verão de 2018. <https://www.spikeartmagazine.com/en/articles/exhibition-histories-please-love-austria>

LOFF, Manuel. “O bolsonarismo é o neofascismo adaptado ao Brasil do século 21”. Entrevista por Ricardo Viel. *A Pública*, 29 de julho, 2019. <https://apublica.org/2019/07/o-bolsonarismo-e-o-neofacismo-adaptado-ao-brasil-do-seculo-21/>

MALZACHER, Florian, ed. *Not Just a Mirror - Looking for the political theatre of today*. Berlin: Alexander Verlag Berlin, 2015.

MINEIRO, João. “O tempo, as redes e o espetáculo do populismo”. Em *O Espectro dos Populismos - Ensaios políticos e historiográficos*. Coordenado por Cecília Honório. Lisboa: Edições tinta-da-china, 2018, pp.171-202.

PAIS, Ana, org. *Performance na Esfera Pública*. Lisboa: Orfeu Negro, 2017.

RANCIÈRE, Jacques. *O espectador emancipado*. Traduzido por Ivone. C. Benedetti. São Paulo:

WMF Martins Fontes Lmted., 2012.

ROSAS, Fernando. *Salazar e os fascismos*. Lisboa: Edições tinta-da-china, 2019.

STARLING, Heloisa Merling. “Se o impossível acontecer, mantenha a calma”. Em *Serrote: uma revista de ensaios, artes visuais, ideias e literatura* #31. Editada por Paulo Roberto Pires. São Paulo: IMS, março, 2019, pp. 4-20.

TAVARES, João Miguel. “Deem-nos alguma coisa em que acreditar”. *Público*, 10 de junho, 2019. <https://www.publico.pt/2019/06/10/politica/opiniao/deem-nos-alguma-coisa-em-que-acreditar-1875954>

VIEIRA, Padre António, Sermão de Santo António ao Peixes e Carta a D. Afonso VI. Lisboa: Seara Nova, 1972.

SANTOS, João de Almeida, “Hegemonia: o primado do consenso na teoria política de Gramsci”. Em *Da gaveta para fora. Ensaios sobre marxistas*. Organizado por José Neves. Porto: Edições Afrontamento, 2006, pp. 79-108.

Multimédia: vídeos, filmes e séries

A ONDA. Direção: Dennis Gansel. Alemanha: Constantin Film e Highlight Film, 2008, [107min].

GET ME ROGER STONE. Direção: Daniel DiMauro, Dylan Blank, Morgan Pehme. EUA: Netflix, 2017, [92min].

“Gato Fedorento - O homem a quem parece que aconteceu não sei quê”, YouTube video, Gato Fedorento, 15 de janeiro, 2019, 1:25, <https://www.youtube.com/watch?v=tKMENMyLzFE&t=15s>.

“Not For Turning Speech”, YouTube video, 41:25, <https://www.youtube.com/watch?v=VJchseAmfmw>.

ANEXOS

Anexo 1 – Vídeo da performance *ESTE É O VOSSO DIA. ESTA É A VOSSA CELEBRAÇÃO.*



Anexo 2 – Vídeo-convite para a performance *ESTE É O VOSSO DIA. ESTA É A VOSSA CELEBRAÇÃO.*



Anexo 3 – Textos em *ESTE É O VOSSO DIA. ESTA É A VOSSA CELEBRAÇÃO.*

Anexo 3a) – Discurso de *ESTE É O VOSSO DIA. ESTA É A VOSSA CELEBRAÇÃO.*

Obrigado Presidente/orientador: João Garcia Miguel, por teres proporcionado a utilização deste espaço. Obrigado desde já pela vossa presença. Confesso a emoção deste momento para mim. Amigas e amigos de todo o país e gente de todo o mundo: obrigada.

Esta é a minha primeira intervenção, portanto, agradeço toda a atenção. Vou ouvir toda a gente e obrigada a quem está a assistir desde casa. Vou lutar por vocês com cada respiração do meu corpo e eu nunca, nunca vos vou desiludir.

Vocês vieram para se tornarem parte de um movimento histórico tão importante como nunca antes visto. E no centro deste movimento existe uma convicção crucial: uma nação existe para servir os seus cidadãos.

Eu estou diante de vocês cheia de otimismo e esperança e preparada para a ação. Estou convencida de que temos a oportunidade de realizar grandes tarefas. Já há muito tempo que as estrelas não estavam tão favoravelmente alinhadas para a nós como neste momento. E eu estou aqui para responder e, mais uma vez, me comprometer com esse desejo de mudança. Também estou aqui para renovar nossas esperanças e lembrar que, se trabalharmos juntos, essa mudança será possível.

Que todas as mudanças comecem aqui e agora, porque este momento também é o vosso momento: pertence-vos. Pertence a todos aqui reunidos e a todos os que assistem de todo o país. Este é o vosso dia. Esta é a vossa celebração. Toda a gente vos está agora a ouvir.

Eu traço o meu compromisso com a liberdade. Todas as crianças aqui fazem este juramento: *“Quem viveu e morreu livre, não consegue encontrar descanso numa terra escravizada. Ao nosso Deus nós juramos, nós juramos que os escravos não mais seremos nós!”*.

Liberdade é um princípio fundamental: liberdade de ir e vir, de andar nas ruas, em todos os lugares deste país, liberdade de empreender, liberdade política e religiosa, liberdade de informar e ter opinião. Liberdade de fazer escolhas e ser respeitado por elas.

O meu objetivo é dar às pessoas a maior liberdade possível permitindo que elas progridam de acordo com suas próprias luzes. Trabalharei incansavelmente.

No entanto, tenho sentido um grande peso nos últimos dias. Existe crítica política. E deve haver. É saudável. Eu vejo o debate e o conflito como uma parte natural da política. Talvez não haja nada de errado nisso: se alguém martela um prego na parede e descobre que não há resistência, o que pode alguém segurar nesse prego? Fui ganhando bastante conhecimento sobre a natureza

humana para saber que não faz sentido esperar uma vitória tranquila. Tanto quanto uma brisa suave. No entanto, posso prometer - e prometo - que o meu objetivo será garantir que, sempre que possível, sintamos que um anjo está a olhar para nós aqui nesta casa.

Estou certa de que enfrentaremos enormes desafios, mas, se tivermos a sabedoria de ouvir a voz do povo, alcançaremos êxito em nossos objetivos, e, pelo exemplo e pelo trabalho, levaremos as futuras gerações a seguir-nos nesta tarefa gloriosa.

Uma reflexão: *“Ama o próximo como a ti mesmo”*. Correto. Os meus próximos são mulheres e crianças que fugiram da guerra e que são as primeiras vítimas da confusão que estamos a viver. Porque para o pequeno número de mulheres e crianças que fogem da guerra *“casa nostra, casa lora”* - casa nossa, casa vossa. Assim, com todas as minhas limitações e todos os meus defeitos farei tudo o que é humanamente possível para dar voz a estes verdadeiros refugiados e aos imigrantes respeitáveis e legais que vêm para construir um futuro para si e para os seus filhos, respeitando a nossa história, a nossa cultura e a nossa tradição.

Somos uma só nação, e a dor deles é nossa dor, os sonhos deles são os nossos sonhos, e o sucesso deles será o nosso sucesso. E porque é minha ambição falar em nome de um povo que nada tem a aprender com ninguém em termos de generosidade, voluntariedade, hospitalidade e solidariedade, cumprirei essa obrigação especial para com eles, aliada com a minha outra obrigação: o dever de servir todo o país, toda a nossa pátria e todos os cidadãos da nação.

O *establishment* protegeu-se a si mesmo, mas não protegeu os cidadãos do nosso país. As suas vitórias não têm sido as vossas vitórias. Os seus triunfos não têm sido os vossos triunfos. E enquanto se festejava na capital, pouco havia para comemorar pelas famílias em dificuldades ao longo do nosso país. Para muitos dos nossos cidadãos, existe uma realidade diferente: mães e crianças presas na pobreza nas nossas cidades no interior; fábricas enferrujadas espalhadas como lápides pela paisagem da nossa nação; um sistema educacional com dinheiro abundante, mas que deixa os nossos jovens e belos alunos privados de todo o conhecimento; o aumento dos índices de violência e do poder do crime organizado, que tira vidas de inocentes, destrói famílias e leva a insegurança a todos os lugares. Esta carnificina para aqui e agora mesmo.

Este é um país de todos nós, natos ou de coração. Um país de diversas opiniões, cores e orientações. Porque não existe povo do sul ou do norte. Somos todos um só país, somos todos uma só nação! Uma nação democrática!

Eu farei tudo o que consiga para que a esperança possa voltar para nós. A isto dedicarei os meus próximos anos como atriz e, acima de tudo, a minha vida. Sinto-me honrada por estar à disposição do povo.

Quer sejamos negros, castanhos ou brancos, todos nós sangramos o mesmo sangue vermelho dos patriotas, todos nós desfrutamos das mesmas gloriosas liberdades e todos nós saudamos a mesma grande bandeira. E onde quer que uma criança nasça, na expansão urbana daqui ou nas planícies

varridas de acolá, eles olham para o mesmo céu noturno, enchem o coração com os mesmos sonhos e são insuflados com o sopro da vida pelo mesmo Criador Todo-Poderoso.

Este país e os seus cidadãos não apenas recuperaram a sua vitalidade, mas também hoje acontece connosco algo raro, mas bem reconhecido pela história: as forças criativas estão a emergir na superfície. Temos de pensar grande e sonhar ainda maior. Aprendi que a vitória nunca é final e a derrota nunca é fatal; tudo o que importa é saber se alguém está preparado para continuar a batalha. Uma nação só vive enquanto lutar. Não aceitaremos mais políticos que são só conversa e nenhuma ação - que se queixam constantemente, mas nunca agem. A corrupção, os privilégios e as vantagens precisam acabar. O tempo para conversas vazias terminou. Chegou agora a hora de agir.

Reunimo-nos aqui hoje para emitir um novo decreto, para que seja ouvido em todas as cidades, em todas as capitais estrangeiras e em todos os corredores de poder. Hoje não estamos apenas a transferir o poder de uma Administração para outra, ou de um partido para outro - transferimos, sim, o poder de Washington para o devolver a vocês, o povo. A partir deste dia, uma nova visão governará a nossa terra.

Por isso, povo de todas as cidades próximas e distantes, pequenas e grandes, de montanha a montanha, de oceano a oceano, ouçam estas palavras: nunca mais serão ignorados. Obrigada.

Anexo 3b) – Discurso de *ESTE É O VOSSO DIA. ESTA É A VOSSA CELEBRAÇÃO.*

(com adaptações e referência às intervenções em vídeo)

Obrigado Presidente/orientador: João Garcia Miguel, por teres proporcionado a utilização deste espaço. Obrigado desde já pela vossa presença. Confesso a emoção deste momento para mim. Amigas e amigos de todo o país e gente de todo o mundo: obrigada.

Esta é a minha primeira intervenção, portanto, agradeço toda a atenção. Vou ouvir toda a gente e obrigada a quem está a assistir desde casa. Vou lutar por vocês com cada respiração do meu corpo e eu nunca, nunca vos vou desiludir.

Vocês vieram para se tornarem parte de um movimento histórico tão importante como nunca antes visto. E no centro deste movimento existe uma convicção crucial: uma nação existe para servir os seus cidadãos.

Eu estou diante de vocês cheia de otimismo e esperança e preparada para a ação. Estou convencida de que temos a oportunidade de realizar grandes tarefas. Já há muito tempo que as estrelas não estavam tão favoravelmente alinhadas para a nós como neste momento. E eu estou aqui para responder e, mais uma vez, me comprometer com esse desejo de mudança. Também estou aqui para renovar nossas esperanças e lembrar que, se trabalharmos juntos, essa mudança será possível.

Que todas as mudanças comecem aqui e agora, porque este momento também é o vosso momento: pertence-vos. Pertence a todos aqui reunidos e a todos os que assistem de todo o país. Este é o vosso dia. Esta é a vossa celebração. Toda a gente vos está agora a ouvir.

Bem, eu posso começar. No entanto, gostava de dirigir também o convite às pessoas que nos veem: se quiseres enviar comentários, críticas, enviem os vossos vídeos e passaremos os vossos contributos à medida que os formos recebendo.

Gostava também que à medida que formos avançando, se tiverem esse ímpeto, escrevam uma palavra ou um pequeno pensamento sobre o que este encontro significa para vocês, para que possamos pensar neles mais tarde.

Eu... traço o meu compromisso com a liberdade. Todas as crianças aqui fazem este juramento: “Quem viveu e morreu livre, não consegue encontrar descanso numa terra escravizada. Ao nosso Deus nós juramos, Nós juramos, que os escravos não mais seremos nós!”.

Liberdade é um princípio fundamental: liberdade de ir e vir, de andar nas ruas, em todos os lugares deste país, liberdade de empreender, liberdade política e religiosa, liberdade de informar e ter opinião. Liberdade de fazer escolhas e ser respeitado por elas.

O meu objetivo é dar às pessoas a maior liberdade possível permitindo que elas progridam de acordo com suas próprias luzes. Trabalharei incansavelmente.

No entanto, tenho sentido um grande peso nos últimos dias. Existe crítica política. E deve haver. É saudável. Eu vejo o debate e o conflito como uma parte natural da política. Talvez não haja nada de errado nisso: se alguém martela um prego na parede e descobre que não há resistência, o que pode alguém segurar nesse prego? Fui ganhando bastante conhecimento sobre a natureza humana para saber que não faz sentido esperar uma vitória tranquila. Tanto quanto uma brisa suave. No entanto, posso prometer - e prometo - que o meu objetivo será garantir que, sempre que possível, sintamos que um anjo está a olhar para nós aqui nesta casa.

Estou certa de que enfrentaremos enormes desafios, mas, se tivermos a sabedoria de ouvir a voz do povo, alcançaremos êxito em nossos objetivos, e, pelo exemplo e pelo trabalho, levaremos as futuras gerações a seguir-nos nesta tarefa gloriosa.

Uma reflexão: “Ama o próximo como a ti mesmo”. Correto. Os meus próximos são mulheres e crianças que fugiram da guerra e que são as primeiras vítimas da confusão que estamos a viver. Porque para o pequeno número de mulheres e crianças que fogem da guerra “casa nostra, casa lora” - casa nossa, casa vossa. Assim, com todas as minhas limitações e todos os meus defeitos farei tudo o que é humanamente possível para dar voz a estes verdadeiros refugiados e aos imigrantes respeitáveis e legais que vêm para construir um futuro para si e para os seus filhos, respeit ...

Margareth Thatcher: No. No. No. If our people feel that they are part of a great nation and they are prepared to will the means to keep it great, then a great nation we shall be, and shall remain. So, mr chairman, what can stop us from achieving this? What then stands in our way? The prospect of another winter of discontent? I suppose it might.

But I prefer to believe that certain lessons have been learnt from experience, that we are coming, slowly, painfully, to an autumn of understanding. And I hope that it will be followed by a winter of common sense.

Obrigada pela sua intervenção Margaret. Sobre a questão do senso comum, já lá iremos, mas ainda assim Margaret, tocou num ponto importante.

Somos uma só nação, e a dor deles é nossa dor, os sonhos deles são os nossos sonhos, e o sucesso deles será o nosso sucesso. E porque é minha ambição falar em nome de um povo que nada tem a aprender com ninguém em termos de generosidade, voluntariedade, hospitalidade e solidariedade, cumprirei essa obrigação especial para com eles, aliada com a minha outra obrigação: o dever de servir todo o país, toda a nossa pátria e todos os cidadãos da nação.

O establishment protegeu-se a si mesmo, mas não protegeu os cidadãos do nosso país. As suas vitórias não têm sido as vossas vitórias. Os seus triunfos não têm sido os vossos triunfos. E enquanto se festejava na capital, pouco havia para comemorar pelas famílias em dificuldades ao longo do nosso país. para muitos dos nossos cidadãos, existe uma realidade diferente: mães e

crianças presas na pobreza nas nossas cidades no interior; fábricas enferrujadas espalhadas como lápides pela paisagem da nossa nação; um sistema educacional com dinheiro abundante, mas que deixa os nossos jovens e belos alunos privados de todo o conhecimento; o aumento dos índices de violência e do poder do crime organizado, que tira vidas de inocentes, destrói famílias e leva a insegurança a todos os lugares. Esta carnificina para aqui e agora mesmo.

Este é um país de todos nós, natos ou de coração. Um país de diversas opiniões, cores e orientações. Porque não existe povo do sul ou do norte. Somos todos um só país, somos todos uma só nação! Uma nação democrática!

Parece que temos mais uma intervenção.

João Miguel Tavares: Partilhamos uma língua, um país com uma estabilidade de séculos, sem divisões, e é uma pena que por vezes pareçamos cansados de nós próprios. Tivemos História a mais; agora temos História a menos. Passámos da exaltação heroica e primária do nosso passado, no tempo do Estado Novo, para acabarmos com receio de usar a palavra “Descobrimentos”. Aquilo que melhor distingue as pessoas não é serem de esquerda ou de direita, mas a firmeza do seu carácter e a força dos seus princípios. Aquilo que se pede aos políticos, sejam eles de esquerda ou de direita é que nos deem alguma coisa em que acreditar.

Obrigada João. E eu farei tudo o que consiga para que a esperança possa voltar para nós. A isto dedicarei os meus próximos anos como atriz e, acima de tudo, a minha vida. Sinto-me honrada por estar à disposição do povo.

Quer sejamos negros, castanhos ou brancos, todos nós sangramos o mesmo sangue vermelho dos patriotas, todos nós desfrutamos das mesmas gloriosas liberdades e todos nós saudamos a mesma grande bandeira. E onde quer que uma criança nasça, na expansão urbana daqui ou nas planícies varridas de acolá, eles olham para o mesmo céu noturno, encham o coração com os mesmos sonhos e são insuflados com o sopro da vida pelo mesmo Criador Todo-Poderoso.

Este país e os seus cidadãos não apenas recuperaram a sua vitalidade, mas também hoje acontece connosco algo raro, mas bem reconhecido pela história: as forças criativas estão a emergir na superfície. Temos de pensar grande e sonhar ainda maior. Aprendi que a vitória nunca é final e a derrota nunca é fatal; tudo o que importa é saber se alguém está preparado para continuar a batalha. Uma nação só vive enquanto lutar. Não aceitaremos mais políticos que são só conversa e nenhuma ação - que se queixam constantemente, mas nunca agem. A corrupção, os privilégios e as vantagens precisam acabar. O tempo para conversas vazias terminou. Chegou agora a hora de agir.

Temos mais alguém em chamada? Parece que sim.

Padre António Vieira: O que eu acho disto tudo? Olha, quem quer mais do que lhe convém, perde o que quer e o que tem. Quem pode nadar, e quer voar, tempo virá em que não voe nem nade. Eu gosto é de espadartes. Dizei-me: o espadarte porque não ronca? Pois é... Isto não é regra geral: mas é regra geral que Deus não quer roncadores, e que tem particular cuidado de abater e humilhar aos que muito roncam.

Sr. Padre, lamento, mas na verdade nós queremos ser os roncadores. E convido-o a juntar-se a nós. Reunimo-nos aqui hoje para emitir um novo decreto, para que seja ouvido em todas as cidades, em todas as capitais estrangeiras e em todos os corredores de poder. Hoje não estamos apenas a transferir o poder de uma Administração para outra, ou de um partido para outro - transferimos, sim, o poder de Washin... do governo central para o devolver a vocês, o povo. A partir deste dia, uma nova visão governará a nossa terra.

[câmara] Por isso, povo de todas as cidades próximas e distantes, pequenas e grandes, de montanha a montanha, de oceano a oceano, ouçam estas palavras: nunca mais serão ignorados. Infelizmente não temos mais tempo para intervenções, pois só temos a sala até às 19h30. Marcaremos com certeza mais encontros. Obrigada.

O homem a quem parece que aconteceu não sei quê: Porque eu sou um gajo que dou-me bem com toda a gente, sim senhor, dou-me bem, por mim tá tudo bem e fazem-me isto. E há gajos que andam para aí e fazem trinta por uma linha e depois passa tudo incólume. Que é coisa que eu não percebo. É que eu assim não vou... Porque quando eu vejo que há aí palhaços pá, falam falam falam e não os vejo a fazer nada pá, fico chateado, com certeza que fico chateado pá, tá a perceber? Ah.

Anexo 3c) – Discurso de *ESTE É O VOSSO DIA. ESTA É A VOSSA CELEBRAÇÃO.*

(com indicação do discurso original)

Donald Trump

Jair Bolsonaro

Viktor Orbán

Matteo Salvini

Obrigado Presidente/orientador: João Garcia Miguel, por teres proporcionado a utilização deste espaço. Obrigado desde já pela vossa presença. Confesso a emoção deste momento para mim.

Amigas e amigos de todo o país e gente de todo o mundo: obrigada.

Esta é a minha primeira intervenção, portanto, agradeço toda a atenção. Vou ouvir toda a gente e obrigada a quem está a assistir desde casa. Vou lutar por vocês com cada respiração do meu corpo e eu nunca, nunca vos vou desiludir.

Vocês vieram para se tornarem parte de um movimento histórico tão importante como nunca antes visto. E no centro deste movimento existe uma convicção crucial: uma nação existe para servir os seus cidadãos.

Eu estou diante de vocês cheia de otimismo e esperança e preparada para a ação. Estou convencida de que temos a oportunidade de realizar grandes tarefas. Já há muito tempo que as estrelas não estavam tão favoravelmente alinhadas para a nós como neste momento. E eu estou aqui para responder e, mais uma vez, me comprometer com esse desejo de mudança. Também estou aqui para renovar nossas esperanças e lembrar que, se trabalharmos juntos, essa mudança será possível.

Que todas as mudanças comecem aqui e agora, porque este momento também é o vosso momento: pertence-vos. Pertence a todos aqui reunidos e a todos os que assistem de todo o país. Este é o vosso dia. Esta é a vossa celebração. Toda a gente vos está agora a ouvir.

[silêncio]

Bem, eu posso começar. No entanto, gostava de dirigir também o convite às pessoas que nos veem: se quiseres enviar contributos/comentários iremos passá-los à medida que os formos recebendo.

Gostava também que à medida que formos avançando, se tiverem esse ímpeto, escrevam uma palavra ou um pequeno pensamento sobre o que este encontro significa para vocês, para que possamos pensar neles mais tarde.

Eu... traço o meu compromisso com a liberdade. Todas as crianças aqui fazem este juramento: “Quem viveu e morreu livre, não consegue encontrar descanso numa terra escravizada. Ao nosso Deus nós juramos, Nós juramos, que os escravos não mais seremos nós!”.

Liberdade é um princípio fundamental: liberdade de ir e vir, de andar nas ruas, em todos os lugares deste país, liberdade de empreender, liberdade política e religiosa, liberdade de informar e ter opinião. Liberdade de fazer escolhas e ser respeitado por elas.

O meu objetivo é dar às pessoas a maior liberdade possível permitindo que elas progridam de acordo com suas próprias luzes. **Trabalharei incansavelmente.**

No entanto, **tenho sentido um grande peso nos últimos dias. Existe crítica política. E deve haver. É saudável.** Eu vejo o debate e o conflito como uma parte natural da política. Talvez não haja nada de errado nisso: se alguém martela um prego na parede e descobre que não há resistência, o que pode alguém segurar nesse prego? Fui ganhando bastante conhecimento sobre a natureza humana para saber que não faz sentido esperar uma vitória tranquila. Tanto quanto uma brisa suave. No entanto, posso prometer - e prometo - que o meu objetivo será garantir que, sempre que possível, sintamos que um anjo está a olhar para nós aqui nesta casa.

Estou certa de que enfrentaremos enormes desafios, mas, se tivermos a sabedoria de ouvir a voz do povo, alcançaremos êxito em nossos objetivos, e, pelo exemplo e pelo trabalho, levaremos as futuras gerações a seguir-nos nesta tarefa gloriosa.

Uma reflexão: **“Ama o próximo como a ti mesmo”.** Correto. Os meus próximos são mulheres e crianças que fugiram da guerra e que são as primeiras vítimas da confusão que estamos a viver. Porque para o pequeno número de mulheres e crianças que fogem da guerra “casa nostra, casa lora” - casa nossa, casa vossa. Assim, com todas as minhas limitações e todos os meus defeitos farei tudo o que é humanamente possível para dar voz a estes verdadeiros refugiados e aos imigrantes respeitáveis e legais que vêm para construir um futuro para si e para os seus filhos, **respeit ... [Margareth Thatcher].**

Sobre a questão do senso comum, já lá iremos, mas ainda assim Margaret, tocou num ponto importante.

Somos uma só nação, e a dor deles é nossa dor, os sonhos deles são os nossos sonhos, e o sucesso deles será o nosso sucesso. E porque é minha ambição falar em nome de um povo que nada tem a aprender com ninguém em termos de generosidade, voluntariedade, hospitalidade e solidariedade, cumprirei essa obrigação especial para com eles, aliada com a minha outra obrigação: o dever de servir todo o país, toda a nossa pátria e todos os cidadãos da nação.

O establishment protegeu-se a si mesmo, mas não protegeu os cidadãos do nosso país. As suas vitórias não têm sido as vossas vitórias. Os seus triunfos não têm sido os vossos triunfos. E enquanto se festejava na capital, pouco havia para comemorar pelas famílias em dificuldades ao longo do nosso país. Para muitos dos nossos cidadãos, existe uma realidade diferente: mães e crianças presas na pobreza nas nossas cidades no interior; fábricas enferrujadas espalhadas como lápides pela paisagem da nossa nação; um sistema educacional com dinheiro abundante, mas que deixa os nossos jovens e belos alunos privados de todo o conhecimento; o aumento dos índices de violência e do poder do crime organizado, que tira vidas de inocentes, destrói famílias e leva a insegurança a todos os lugares. Esta carnificina para aqui e agora mesmo.

Este é um país de todos nós, natos ou de coração. Um país de diversas opiniões, cores e orientações. Porque não existe povo do sul ou do norte. Somos todos um só país, somos todos uma só nação! Uma nação democrática! **[João Miguel Tavares]**

Obrigada João. E eu farei tudo o que consiga para que a esperança possa voltar para nós. A isto dedicarei os meus próximos anos como atriz e, acima de tudo, a minha vida. Sinto-me honrada por estar à disposição do povo.

Quer sejamos negros, castanhos ou brancos, todos nós sangramos o mesmo sangue vermelho dos patriotas, todos nós desfrutamos das mesmas gloriosas liberdades e todos nós saudamos a mesma grande bandeira. E onde quer que uma criança nasça, na expansão urbana daqui ou nas planícies varridas de acolá, eles olham para o mesmo céu noturno, encham o coração com os mesmos sonhos e são insuflados com o sopro da vida pelo mesmo Criador Todo-Poderoso.

Este país e os seus cidadãos não apenas recuperaram a sua vitalidade, mas também hoje acontece connosco algo raro, mas bem reconhecido pela história: as forças criativas estão a emergir na superfície. Temos de pensar grande e sonhar ainda maior. Aprendi que a vitória nunca é final e a derrota nunca é fatal; tudo o que importa é saber se alguém está preparado para continuar a batalha. Uma nação só vive enquanto lutar. Não aceitaremos mais políticos que são só conversa e nenhuma ação - que se queixam constantemente, mas nunca agem. A corrupção, os privilégios e as vantagens precisam acabar. O tempo para conversas vazias terminou. Chegou agora a hora de agir. **[Padre António Vieira]**

Sr. Padre, lamento, mas na verdade nós queremos ser os roncadores. E convido-o a juntar-se a nós. Reunimo-nos aqui hoje para emitir um novo decreto, para que seja ouvido em todas as cidades, em todas as capitais estrangeiras e em todos os corredores de poder. Hoje não estamos apenas a transferir o poder de uma Administração para outra, ou de um partido para outro - transferimos, sim, o poder de Washin... do governo central para o devolver a vocês, o povo. A partir deste dia, uma nova visão governará a nossa terra.

[buscar a câmara] Por isso, povo de todas as cidades próximas e distantes, pequenas e grandes, de montanha a montanha, de oceano a oceano, ouçam estas palavras: nunca mais serão ignorados. Obrigada. Obrigada. Obrigada. Obrigada.

[O homem a que parece que acontece não sei quê]

Anexo 4 – Vídeos inseridos durante a performance

4a) Margaret Thatcher

4b) João Miguel Tavares

4c) Padre António Vieira

4d) O homem a quem parece que aconteceu não sei o quê

Anexo 5 – Ensaaios

5a)



5b)



5c)



Anexo 6 – Discursos originais na íntegra

7a) Donald Trump (traduzido para português)

Discurso de Tomada de Posse⁴⁰

20 de janeiro de 2017

Chefe de Justiça Roberts, Presidente Carter, Presidente Clinton, Presidente Bush, Presidente Obama, caros americanos e povo de todo o mundo: obrigado.

Nós, os cidadãos da América, estamos agora unidos num grande esforço nacional para reconstruir o nosso país e restaurar o seu compromisso para com o nosso povo.

Juntos, vamos determinar o curso da América e do mundo para o futuro que se avizinha.

Enfrentaremos desafios. Enfrentaremos dificuldades. Mas deixaremos o trabalho concluído.

A cada quatro anos, reunimo-nos nestes degraus para cumprir, de forma ordenada e pacífica, a transferência de poder e somos gratos ao presidente Obama e à primeira-dama Michelle Obama pela graciosa colaboração ao longo desta transição. Eles foram magníficos.

A cerimónia de hoje, no entanto, tem um significado muito especial. Porque hoje não estamos apenas a transferir o poder de uma Administração para outra, ou de um partido para outro - transferimos, sim, o poder de Washington, D.C. para o devolver a vocês, o povo americano.

Por demasiado tempo, um pequeno grupo de pessoas na capital da nossa nação tem colhido as recompensas do governo enquanto o povo tem suportado os custos. Washington floresceu - mas o povo não compartilhou da sua riqueza. Os políticos prosperaram - mas os empregos partiram e as fábricas fecharam. O *establishment* protegeu-se a si mesmo, mas não protegeu os cidadãos do nosso país. As suas vitórias não têm sido as vossas vitórias. Os seus triunfos não têm sido os vossos triunfos. E enquanto se festejava na capital, pouco havia para comemorar pelas famílias em dificuldades ao longo do nosso país.

⁴⁰ Versão original em inglês: <https://www.whitehouse.gov/briefings-statements/the-inaugural-address/>

Que todas as mudanças comecem aqui e agora, porque este momento é o vosso momento: pertence-vos. Pertence a todos aqui reunidos e a todos os que assistem de toda a América. Este é o vosso dia. Esta é a vossa celebração. E este - os Estados Unidos da América - é o vosso país.

O que realmente importa não é que partido controla o nosso governo, mas se o nosso governo é controlado pelo povo. O dia 20 de janeiro de 2017 será lembrado como o dia em que as pessoas se tornaram novamente os governantes desta nação. Os homens e as mulheres esquecidos do nosso país não serão mais esquecidos.

Toda a gente vos está agora a ouvir. Vocês vieram para se tornarem parte de um movimento histórico tão importante como nunca antes visto. No centro deste movimento existe uma convicção crucial: uma nação existe para servir os seus cidadãos.

Os americanos querem ótimas escolas para seus filhos, bairros seguros para as suas famílias e bons empregos para si mesmos. Estas são as exigências legítimas e razoáveis de uma audiência justa.

Mas para muitos dos nossos cidadãos, existe uma realidade diferente: mães e crianças presas na pobreza nas nossas cidades no interior; fábricas enferrujadas espalhadas como lápides pela paisagem da nossa nação; um sistema educacional com dinheiro abundante, mas que deixa os nossos jovens e belos alunos privados de todo o conhecimento; e o crime e os *gangs* e as drogas que assaltaram demasiadas vidas e roubaram o nosso país de tanto potencial não realizado.

Esta carnificina americana para aqui e agora mesmo. Somos uma só nação, e a dor deles é nossa dor, os sonhos deles são os nossos sonhos, e o sucesso deles será o nosso sucesso. Compartilhamos um coração, um lar e um destino glorioso.

Hoje faço um juramento de lealdade a todos os americanos.

Por muitas décadas, enriquecemos a indústria estrangeira às custas da indústria americana, subsidiámos os exércitos de outros países, enquanto permitíamos o triste esgotamento das nossas próprias forças armadas. Defendemos as fronteiras de outras nações enquanto recusamos defender as nossas. E gastamos triliões de dólares no exterior, enquanto as infraestruturas americanas se degradavam e desintegravam. Enriquecemos outros países enquanto a riqueza, a força e a confiança do nosso país se dissipavam no horizonte. Uma a uma, as fábricas fecharam e deixaram a nossa costa, sem nem sequer pensarem nos milhões e milhões de trabalhadores deixados para trás. O capital da nossa classe média foi saqueado das suas próprias casas e depois redistribuído pelo mundo inteiro.

Mas isso é passado. E agora estamos apenas a olhar para o futuro.

Reunimo-nos aqui hoje para emitir um novo decreto, para que seja ouvido em todas as cidades, em todas as capitais estrangeiras e em todos os corredores de poder. A partir deste dia, uma nova visão governará a nossa terra. A partir deste momento será a América primeiro!

Todas as decisões sobre comércio, impostos, imigração e relações externas serão tomadas para beneficiar os trabalhadores e as famílias americanas.

É nossa obrigação proteger as nossas fronteiras contra a razia de outros países que fabricam os nossos produtos, roubam as nossas empresas e destroem os nossos empregos. É esta proteção que nos levará a grande prosperidade e força.

Vou lutar por vocês com cada respiração do meu corpo e eu nunca, nunca vos vou desiludir.

A América começará a vencer novamente, a vencer como nunca antes.

Iremos trazer de volta os nossos empregos. Iremos trazer de volta as nossas fronteiras. Iremos trazer de volta a nossa riqueza. E traremos de volta os nossos sonhos. Construiremos novas estradas e autoestradas e pontes e aeroportos e túneis e ferrovias por toda a nossa maravilhosa nação. Tiraremos o nosso povo do assistencialismo social para que volte ao trabalho – reconstruindo o nosso país com mãos americanas e trabalho americano. Iremos seguir duas simples regras: comprar americano e contratar americanos.

Procuraremos amizade e boa vontade com as nações do mundo, mas fazemo-lo com o entendimento de que é o direito de todas as nações colocarem os seus direitos em primeiro lugar. Não buscaremos impor o nosso modo de vida a ninguém, mas deixá-lo-emos brilhar como exemplo para que todos o sigam. Reforçaremos antigas alianças e formaremos novas - e uniremos o mundo civilizado contra o terrorismo islâmico radical, que iremos erradicar totalmente da face da terra.

Nos alicerces da nossa política fundar-se-á uma total fidelidade aos Estados Unidos da América e, através da nossa lealdade para com o nosso país, redescobriremos a nossa lealdade para uns com os outros.

Quando abrimos o coração ao patriotismo, não há espaço para o preconceito.

A Bíblia diz-nos “Como é bom a agradável que o povo de Deus viva junto em união”. Devemos fazer falar as nossas mentes abertamente, debater os nossos desentendimentos honestamente, mas sempre buscando a solidariedade.

Quando a América está unida, a América torna-se totalmente imparável.

Não deve haver medo, estamos protegidos e estaremos sempre protegidos. Seremos protegidos pelos grandes homens e mulheres das nossas forças armadas e do cumprimento da lei e, mais importante, estamos protegidos por Deus.

Finalmente, temos de pensar grande e sonhar ainda maior. Na América, nós entendemos que uma nação só vive enquanto lutar. Não aceitaremos mais políticos que são só conversa e nenhuma ação - que se queixam constantemente, mas nunca agem. O tempo para conversas vazias terminou. Chegou agora a hora de agir. Não permitam que ninguém vos diga que isto não pode ser feito. Nenhum desafio pode igualar o coração, a luta e o espírito da América. Não falharemos - o nosso país vai crescer e prosperar novamente.

Estamos perante o nascimento de um novo milénio, prontos para desvendar os mistérios do espaço, para libertar a terra das misérias das doenças e para aproveitar as energias, as indústrias e as tecnologias do amanhã.

Um novo orgulho nacional vai agitar os nossos espíritos, elevar os nossos horizontes e sarar as nossas discórdias. É hora de relembrar a velha sabedoria que os nossos soldados nunca esquecerão: quer sejamos pretos, castanhos ou brancos, todos nós sangramos o mesmo sangue vermelho dos patriotas, todos nós desfrutamos das mesmas gloriosas liberdades e todos nós saudamos a mesma grande bandeira americana. E onde quer que uma criança nasça, na expansão urbana de Detroit ou nas planícies varridas pelo vento de Nebraska, eles olham para o mesmo céu noturno, enchem o coração com os mesmos sonhos e são insuflados com o sopro da vida pelo mesmo Criador Todo-Poderoso.

Por isso, americanos de todas as cidades próximas e distantes, pequenas e grandes, de montanha a montanha, de oceano a oceano, ouçam estas palavras: nunca mais serão ignorados.

A vossa voz, as vossas esperanças e os vossos sonhos vão definir o nosso destino americano. E a vossa coragem, bondade e amor irão sempre guiar-nos ao longo do caminho.

Juntos, vamos tornar a América novamente forte, vamos tornar a América novamente rica, vamos tornar a América novamente orgulhosa e a América novamente segura.

E sim - juntos faremos a América novamente grande.

Obrigado.

Deus vos abençoe.

E deus abençoe a América.

7b) Viktor Orbán (traduzido para português)

Tomada de posse do 4º mandato (não consecutivo)⁴¹

10 de maio de 2018

Excelentíssimo Presidente da República, Excelentíssimo Presidente da Assembleia e membros do Parlamento,

As minhas primeiras palavras serão de agradecimento. Obrigado a todos os que votaram nas eleições para a Assembleia Nacional – independentemente do candidato votado. Agradeço especialmente àqueles que votaram em nós, as forças cívicas, nacionais e cristãs. Além de agradecer, sou grato àqueles que me apoiaram pessoalmente. Eu sei que tenho, em relação a eles, uma responsabilidade especial. Cumprirei essa obrigação especial para com eles, mas aliada com a minha outra obrigação: o dever de servir todo o país, toda a nossa pátria e todos os cidadãos da nação. O meu governo está assente numa maioria parlamentar de dois terços, capaz de uma emenda constitucional, mas servirá sempre os três terços.

Distinta Assembleia,

Aceitei o convite do Presidente da República e, pela quarta vez, posso prestar o meu juramento de primeiro-ministro aqui diante de vocês. início agora o meu oitavo mandato parlamentar a serviço da minha pátria: servo a minha terra como parlamentar há vinte e oito anos. Embora seja primeiro-ministro, peço-lhe, meus companheiros no Parlamento, que me considerem como um de vocês. Continuo a acreditar que a pátria não pode ser oposição, porque está bem acima dos partidos políticos, e o serviço a ela não pode ser condicionado se a um dado momento estamos ou na oposição ou no governo. Eu vejo o debate e o conflito como uma parte natural da política. Talvez não haja nada de errado nisso: se alguém martela um prego na parede e descobre que não há resistência, o que pode alguém segurar nesse prego? Fui ganhando bastante conhecimento sobre a natureza humana para saber que não faz sentido esperar uma vitória tranquila. Tanto quanto uma brisa suave. Não faz sentido todos nós esperarmos por acordos generosos e pacíficos, baseados no julgamento dos fatos: no mundo da política tal situação dificilmente se apresentará a nós - ou se

⁴¹ Versão original em inglês: <https://visegradpost.com/en/2018/05/12/viktor-orbans-full-speech-for-the-beginning-of-his-fourth-mandate/>

acontecer, será em raros momentos de graça. No entanto, posso prometer - e prometo - que o meu objetivo será garantir que, sempre que possível, sintamos que um anjo está a olhar para nós aqui nesta casa. Prometo aos meus oponentes que, sempre que o conflito entre as partes for inevitável, lutarei de acordo com o código de cavalheirismo. Enquanto isso, prometo aos representantes dos partidos do governo que nos debates não nos devemos curvar a ninguém: se formos atacados, poderão ter a certeza de que a nossa defesa estará à altura da situação.

Senhoras e Senhores Deputados,

Nesta casa, ter-vos-ei já dito que a política é mais perigosa do que a guerra - porque na guerra só se morre uma vez. Soa desagradável, mas na verdade, é um pensamento otimista porque mantém a promessa de que os envolvidos na política frequentemente ressuscitam dos mortos. Eu mesmo passei dezasseis anos na oposição e doze anos no governo. Aprendi que a vitória nunca é final e a derrota nunca é fatal; tudo o que importa é saber se alguém está preparado para continuar a batalha. Se Deus permitir e vivermos para ver o dia, quando chegarmos ao final deste período parlamentar, terei servido o mesmo número de anos no governo e na oposição. Mas, nesse ponto, o resultado será apenas um empate. Deixem-nos deixar claro no imediato que - e este é um momento e um local adequados para o fazer - somos desportistas e não ficaremos satisfeitos com um empate.

Distinta Assembleia,

Estou diante de vocês cheio de otimismo e esperança e preparado para a ação. O trabalho concluído até agora pode encher-nos a todos com justificada confiança. Se olharmos para trás, mesmo com os erros cometidos, não poderíamos desejar mais para a Hungria do que os próximos anos possam talvez ser tão bons quanto os oito últimos. O eleitorado talvez também pense assim - o que explicaria o fato prosaico e aritmético de que a aliança Fidesz-KDNP tenha conquistado mais votos do que todos os partidos da oposição aqui representados, no seu conjunto. E com isso, queridos amigos, vamos traçar um limite bem definido. Vamos traçar uma linha divisória que a política húngara raramente vê. Não a vê, porque oscila de um extremo ao outro: do deprimente e difuso pessimismo húngaro ao tolo otimismo excessivo - e vice-versa. Portanto, vamos traçar essa linha bem definida: a linha que separa a autoconfiança da satisfação pessoal. Vamos deixar claro que não se pode viver das glórias do passado. Lembremos as palavras de advertência do Rei Stephen da Hungria: *“Nada senão a humildade pode fazer elevar alguém; nada além de arrogância e ódio pode derrubar alguém.”*. Reconhecemos que por trás dos sucessos sempre se encontra a graça de

Deus. Portanto, o seguinte não é apenas um floreio retórico, e não apenas tradição, mas uma profunda convicção: Soli Deo gloria - Glória a Deus somente.

Senhoras e Senhores Deputados,

Tendo-nos assim preparado e tendo focalizado os nossos pensamentos, declaremos com bravura que nos comprometemos a fazer grandes coisas nos próximos quatro anos. Sabemos que, uma vez semeado, o campo não pode ser deixado de lado: ele deve ser lavrado regularmente. Portanto, devemos realizar o trabalho do dia-a-dia metodicamente, no compasso apropriado e de acordo com a rotina apropriada. Mas estamos ansiosos por muito mais do que isso: queremos completar uma tarefa verdadeiramente importante - várias, na verdade. Também sabemos que, de certo modo, mais vale um pássaro na mão do que dois a voar; mas agora queremos aumentar a jogada.

Distinta Assembleia,

Quando falo sobre o futuro da Hungria, só posso falar com certeza sobre os próximos quatro anos, já que o meu mandato não se prolonga mais do que isso. Mas também estarão bem cientes de que eu nunca penso apenas nos próximos quatro anos. A oposição critica-me muitas vezes por isso, e os meus amigos no governo alertaram-me mais de uma vez para ser cauteloso no planeamento a longo prazo, porque alguém que anda sem olhar para o chão à frente dos seus pés pode facilmente tropeçar e cair de cara no chão. O que realmente aconteceu connosco no passado e, portanto, há verdade neste conselho. No entanto, estou convencido de que temos a oportunidade de realizar grandes tarefas. Já há muito tempo que as estrelas não estavam tão favoravelmente alinhadas para a nossa pátria como neste momento. Hoje a causa húngara foi ganha. Tudo o que é exigido para grandes planos está agora preparado: a experiência, os soldados endurecidos pela batalha, a coragem, reconhecimento internacional, um país em ascensão, planos sérios, dinamismo e autoconfiança. A Hungria e os cidadãos húngaros não apenas recuperaram a sua vitalidade, mas também hoje acontece connosco algo raro, mas bem reconhecido pela história húngara: as forças criativas estão a emergir na superfície. Os húngaros agora não apenas acreditam que, se eles se absolverem a si mesmo, o amanhã não será pior do que hoje - embora nesta parte do mundo isso não seja insignificante; mas agora eles também acreditam que o amanhã pode ser melhor. De facto, o resultado da eleição mostra que eles pensam que não só pode ser melhor, mas que será melhor. Querem que tenhamos um governo digno das oportunidades que temos pela frente: eles esperam que nos ergamos perante o desafio e no governo eles esperam que haja pelo menos tanto otimismo,

desejo de ação e força criativa como aquela que está entre os próprios eleitores. Onde quer que se ande pelo país, vemos os sinais de trabalho, indústria e construção: gruas, trabalhadores da construção civil e terras cultivadas. Todos têm algum tipo de plano: estão a construir, expandir, ajustar e a embelecer. Eu sinto que agora estabelecemos para nós grandes metas e que estamos na mesma página - no mesmo comprimento de onda - que o povo. Isso encoraja e capacita-nos a preparar os nossos planos não por quatro anos, mas por dez anos; na verdade, agora devemos pensar num período de doze anos. Além disso, este é um requisito para uma governação responsável, uma vez que a implementação do próximo quadro financeiro da União Europeia se prolongará até 2030.

Distinta Assembleia,

Na política, o mais importante é o tempo. Governar um país exige experiência e confiança. É preciso também conhecimento do território, uma perspetiva internacional e uma visão de longo alcance; e se forem acompanhados pela coragem de renovação e, além disso, recebermos a graça da clarividência, então a nossa causa já está ganha. Para dizer a verdade, eu sempre vi os vinte anos entre 2010 e 2030 como um período único. A meu ver, a democracia, as eleições livres e a possibilidade de “rotação política de culturas” não se opõem - e certamente não excluem - o pensamento e o planeamento de longo prazo. Se fosse esse o caso, então aqueles povos que vivem em democracias concederiam uma vantagem competitiva irrecuperável àqueles povos que não vivem em democracias. Mas o senso comum guia-nos nessa direção. Qualquer um que tenha construído uma casa sabe que não se devem cavar as fundações até que se esteja na posse dos planos finais de construção.

Distinta Assembleia,

Sei que muitos vão considerar isto incrível, mas acredito que, até 2030, é um objetivo alcançável para a Hungria estar entre os cinco melhores países da União Europeia para viver e trabalhar. Do mesmo modo, penso também que é possível que a nossa pátria esteja entre os cinco melhores estados da União Europeia em termos da nova forma de classificação da competitividade, em que o critério é a qualidade e não a quantidade. Todos sabem que existem países maiores, mais populosos e mais ricos que o nosso. Mas dificilmente poderíamos encontrar algum que fosse mais bonito, mais seguro, mais envolvido na história antiga ou mais bem protegido como a nossa Bacia dos Cárpatos - e, com ela, a Hungria. Aqueles com olho para a história podem ver as possibilidades aqui. Para os

que duvidam, só posso dizer que, depois de ganhar uma maioria de dois terços pela terceira vez consecutiva, devemos-nos comprometer com o impossível - porque o possível também pode ser alcançado por outros. É por isso que nos comprometemos a travar o declínio demográfico - na verdade, conseguiremos devolver à Hungria a tendência contrária. As estradas principais irão ligar Budapeste às nossas cidades com direitos de condado, as nossas rodovias estender-se-ão até às fronteiras do país, e será possível chegar a uma auto-estrada, em menos de trinta minutos, desde qualquer ponto do país. A Hungria estará na linha da frente na produção de energia limpa e sustentável com novos parques solares e pela usina nuclear Paks II. Atualmente, seiscentas empresas multinacionais são responsáveis por 80% do comércio mundial de exportação. É por isso que devemos trazer investimentos para a Hungria, produzindo elevado valor acrescentado e salários mais altos. A este respeito, queremos estar entre os dez melhores países do mundo. Juntamente com tudo isto, no que diz respeito a exportações, aumentaremos a participação nas empresas detidas pela Hungria para 50% do total. Reduziremos drasticamente a extensão das doenças generalizadas e, para isso, não evitaremos a simplificação dos cuidados de saúde e a introdução de fortes incentivos. E vamos finalmente construir a Força de Defesa da Hungria. Os nossos vizinhos estão continuamente a aprimorar as suas capacidades militares; e é geralmente verdade que uma nação que não pode garantir a sua própria defesa é irresponsável e comete um erro histórico. Conto particularmente com os talentosos jovens oficiais militares. Em termos económicos, também construiremos o destino histórico da comunidade espiritual e cultural da Europa Central, e as nossas capitais e outras cidades estarão ligadas por estrada, linha férrea e via aérea. Apoiamos o grande papel da Polónia e, em cooperação, lançaremos as bases de um amplo espaço económico da Europa Central.

Distinta Assembleia,

Outra grande e inspiradora meta para o futuro é a restauração da antiga grandeza e glória de Budapeste, que desempenhará um papel importante na unificação da nação. Esta cidade é ao mesmo tempo o lar dos seus moradores e a capital do país. Para os húngaros Budapeste é a cidade eterna, que pertence a todos os húngaros - onde quer que eles vivam. É a cidade que os aguarda. Acredito que a Hungria, e a língua e a cultura húngara, exercem um enorme poder magnético, que atrairá os húngaros que o vento soprou dos Cárpatos. O abastado, bem estabelecido e amplamente invejado [dramaturgo húngaro] Ferenc Molnár, que se estabelecera em Nova York, foi questionado sobre o

porquê de estar tão abatido. Ele respondeu: “Todos os meus adversários e inimigos estão em Budapeste. Anseio pela inveja dos que estão ali; a inveja das pessoas aqui não me interessa”.

Distinta Assembleia,

Eu nunca faço um segredo da minha opinião de que a crise ocidental de 2008 - que quase nos enterrou, juntamente com a Grécia - encerrou uma era e lançou outra. Naquele momento, a nova ordem mundial, que por muito tempo até então se vinha a formar nas profundezas, veio à tona. Ficou então claro que estes não eram simplesmente fenómenos novos e desconhecidos, mas que o mundo havia entrado numa nova era, com sua própria lógica interna e divisões de poder.

Antes de 2010, eu previa já a tarefa que estava à minha frente, a de elucidar e explicar às pessoas o facto de que havíamos entrado numa nova era e que isso exigia mudança de todos. Eu vi a minha missão como o convencimento dos húngaros de que não bastava realizar melhor a mesma coisa que fizemos no dia anterior. Devemos aspirar a fazer coisas novas, e isso era verdade para todos, para toda a Hungria - incluindo o governo: todos nós precisávamos de renovação. Finalmente consegui convencer os húngaros de que isso não é apenas inevitável, mas é também disso que somos capazes - individual e coletivamente. Por conseguinte, o objetivo das medidas de gestão de crise adotadas em 2010 não era regressar aos tempos melhores anteriores à crise, mas lançar novas fundações e introduzir inovação: um novo sistema fiscal, uma nova política monetária, uma nova constituição, novos códigos jurídicos, novas medidas de apoio familiar e uma nova atitude para com o trabalho.

Distintos membros do Parlamento,

Quando uma nação embarca num novo caminho, como fizemos, não pode evitar debates intelectuais. Em tempos assim, os seguidores intelectuais da velha ordem mundial, os seus beneficiários financeiros, os preguiçosos, os ociosos e os indolentes unem forças para atacar os inovadores. E quanto mais bem-sucedidos somos, mais irritados os nossos críticos se tornam. Não foi possível evitar estes debates intelectuais, e não será possível fazê-lo no futuro. Isto é verdade, embora haja pessoas que veem este debate como um fardo desnecessário, um obstáculo que dificulta a aceitação para as conquistas políticas concretas

.

Distinta Assembleia,

Não se pode renovar uma nação inteira em segredo. Na minha opinião, uma contribuição para os resultados alcançados até agora foi feita pela nossa declaração aberta de que a era da democracia

liberal está no fim. A democracia liberal não é mais capaz de proteger a dignidade das pessoas, de criar liberdade, de garantir segurança física ou manter a cultura cristã. Alguns na Europa ainda se remedeiam com isso, porque acreditam que podem consertá-lo, mas não conseguem entender que não é a estrutura que está com defeito: o mundo mudou. A nossa resposta a este mundo modificado, a resposta do povo húngaro, tem sido substituir o naufrágio da democracia liberal pela construção da democracia cristã do século XXI. Isso garante a dignidade humana, a liberdade e a segurança, protege a igualdade entre homens e mulheres e o modelo familiar tradicional, suprime o antissemitismo, defende a nossa cultura cristã e oferece à nossa nação a possibilidade de sobrevivência e crescimento. Somos democratas cristãos e queremos democracia cristã.

Distinta Assembleia,

Vejam a floresta assim como as árvores. Vivendo no tumulto do mundo quotidiano, não se pode esperar que alguém esteja a viver o nascimento de uma nova ordem mundial, na qual novos sistemas de valores, novos atores e novas relações cooperantes se estão a formar. É por isso que os países têm intelectuais, com políticos entre eles. E também é um dever do governo chamar a atenção para o fato de que novas tecnologias, novos princípios de organização de negócios, novos padrões de consumo, novos campos de batalha económicos, novas gerações e novas dinâmicas surgiram. Hoje também é dever do governo preparar a Hungria, preparar os membros da nação húngara, para a nova era tecnológica. Na nova era, todos terão que trabalhar; e hoje há oitocentos mil mais de nós a trabalhar do que há oito anos. Nesta nova era, uma dívida alta do governo significa perigo mortal. A nossa dívida é 17% menor do que a média da zona euro, enquanto os salários de doze meses em 2010 podem agora ser obtidos em apenas oito meses. Na nova era, um fator-chave será uma infraestrutura crítica, que utilize os princípios do mercado para atender às empresas nacionais; é por isso que assumimos os sectores bancário, energético e dos meios de comunicação como propriedade húngara. Na nova era, o conhecimento será, de fato, poder; é por isso que tomamos o primeiro - mas apenas o primeiro – passo para educar os jovens a sempre andarem com os pés bem assentes na terra, aconteça o que acontecer. Como podem ver, os preparativos estão a ganhar velocidade; mas ainda temos um longo caminho a percorrer.

Senhor Presidente da Assembleia, Distinta Assembleia,

A inovação é uma coisa boa, assim como otimismo e os grandes planos, mas também devemos ter em mente que somos um país com uma história com mais de mil anos. Na política de um país tão

antigo, há algumas características que são permanentes - como o tamanho, posição e espírito da nação. O recém-eleito primeiro-ministro, os futuros membros do governo e os membros do Parlamento em geral devem estar cientes deste fato. Se quisermos decidir ao que os húngaros podem aspirar no mundo, não devemos ignorar o nosso tamanho. Nos últimos 1.100 anos, isso mudou continuamente, mas nunca estivemos entre as nações mais populosas do mundo. A situação hoje é que os húngaros representam 0,2 por cento do total da população mundial. Daí resulta claramente que a sobrevivência dos húngaros como nação não é automática. Para os povos populosos, com extensas redes culturais, é simplesmente inconcebível que possa haver um mundo sem eles: um mundo no qual o seu tipo não exista. A política húngara, no entanto, deve basear-se na possibilidade de podermos desaparecer, podemos ser dispersos, podemos nos extinguir, e o mundo poderia continuar sem a espécie de *Homo sapiens* conhecida como húngaros. Houve alguns que se animaram com essa ideia. Louvado seja Deus que nós - e não eles - estamos hoje aqui. Portanto, levando em consideração este aspecto adicional, é um dever da política húngara explorar continuamente o que está a acontecer com a Hungria e à volta da Hungria. A sobrevivência é uma questão de força vital e, portanto, o estado húngaro e o governo húngaro de hoje devem ser estáveis, fortes e estar prontos para agir. Isso é uma prioridade sobre tudo; isso substitui tudo o mais.

Distinta Assembleia,

Somos uma espécie única. Nós temos uma linguagem que é única para nós. Existe um mundo que só nós vemos e que só nós podemos prestar através do prisma da língua e cultura húngara. Sem nós, a civilização humana seria certamente privada de uma linguagem, uma visão e uma caracterização do mundo. Isso deve sustentar a firme determinação do governo do dia. No mundo exterior, o governo deve apresentar-se e representar a Hungria, sabendo que temos conseguido muito e que muito contribuímos para a conquistas humana nas áreas da ciência, cultura, desporto e artes. Temos de ter a confiança e a dignidade de um país que sabe que os húngaros deram mais ao mundo do que dele tiraram. As nossas conquistas dão-nos o direito de continuar a nossa história. O governo deve expandir continuamente essa reivindicação legítima e a contribuição da comunidade húngara para o mundo.

Caros colegas do Parlamento,

Vários estados compartilham o território da Bacia dos Cárpatos. Para além desta consequência histórica, para nós a Bacia dos Cárpatos é uma unidade orgânica natural, cultural e multilingue.

Gostaria de convencer os nossos vizinhos de que, em cooperação, podemos transformar a Bacia dos Cárpatos na região de união económica, comercial e de transportes, mais rápida em crescimento e mais segura da Europa. Nos últimos anos, fornecemos amplas evidências de que não há motivo para ter medo dos húngaros, e aqueles que cooperam connosco obtêm os benefícios.

Distinta Assembleia,

Assim como o coração humano, a nação húngara às vezes contrai-se e outras vezes expande-se, mas em essência há 1.100 anos que nós habitamos o mesmo lugar escolhido pelos nossos grandes fundadores. A localização específica da nossa pátria significa que a Hungria deve favorecer considerações geopolíticas ou geográficas sobre o pensamento ideológico. A Hungria é e continuará a ser um membro comprometido no sistema de alianças ocidental, mas isso não muda as características geográficas do estado e da política húngara. Para o Ocidente é a terra dos chanceleres de ferro alemães; para o leste o mundo eslavo das nações militares; e para o sul a multidão islâmica. Berlim, Moscovo e Istambul: estes são os vértices que definem a área dentro da qual a Hungria vive. É o que devemos continuar a considerar no futuro. Portanto, a política húngara não pode alinhar-se com as teorias de exportação da democracia, não pode participar na dedicação de sermões para outras nações, e não pode encontrar voz comum com aqueles que insultam os povos alemães, russos ou turcos e os seus líderes. Isto não é apenas prescrito por decência básica, mas também pelos nossos interesses. Devemos inteligentemente integrar este sistema de relações na política húngara. /

Senhor Presidente, Distinta Assembleia,

A literatura do espírito da nação pode preencher bibliotecas. O meu governo pertence a essa escola que afirma que os húngaros nunca quiseram ser uma nação escrava. Todas as crianças húngaras fazem este juramento: “Quem viveu e morreu livre, não consegue encontrar descanso numa terra escravizada. Ao Deus dos húngaros nós juramos, Nós juramos, que os escravos não mais seremos nós!”. O meu governo acredita que para assegurar a liberdade não é suficiente manter os três grandes exércitos - da Alemanha, Rússia e Turquia - fora da Bacia dos Cárpatos: também devemos criar condições que nos permitam organizar livremente os nossos assuntos dentro de nosso próprio país - não apenas coletivamente, mas também individualmente. Em outras palavras, o meu governo será um governo de húngaros livres e um estado húngaro soberano. Eu traço o meu compromisso com a liberdade não apenas para a luta contra a ditadura e a ocupação soviéticas, mas também para

questões económicas. Eu pertenço à geração que pode lembrar que a sentença de morte para a experiência comunista de construção do Estado foi selada por sua própria desconsideração - de facto rejeição - por uma das leis fundamentais da natureza humana: o comunismo proibiu indivíduos de independentemente melhorarem a sua situação através de sua própria iniciativa e força enquanto indivíduos. Foi por isso que percebemos que o comunismo não era apenas opressivo, mas também antinatural. No futuro, também desejo construir as nossas políticas sobre os fundamentos desta experiência. O meu objetivo é dar às pessoas a maior liberdade possível permitindo que elas progridam de acordo com suas próprias luzes. Não podemos procurar resolver todos os problemas da vida de um indivíduo, mas queremos - e podemos - criar circunstâncias que permitam às pessoas controlar as suas próprias vidas e prosperar nos seus próprios termos.

Distinta Assembleia,

Devo também falar sobre o lugar que ocupamos na União Europeia. Queremos uma Europa forte, paz e acordos mutuamente vantajosos. Precisamos da UE e a UE também precisa de nós. Por conseguinte, estamos prontos para desempenhar um papel activo nas mudanças que a UE não pode evitar - mesmo que queira. Vamos concentrar toda a nossa força em representar a visão de que a UE deve funcionar como uma aliança de nações livres e deve abandonar os sonhos febris dos Estados Unidos da Europa. A União Europeia deve voltar à realidade. Como primeiro passo, deve mudar o seu pensamento sobre migração, movimento populacional em massa e imigração. Em Bruxelas, hoje em dia, as pessoas acreditam que é injusto se alguém não nasceu no país onde gostaria de viver. Eles acreditam que é justo dar às pessoas o direito de se mudar para onde gostariam de morar. Em Bruxelas, atualmente, existem milhares de ativistas, burocratas e políticos que trabalham para que a migração seja declarada um direito humano fundamental. Portanto, querem-nos privar do direito de decidir por nós mesmos quem deixamos entrar no país e a quem recusamos a entrada.

Caros membros do Parlamento,

Estou convencido de que a migração acaba por levar à desintegração de nações e estados: as línguas nacionais enfraquecem, as fronteiras tornam-se turvas, as culturas nacionais dissolvem-se; e o que resta é uma única "sociedade aberta". Finalmente, a fusão das sociedades europeias faz tal progresso que um governo europeu, único e unificado, pode vir a existir. Este é o destino que aguarda aqueles que não se conseguem defender contra a migração - talvez não amanhã, mas dentro do futuro previsível. Este é o nome do jogo; este é o verdadeiro plano mestre. Não escondo as nossas

intenções: aqui, diante de vocês, deixo claro que, agindo em nome da liberdade húngara, o meu governo será um forte oponente desse plano, do processo que se levou até aqui e dos seus passos intermediários. O multiculturalismo foi só o primeiro passo. O politicamente correto, que amordaça a liberdade de expressão, foi a segunda. É aqui que a Europa está hoje. A terceira etapa seriam as cotas obrigatórias de realojamento de migrantes. Devemos e vamos entrar na arena da política europeia, a fim de parar a subida para o próximo passo, o da auto-imolação, na Europa que amamos - e para a qual estamos dispostos a fazer grandes sacrifícios. Vamos opor-nos às cotas obrigatórias, defender a cultura cristã e lutar pela defesa das fronteiras.

Caros colegas do Parlamento,

Para encerrar, deixem-me dizer que há alguns minutos atrás eu prestei o juramento de primeiro-ministro pela quarta vez, mas nunca nesta casa clarificamos totalmente sobre o que é este juramento. A lei não nos fornece nenhuma orientação sobre isso, por isso temos de lhe dar um determinado sentido por nós mesmos. O juramento é uma promessa, um compromisso e uma oferta. Eu acredito que se nós quebrarmos um juramento o poder supremo punir-nos-á através de nossa consciência. Portanto, agora que eu fiz o meu juramento, a minha consciência exige que eu confirme a minha promessa a todos os membros da nação húngara - a todos os quinze milhões de húngaros, tanto individual como coletivamente -, que em todas as minhas ações eu serei guiado pelo serviço de nossa nação e país, o povo húngaro, interesses húngaros e valores cristãos.

Então que Deus me ajude.

7c) Matteo Salvini (traduzido para português)

Primeiro discurso no Parlamento como Ministro do Interior⁴²

13 de junho de 2018

Obrigado Presidente. Obrigado desde já pelos aplausos.

Confesso a emoção deste momento para mim. Quando comecei a minha carreira política nunca pensei no governo, muito menos em estar no Parlamento. Sinto uma grande honra, dever e responsabilidade.

Esta é a minha primeira intervenção e, portanto, agradeço toda a atenção. Vou ouvir toda a gente e obrigado a quem está a assistir desde casa.

Eu preparei um dossier dos fatos atualizados, claro. Vou permitir-me introduzir e concluir com duas reflexões.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer ao anterior procurador geral de Veneza, Carlo Nordio, que hoje escreveu um artigo que me reconfortou, intitulado *“Lei e direitos: a lição que ninguém pode dar ao nosso país”*, o que me compele dizer que eu falo em nome de uma governo e de uma maioria, mas é minha ambição falar em nome de um povo que nada tem a aprender com ninguém em termos de generosidade, voluntariedade, hospitalidade e solidariedade. O problema não é a nossa rivalidade com a França na Copa do Mundo, da qual somos recorrentemente excluídos. O problema é que a nossa história de solidariedade, generosidade e voluntariedade não merece ser denegrida, como foi por um membro do governo francês, quem espero que se desculpe o mais cedo quanto possível, pelos termos usados nas últimas horas.

Carlo Nordio escreveu: “O direito internacional, como todo o direito, não é uma ciência exata.”-temos lido tudo e o seu oposto sobre este assunto – e acrescenta “A imigração, que outrora fora relativamente modesta e controlada, tornou-se uma invasão dirigida por criminosos.” e conclui dizendo que “O nosso novo governo terá muitos defeitos” - verdade - “mas neste momento, sobre este tema, está a comportar-se com consistência e dignidade.”. Coerência e dignidade. Ao qual eu somava humanidade. Porque a primeira coisa que fiz, como pai da família, foi entrar em contacto com o navio Aquarius para imediatamente serem retiradas em segurança as mulheres e as crianças, imediatamente e em segurança, as mulheres e as crianças. Não obtivemos resposta. Aparentemente

⁴² Versão original em vídeo (italiano) com legendagem em inglês: <https://www.youtube.com/watch?v=RaEdn1cDho0>.

a emergência não era assim uma emergência tão grande quanto isso. Neste momento, o navio Aquarius, juntamente com dois barcos da Marinha Costeira, navega serenamente em direção às águas de um país que se declarou disponível para o receber.

Como dizia, a França, que disse sermos cínicos... Quero dar ao Senado e aos que nos veem os números: de 1 de janeiro deste ano a 31 de março, as rejeições na fronteira de Itália e França, fizeram retornar ao nosso país 10249 seres humanos, incluindo mulheres, crianças e deficientes e, de acordo com o acordo de redistribuição de 2015, a França comprometeu-se a ficar com 9816 imigrantes. Em três anos, em vez de 9816 imigrantes, a França recebeu 640. Assim peço ao Presidente Macron que passe das palavras à ação e que amanhã de manhã receba 9000 imigrantes que concordou receber, como sinal de generosidade que é concreta, não só palavras.

Relembro que Itália recebeu o segundo maior número (de migrantes) de todos os países da Europa. É esse o assunto de que falamos. Estamos a verificar o custo e tempo envolvidos, são os problemas em que precisamos de trabalhar. O meu antecessor fez um bom trabalho e nós não estamos aqui para desfazer o bom trabalho de outros, estamos simplesmente a tentar fazer um trabalho melhor. Não somos particularmente mais inteligentes, mas vamos olhar para o que foi feito de positivo e tentar fazê-lo ainda melhor. O que não resulta e onde o meu antecessor não foi eficaz, foi nos tempos de identificação, porque desde o momento da chegada até ao fim do processo, passando pelos recursos, podem passar três anos, um intervalo de tempo inaceitável e incompreensível. Os custos associados a cada pedido de asilo, recorro que os franceses gastam 25€ por dia, em alguns casos com 4€ adicionais para despesas pessoais, os alemães 26, os croatas 25, os austríacos 23, e assim por diante. Assim, queremos cortar nos custos desta imigração, que são para nós dificilmente sustentáveis, para os níveis de países similares ao nosso. Não vejo porque tenhamos de gastar 35€ por dia para providenciar serviços que noutros países custam muito menos.

Na próxima semana terei a honra de reunir com 250 jovens formados para fazer parte da nova comissão de identificação, o que nos vai fazer acelerar o processo, distinguindo os que são refugiados dos que não são. Recorro um número interessante que temos deste ano de 2018 é que em 42000 pedidos examinados, um refugiado político é reconhecido em 7% dos casos, e se acrescentarmos os 4% de casos de proteção (temporária) subsidiada, chegamos aos 11%. A grande maioria dos casos são rejeitados porque não têm o mínimo fundamento. O problema é que existe um negócio por detrás disto, já o dissemos bem alto, em que 99% dos casos rejeitados são objeto de recurso, isto é o negócio dos advogados que fazem milhões de euros à custa destes desafortunados. Os tribunais estão cheios deles. Assim, algo também precisa de ser feito em relação a isto.

E agora o relatório que o meu gabinete preparou para mim. Eu considero necessário como ministro... lamento se não o consideram necessário... estou aqui como ministro e como homem e a única coisa que não aceito, tendo dois filhos, é pensar que há alguém neste governo que queira ver estas crianças prejudicadas. Não quero que estas crianças sejam postas em jangadas para morrerem como animais no meio do Mediterrâneo. Estou farto que crianças morram no meio do Mediterrâneo, porque lhes é dito que em Itália e na Europa há casa e trabalho para toda a gente. Estou farto destas mortes de estado. Se preferem os negócios, juntem-se numa cooperativa, não no senado.

(Não são permitidos cartazes no plenário. Baixe esse cartaz.)

Se o Macron não me chateia, certamente que um cartaz também não o vai fazer. Colega senador, levante o seu cartaz. Não tenho o menor problema com isso. Com o mérito no assunto do Aquarius, foi pedido ao governo que desse detalhes sobre a operação de salvou 629 migrantes das águas do Mediterrâneo. No dia 9 de junho de 2018, em zona reivindicada como responsabilidade da Líbia, houve seis incidentes distintos, pelos quais o Centro de Controle da Guarda Costeira em Roma recebeu os primeiros pedidos de socorro. No seguimento destes pedidos, o centro de controle de Roma alertou as autoridades líbias. Problema número um. A Líbia, apesar da ratificação da convenção de 1979 e tendo recentemente declarado a sua própria zona de busca e salvamento, não assumiu responsabilidade pelo caso. - Que fique registado que, assistida pela Guarda Costeira italiana, a Líbia está gradualmente a proceder à ativação o seu próprio centro de coordenação de socorro. Estamos a trabalhar para que eu pessoalmente possa ir à Líbia este mês para tentar estabelecer uma igual divisão de direitos e responsabilidades nas duas margens do Mediterrâneo. - Depois do não da Líbia, contactamos o centro de busca e salvamento de Malta, enquanto centro responsável pelo controle da zona limítrofe à dos seis incidentes. As autoridades maltesas também não assumiram a responsabilidade pelos incidentes. Coisa que é habitual há anos. O facto de o governo ter erguido a sua voz vai provavelmente fazer com que os malteses se confrontem com a sua responsabilidade de nos ajudar a salvar vidas. Então, o centro de controle de Roma teve de proceder à operação de salvamento nos seis incidentes mencionados. Esta operação colocou em segurança 629 pessoas que foram reunidas no navio Aquarius. Com o término da operação de salvamento, o Aquarius começou a navegar em direção a norte. Uma vez chagado a território maltês, a fim de garantir a assistência imediata dos migrantes, o navio pediu a Malta - o navio da

ONG que tem hasteada a bandeira de Gibraltar -, via o centro de controle de Roma, um porto seguro onde atracar, com base na convenção de Hamburgo. É importante especificar que o Aquarius, às 12h do domingo, dia 10 de junho, quando se encontrava a sessenta e quatro milhas náuticas a sul de Malta, manifestou problemas de segurança a bordo e pediu a Malta permissão para o desembarque das pessoas socorridas. Enquanto aguardava uma resposta a este pedido, repetido durante todo o dia de domingo, dia 10 de junho, o navio Aquarius permanecia na área da competência de Malta. Nas primeiras horas da manhã de 11 de junho, o comandante da nave comunicou o centro de controle de Roma que as condições sanitárias estavam a deteriorar-se e os recursos alimentares chegavam ao fim. Contactado mais uma vez na manhã de 11 de junho, com uma comunicação oficial do centro de controle de Roma, Malta negava a sua própria competência no evento em questão. Simplesmente não estavam interessados. Enquanto esperavam por um porto seguro onde atracar, o navio Aquarius, que estava posicionada na zona de socorro e salvamento de Malta, esteve constantemente acompanhada de barcos patrulha da Guarda Costeira Italiana, com pessoal médico a bordo para prestar assistência se necessário. Foram também fornecidos recursos alimentares e tudo o necessário para as pessoas a bordo. Sublinho, mais uma vez, que informamos o capitão do navio Aquarius, em duas ocasiões diferentes, às 12h11m e às 14h do dia 11 de junho, a disponibilidade das autoridades italianas, sob minha indicação, para desembarcarem em território nacional as pessoas eventualmente necessitadas de assistência médica, incluindo mulheres grávidas e crianças. Disponibilidade que não foi aceite pelo comandante do navio. Esta é a diferença entre realidade virtual e realidade real, entre o que se lê na internet, nos jornais e nas redes sociais e a nossa proposta que obteve uma resposta cordial “não obrigado, não estamos interessados”. Claro que se há uma emergência nós somos os primeiros a querer intervir. Se aqueles a bordo não consideraram isto uma emergência, evidentemente que alguém diz que não é bem verdade. Mas é assim...

Na tarde de 11 de junho, o governo espanhol mostrou a sua disponibilidade para que o barco com 629 migrantes desembarcasse no porto de Valência. A permissão foi formalizada nesse mesmo dia às 22h48m. Estou grato aos nossos amigos espanhóis mas relembro os números, pois neste momento, Itália hospeda 170 000 requerentes de asilo, no sistema italiano, e o mesmo número em Espanha é de 16 000. 16 000. 170 000. Assim, agradeço o bom coração do Primeiro-Ministro Sanchez. Digamos que ele tem uma boa margem para exercer a sua generosidade e hospitalidade nestas próximas semanas, considerando o número de partida. De acordo com o capitão, para terminar a viagem em segurança, o navio Aquarius não poderia levar mais de 100 migrantes. Muito bem. Vamos lá. Na manhã de 11 de junho participamos numa reunião com o Primeiro-Ministro.

Quero agradecer aos meus colegas pela unidade na ação e nos objetivos, Danilo Toninelli, Transporte e Infraestruturas, Trenta, Defesa e Marinha Militar. Foi decidido enviar dois navios, um da marinha e outro da guarda costeira, para assistir o Aquarius e levar a bordo 250 pessoas no Orione e 273 no Dattilo, e assegurar uma viagem tranquila e segura até Valência para o Aquarius. Estes são os factos. Isto é uma assembleia e estão todos à vontade para os interpretarem como quiserem.

A crise migratória é de facto complexa. Refiro-me aos 170 000 migrantes acolhidos até ao momento, um número que tem vindo a diminuir no último ano, graças às operações inteligentes e efetivas do meu antecessor, para reduzir o número de pessoas. Algo que vou tentar trabalhar ainda mais. Existem algumas curiosidades. O maior grupo étnico que chegou este ano foram os 3 000 cidadãos tunisinos. E eu quero assim que possível encontrar-me com o meu colega tunisino, pois parece ser um país livre, com instituições independentes, não é vítima de uma guerra, praga ou fome, por isso quero prestar todo o apoio e ajuda necessária às pessoas da Tunísia, para que estes jovens possam crescer e encontrar trabalho e ter uma vida no seu país, em vez de os porem em barcos. Tenho outras quatro ou cinco páginas, mas prefiro dedicar o meu tempo a vocês, em vez de ler números.

Nestes últimos dias tenho falado com muitos colegas europeus. Tenho lido que a Itália está isolada. Creio que nunca estivemos tão centrais e nunca fomos tão ouvidos como agora. Falei com o meu colega alemão e acordamos que precisamos de tratar da proteção das fronteiras italianas assim como as fronteiras da Europa. Não podemos ser os únicos a fazer o que com mérito fazemos no Mediterrâneo, suportando os custos sociais e económicos. Se a Europa é aqui, que faça algo agora ou cale-se para sempre. Já demos essa oportunidade. Falei com o meu colega francês, com o meu colega húngaro e brevemente falarei com o meu colega austríaco. Falei com a embaixada de diversos países, da Tunísia à Líbia. Aí agora existe uma tensão como não antes havia. Temos de jogar as nossas cartas de uma maneira prepositiva e não só negativa. Além disso, a regulamentação de Dublin claramente necessita de ser superada. Em ano de experiência, tentaram impor uma norma que teria agravado a situação em Itália, com uma permanência de dez anos para posteriores migrantes, sem a possibilidade de serem acolhidos por outros países. Alinhamos com um “não” construtivo e com o meu colega alemão e o meu colega austríaco, dado que a partir do dia 1 de julho a Áustria assume a presidência da União Europeia, proporemos nós uma nova iniciativa, em ambos os planos, interno e externo. Tenho sentido um grande peso nos últimos dias. Existe crítica política. E deve haver. É saudável. E o meu objetivo é salvar vidas. O meu objetivo é permitir que

estas crianças cresçam da melhor maneira possível, sem terem de fugir das suas vilas e das suas cidades para acabar em jangadas que os criminosos do negócio do tráfico humano enviam, porque há alguém que vai recuperar esses desafortunados. Bom, veremos nas próximas horas... estão a desembarcar migrantes que foram salvos por barcos da autoridade militar italiana. Está na hora dos Estados serem Estados. Não é possível que sejam associações privadas, financiadas por quem conhece quem, a impor quando e como acontece a imigração, pois basta perceber de onde vem algum do financiamento, mas isso será objeto de uma próxima intervenção.

Eu adoro todo o tipo de generosidade, de voluntariado, sou inclusive um dador de sangue e dador de órgãos, mas quando leio que por detrás de algumas organizações existe a Fundação Open Society de George Soros, começo a ter algumas dúvidas sobre quão espontânea é esta generosidade. Sobre quão espontânea é esta generosidade.

Concluo com uma reflexão: “Ama o próximo como a ti mesmo”. Correto. Os meus próximos são mulheres e crianças que fugiram da guerra e que são as primeiras vítimas da confusão que estamos a viver. Porque para o pequeno número de mulheres e crianças que fogem da guerra “casa nostra, casa lora”, “minha casa, sua casa”, o que não pode ser confundido com a imigração clandestina que leva apenas a conflitos sociais. Mas “Ama o próximo como a ti mesmo” significa também amar os milhões de italianos que, em silêncio, têm perdido casa, trabalho e esperança. Casa, trabalho e esperança. Assim, com todas as minhas limitações e todos os meus defeitos farei tudo o que é humanamente possível para dar voz a estes verdadeiros refugiados e aos imigrantes legais e respeitáveis que vêm para construir um futuro para si e para os seus filhos, respeitando a nossa história, a nossa cultura e a nossa tradição. E acima de tudo, farei tudo o que consiga para que a esperança possa voltar para os italianos. A isto dedicarei os meus próximos anos como ministro e, acima de tudo, a minha vida.

Sinto-me honrado por estar à disposição do povo italiano. Obrigado.

7d) Jair Bolsonaro

Discurso de vitória

28 de outubro de 2018

Primeiro queria agradecer a Deus que pelas mãos de homens e mulheres da Santa Casa de Jesus de Fora bem como do Albert Einstein de São Paulo me deixaram vivos. Com toda a certeza esta é uma missão de Deus. Estaremos prontos para cumpri-la. Meu muito obrigado a todos no Brasil por esta oportunidade.

E, se me permite, eu gostaria de fazer a leitura do meu discurso da vitória:

Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará.

Nunca estive sozinho. Sempre senti a presença de Deus e a força do povo brasileiro.

Orações de homens, mulheres, crianças, famílias inteiras que, diante da ameaça de seguirmos por um caminho que não é o que os brasileiros desejam e merecem, colocaram o Brasil, nosso amado Brasil, acima de tudo.

Faço de vocês minhas testemunhas de que esse governo será um defensor da Constituição, da democracia e da liberdade. Isso é uma promessa não de um partido. Não é a palavra vã de um homem. É um juramento a Deus.

A verdade vai libertar este grande país, e a liberdade vai nos transformar em uma grande nação.

A verdade foi o farol que nos guiou até aqui e que vai seguir iluminando o nosso caminho.

O que ocorreu hoje nas urnas não foi a vitória de um partido, mas a celebração de um país pela liberdade.

O compromisso que assumimos com os brasileiros foi de fazer um governo decente, comprometido exclusivamente com o país e com o nosso povo - e eu garanto que assim o será.

Nosso governo será formado por pessoas que tenham o mesmo propósito de cada um que me ouve neste momento: o propósito de transformar o nosso Brasil em uma grande, livre e próspera nação.

Podem ter certeza de que nós trabalharemos dia e noite para isso. Liberdade é um princípio fundamental: liberdade de ir e vir, de andar nas ruas, em todos os lugares deste país, liberdade de empreender, liberdade política e religiosa, liberdade de informar e ter opinião. Liberdade de fazer escolhas e ser respeitado por elas.

Este é um país de todos nós, brasileiros natos ou de coração. Um Brasil de diversas opiniões, cores e orientações.

Como defensor da liberdade, vou guiar um governo que defenda e proteja os direitos do cidadão que cumpre seus deveres e respeita as leis; elas são para todos. Porque assim será o nosso governo; constitucional e democrático.

Acredito na capacidade do povo brasileiro, que trabalha de forma honesta, de que podemos juntos -- governo e sociedade - construir um futuro melhor.

Esse futuro de que falo e acredito passa por um governo que crie as condições para que todos cresçam. Isso significa que o governo federal dará um passo atrás, reduzindo a sua estrutura e a burocracia; cortando desperdícios e privilégios, para que as pessoas possam dar muitos passos à frente.

Nosso governo vai quebrar paradigmas: vamos confiar nas pessoas. Vamos desburocratizar, simplificar e permitir que o cidadão, o empreendedor, tenha mais liberdade para criar e construir e seu futuro.

Vamos "desamarrar" o Brasil.

Outro paradigma que vamos quebrar: o governo respeitará, de verdade, a Federação. As pessoas vivem nos municípios; portanto, os recursos federais irão diretamente do governo central para os estados e municípios. Colocaremos de pé a federação brasileira. Nesse sentido é que repetimos que precisamos de mais Brasil e menos Brasília.

Muito do que estamos fundando no presente trará conquistas no futuro. As sementes serão lançadas e regadas para que a prosperidade seja o desígnio dos brasileiros do presente e do futuro. Esse não será um governo de resposta apenas às necessidades imediatas.

As reformas a que nos propomos serão para criar um novo futuro para os brasileiros. E quando digo isso falo com uma mão voltada para o seringueiro no coração da selva amazônica e a outra para o empreendedor suando para criar e desenvolver sua empresa. Porque não existem brasileiros do sul ou do norte. Somos todos um só país, somos todos uma só nação!

Uma nação democrática!

O estado democrático de direito tem como um dos seus pilares o direito de propriedade.

Reafirmamos aqui o respeito e a defesa deste princípio constitucional e fundador das principais nações democráticas do mundo.

Emprego, renda e equilíbrio fiscal: é o nosso compromisso para ficarmos mais próximos de oportunidades e trabalho para todos.

Quebraremos o círculo vicioso do crescimento da dívida, substituindo-o pelo círculo virtuoso de menor déficit, dívidas decrescente e juros mais baixos.

Isso estimulará os investimentos, o crescimento e a consequente geração de empregos. O déficit público primário precisa ser eliminado o mais rápido possível e convertido em superavit.

Este é o nosso propósito.

Aos jovens, uma palavra do fundo do meu coração: vocês têm vivido um período de incerteza e estagnação econômica. Vocês foram e estão sendo testados a provar sua capacidade de resistir. Prometo que isso vai mudar. Esta é a nossa missão. Governaremos com os olhos nas futuras gerações e não na próxima eleição.

Libertaremos o Brasil e o Itamaraty das relações internacionais com viés ideológico a que foram submetidos nos últimos anos. O Brasil deixará de estar apartado das nações mais desenvolvidas.

Buscaremos relações bilaterais com países que possam agregar valor econômico e tecnológico aos produtos brasileiros. Recuperaremos o respeito internacional pelo nosso amado Brasil.

Durante a nossa caminhada de quatro anos pelo Brasil, uma frase se repetiu muitas vezes: "Bolsonaro, você é a nossa esperança".

Cada abraço, cada aperto de mão, cada palavra ou manifestação de estímulo que recebemos nesta caminhada fortaleceram o nosso propósito de colocar o Brasil no lugar que merece.

Nesse projeto que construímos, cabem todos aqueles que têm o mesmo objetivo que o nosso.

Mesmo no momento mais difícil desta caminhada, quando, por obra de Deus e da equipe médica de Juiz de Fora e do Albert Einstein, ganhei uma nova certidão de nascimento, não perdemos a convicção de que juntos poderíamos chegar a esta vitória.

É com essa mesma convicção que afirmo que ofereceremos a vocês um governo decente, que trabalhará verdadeiramente para todos os brasileiros. Somos um grande país e agora vamos juntos transformar esse país em uma grande nação. Uma nação livre, democrática e próspera. Brasil acima de tudo. Deus acima de todos.

Discursos de tomada de posse

1 de janeiro de 2019

No Palácio do Planalto:

Amigas e amigos de todo o Brasil,

É com humildade e honra que me dirijo a todos vocês como presidente do Brasil. E me coloco diante de toda a nação, neste dia, como o dia em que o povo começou a se libertar do socialismo, da inversão de valores, do gigantismo estatal e do politicamente correto.

As eleições deram voz a quem não era ouvido. E a voz das ruas e das urnas foi muito clara. E eu estou aqui para responder e, mais uma vez, me comprometer com esse desejo de mudança. Também estou aqui para renovar nossas esperanças e lembrar que, se trabalharmos juntos, essa mudança será possível.

Respeitando os princípios do estado democrático de direito, guiados por nossa Constituição e com Deus no coração, a partir de hoje, vamos colocar em prática o projeto que a maioria do povo brasileiro democraticamente escolheu, vamos promover as transformações de que o país precisa. Temos recursos minerais abundantes, terras férteis abençoadas por Deus e um povo maravilhoso.

Temos uma grande nação para reconstruir e isso faremos juntos. Os primeiros passos já foram dados. Graças a vocês, eu fui eleito com a campanha mais barata da história. Graças a vocês, conseguimos montar um governo sem conchavos ou acertos políticos, formamos um time de ministros técnicos e capazes para transformar nosso Brasil. Mas ainda há muitos desafios pela frente.

Não podemos deixar que ideologias nefastas venham a dividir os brasileiros. Ideologias que destroem nossos valores e tradições, destroem nossas famílias, alicerces da nossa sociedade.

E convido a todos para iniciarmos um movimento nesse sentido. Podemos, eu, você e as nossas famílias, todos juntos, restabelecer padrões éticos e morais que transformarão nosso Brasil.

A corrupção, os privilégios e as vantagens precisam acabar. Os favores politizados, partidarizados devem ficar no passado, para que o Governo e a economia sirvam de verdade a toda Nação. Tudo o que propusemos e tudo o que faremos a partir de agora tem um propósito comum e inegociável: os interesses dos brasileiros em primeiro lugar. O brasileiro pode e deve sonhar. Sonhar com uma vida melhor, com melhores condições para usufruir do fruto do seu trabalho pela meritocracia. E ao governo cabe ser honesto e eficiente.

Apoiando e pavimentando o caminho que nos levará a um futuro melhor, ao invés de criar pedágios e barreiras. Com este propósito iniciamos nossa caminhada. E com este espírito e determinação que toda equipe de governo assume no dia de hoje.

Temos o grande desafio de enfrentar os efeitos da crise econômica, do desemprego recorde, da ideologização de nossas crianças, do desvirtuamento dos direitos humanos, e da desconstrução da família. Vamos propor e implementar as reformas necessárias. Vamos ampliar infraestruturas, desburocratizar, simplificar, tirar a desconfiança e o peso do Governo sobre quem trabalha e quem produz.

Também é urgente acabar com a ideologia que defende bandidos e criminaliza policiais, que levou o Brasil a viver o aumento dos índices de violência e do poder do crime organizado, que tira vidas de inocentes, destrói famílias e leva a insegurança a todos os lugares. Nossa preocupação será com a segurança das pessoas de bem e a garantia do direito de propriedade e da legítima defesa, e o nosso compromisso é valorizar e dar respaldo ao trabalho de todas as forças de segurança.

Pela primeira vez, o Brasil irá priorizar a educação básica, que é a que realmente transforma o presente e o futuro de nossos filhos e netos, diminuindo a desigualdade social.

Temos que nos espelhar em nações que são exemplos para o mundo e que por meio da educação encontraram o caminho da prosperidade.

Vamos retirar o viés ideológico de nossas relações internacionais. Vamos em busca de um novo tempo para o Brasil e os brasileiros!

Por muito tempo, o país foi governado atendendo a interesses partidários que não o dos brasileiros. Vamos restabelecer a ordem neste país.

Sabemos do tamanho da nossa responsabilidade e dos desafios que vamos enfrentar. Mas sabemos aonde queremos chegar e do potencial que o nosso Brasil tem. Por isso vamos dia e noite perseguir o objetivo de tornar o nosso país um lugar próspero e seguro para os nossos cidadãos e uma das maiores nações do planeta.

Podem contar com toda a minha dedicação para construir o Brasil dos nossos sonhos

Agradeço a Deus por estar vivo e a vocês que oraram por mim e por minha saúde nos momentos mais difíceis.

Peço ao bom Deus que nos dê sabedoria para conduzir a nação.

Que Deus abençoe esta grande nação.

Brasil acima de tudo, Deus acima de todos.

No Congresso Nacional:

Excelentíssimo presidente do Congresso Nacional, senador Eunício Oliveira, Senhoras e senhores chefes de Estado, chefes de Governo, vice-chefes de Estado e vice-chefes de Governo, que me honram com suas presenças.

Vice-presidente da República Federativa do Brasil, Hamilton Mourão, meu contemporâneo de Academia Militar de Agulhas Negras; Presidente da Câmara dos Deputados, prezado amigo e companheiro, deputado Rodrigo Maia; Ex-presidentes da República Federativa do Brasil, senhor José Sarney, senhor Fernando Collor de Mello; Presidente do Supremo Tribunal Federal, ministro Dias Toffoli; Senhoras e senhores ministros de Estado e comandantes das Forças aqui presentes; Procuradora-Geral da República, Raquel Dodge; Senhoras e senhores governadores; Senhoras e senhores senadores e deputados federais; Senhoras e senhores chefes de missões estrangeiras acreditados junto ao governo brasileiro; Minha querida esposa Michelle, daqui, vizinha Ceilândia; Meus filhos e familiares aqui presentes – a conheci aqui na Câmara, Brasileiros e brasileiras:

Primeiro, quero agradecer a Deus por estar vivo. Que, pelas mãos de profissionais da Santa Casa de Juiz de Fora, operaram um verdadeiro milagre, Obrigado, meu Deus!

Com humildade, volto a esta Casa, onde, por 28 anos, me empenhei em servir à nação brasileira, travei grandes embates e acumulei experiências e aprendizados que me deram a oportunidade de crescer e amadurecer.

Volto a esta Casa, não mais como deputado, mas como Presidente da República Federativa do Brasil, mandato a mim confiado pela vontade soberana do povo brasileiro.

Hoje, aqui estou, fortalecido, emocionado e profundamente agradecido a Deus, pela minha vida, e aos brasileiros, que confiaram a mim a honrosa missão de governar o Brasil, neste período de grandes desafios e, ao mesmo tempo, de enorme esperança. Governar com vocês.

Aproveito este momento solene e convoco cada um dos Congressistas para me ajudarem na missão de restaurar e de reerguer nossa Pátria, libertando-a, definitivamente, do jugo da corrupção, da criminalidade, da irresponsabilidade econômica e da submissão ideológica.

Temos, diante de nós, uma oportunidade única de reconstruir o nosso País e de resgatar a esperança dos nossos compatriotas.

Estou certo de que enfrentaremos enormes desafios, mas, se tivermos a sabedoria de ouvir a voz do povo, alcançaremos êxito em nossos objetivos, e, pelo exemplo e pelo trabalho, levaremos as futuras gerações a nos seguir nesta tarefa gloriosa.

Vamos unir o povo, valorizar a família, respeitar as religiões e nossa tradição judaico-cristã, combater a ideologia de gênero, conservando nossos valores. O Brasil voltará a ser um país livre das amarras ideológicas.

Pretendo partilhar o poder, de forma progressiva, responsável e consciente, de Brasília para o Brasil; do Poder Central para Estados e Municípios.

Minha campanha eleitoral atendeu ao chamado das ruas e forjou o compromisso de colocar o Brasil acima de tudo e Deus acima de todos.

Por isso, quando os inimigos da Pátria, da ordem e da liberdade tentaram pôr fim à minha vida, milhões de brasileiros foram às ruas. Uma campanha eleitoral transformou-se em um movimento cívico, cobriu-se de verde e amarelo, tornou-se espontâneo, forte e indestrutível, e nos trouxe até aqui.

Nada aconteceria sem o esforço e o engajamento de cada um dos brasileiros que tomaram as ruas para preservar nossa liberdade e democracia.

Reafirmo meu compromisso de construir uma sociedade sem discriminação ou divisão.

Daqui em diante, nos pautaremos pela vontade soberana daqueles brasileiros: que querem boas escolas, capazes de preparar seus filhos para o mercado de trabalho e não para a militância política; que sonham com a liberdade de ir e vir, sem serem vitimados pelo crime; que desejam conquistar, pelo mérito, bons empregos e sustentar com dignidade suas famílias; que exigem saúde, educação, infraestrutura e saneamento básico, em respeito aos direitos e garantias fundamentais da nossa Constituição.

O Pavilhão Nacional nos remete à “Ordem e ao Progresso”.

Nenhuma sociedade se desenvolve sem respeitar esses preceitos.

O cidadão de bem merece dispor de meios para se defender, respeitando o referendo de 2005, quando optou, nas urnas, pelo direito à legítima defesa.

Vamos honrar e valorizar aqueles que sacrificam suas vidas em nome de nossa segurança e da segurança dos nossos familiares.

Contamos com o apoio do Congresso Nacional para dar o respaldo jurídico para os policiais realizarem o seu trabalho.

Eles merecem e devem ser respeitados!

Nossas Forças Armadas terão as condições necessárias para cumprir sua missão constitucional de defesa da soberania, do território nacional e das instituições democráticas, mantendo suas capacidades dissuasórias para resguardar nossa soberania e proteger nossas fronteiras.

Montamos nossa equipe de forma técnica, sem o tradicional viés político que tornou o Estado ineficiente e corrupto.

Vamos valorizar o Parlamento, resgatando a legitimidade e a credibilidade do Congresso Nacional.

Na economia traremos a marca da confiança, do interesse nacional, do livre mercado e da eficiência.

Confiança no cumprimento de que o governo não gastará mais do que arrecada e na garantia de que as regras, os contratos e as propriedades serão respeitados.

Realizaremos reformas estruturantes, que serão essenciais para a saúde financeira e sustentabilidade das contas públicas, transformando o cenário económico e abrindo novas oportunidades.

Precisamos criar um círculo virtuoso para a economia que traga a confiança necessária para permitir abrir nossos mercados para o comércio internacional, estimulando a competição, a produtividade e a eficácia, sem o viés ideológico.

Nesse processo de recuperação do crescimento, o setor agropecuário seguirá desempenhando um papel decisivo, em perfeita harmonia com a preservação do meio ambiente.

Dessa forma, todo setor produtivo terá um aumento da eficiência, com menos regulamentação e burocracia.

Esses desafios só serão resolvidos mediante um verdadeiro pacto nacional entre a sociedade e os Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, na busca de novos caminhos para um novo Brasil.

Uma de minhas prioridades é proteger e revigorar a democracia brasileira, trabalhando arduamente para que ela deixe de ser apenas uma promessa formal e distante e passe a ser um componente substancial e tangível da vida política brasileira, com o respeito ao Estado Democrático.

A construção de uma nação mais justa e desenvolvida requer a rutura com práticas que se mostram nefastas para todos nós, maculando a classe política e atrasando o progresso.

A irresponsabilidade nos conduziu à maior crise ética, moral e económica de nossa história.

Hoje começamos um trabalho árduo para que o Brasil inicie um novo capítulo de sua história.

Um capítulo no qual o Brasil será visto como um País forte, pujante, confiante e ousado.

A política externa retomará o seu papel na defesa da soberania, na construção da grandeza e no fomento ao desenvolvimento do Brasil.

Senhoras e senhores Congressistas,

Deixo esta casa, rumo ao Palácio do Planalto, com a missão de representar o povo brasileiro.

Com a bênção de Deus, o apoio da minha família e a força do povo brasileiro, trabalharei incansavelmente para que o Brasil se encontre com o seu destino e se torne a grande nação que todos queremos.

Muito obrigado a todos vocês.

Brasil acima de tudo!

Deus acima de todos!